

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES – ILA  
DOUTORADO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM HISTÓRIA DA LITERATURA

JULIANE CARDOZO DE MELLO

**“SER OU NÃO SER LITERATURA? EIS A QUESTÃO”, A LEITURA  
DE FOLHETINS EM RIO GRANDE NO SÉCULO XIX**

**Volume II**

RIO GRANDE  
DEZEMBRO, 2017

JULIANE CARDOZO DE MELLO

**“SER OU NÃO SER LITERATURA? EIS A QUESTÃO”, A LEITURA  
DE FOLHETINS EM RIO GRANDE NO SÉCULO XIX**

**Volume II**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito final para obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientador: Dr. Artur Emílio Alarcon Vaz

RIO GRANDE- RS  
DEZEMBRO, 2017

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO GERAL</b> .....	4
CRITÉRIOS DE REVISÃO E ATUALIZAÇÃO ORTOGRÁFICA.....	5
<b>PRIMEIRA PARTE – LISTA DE FOLHETINS</b> .....	6
<b>SEGUNDA PARTE – FOLHETINS</b> .....	22
LÚCIA DE MIRANDA.....	23
UM CREDOR.....	38
A FILHA NA SEPULTURA.....	66
DOIS ANJOS.....	71
A MULHER DE OLHOS NEGROS.....	82
MISTÉRIOS DO RIO GRANDE.....	105
UM TIPO DE MULHER.....	111
<b>TERCEIRA PARTE – IMAGENS</b> .....	207

## APRESENTAÇÃO GERAL

Neste segundo volume de minha tese, faço uma amostragem do *corpus* recolhido e analisado por mim e pelos demais integrantes do projeto de pesquisa *O sistema literário em Rio Grande no século XIX* e *Dicionário de autores de Rio Grande no século XIX* que, com apoio do CNPq e da FAPERGS, coletaram, transcreveram e digitalizaram os folhetins, as obras publicadas pelos livreiros e o *Catálogo* de romances do Gabinete de Leitura.

Apresento, primeiramente, a listagem dos 166 folhetins localizados, acompanhados de seus autores, do jornal e do período de publicação. Ressalto que, devido à incompletude dos números dos periódicos, nem todos os dados foram localizados, aspecto que sinalizo e que, nos casos mais salientes, analiso no terceiro capítulo do primeiro volume. Ademais, os títulos citados fazem parte de uma seleção, uma vez que, no espaço “rodapé” e sobre a alcunha de “folhetim”, muitos outros textos foram publicados e que foram suprimidos devido a não apresentarem características literárias ou ainda por distinguírem-se como *fait divers*.

Em ordem cronológica, transcrevo os folhetins: *Lúcia de Miranda* (1851), de Candido Batista de Oliveira; *Um credor* (1862), de Mary Edgeworth e *A filha na sepultura* (1866), de Hans Christian Andersen, ambas as traduções de Carlos von Koseritz; *Dois anjos* e *A mulher de olhos negros* (1868), de Juvêncio de Meneses Paredes; *Mistérios de Rio Grande: a moeda falsa* (1872), de Junius e *Um tipo de mulher* (1878), de João Damasceno Vieira Fernandes; todos inéditos e de autores/tradutores desconhecidos e com textos inacessíveis ao grande público. A obra *Um drama no mar* (1862), também de Carlos von Koseritz, por já ter sido compilada em minha dissertação e, posteriormente, publicada em livro (VAZ; MELLO, 2013) foi suprimida destes anexos.

Transcrevo também dois textos críticos, publicados no jornal *Inúbia*, em 1868, que tratam do gênero folhetim e das implicações de ser folhetinista e ainda algumas imagens dos folhetins e dos anúncios das folhas pesquisadas.

## CRITÉRIOS DE REVISÃO E ATUALIZAÇÃO ORTOGRÁFICA

Para auxiliar os leitores na apreciação dos folhetins, atualizei a ortografia, pontuação e nomes próprios, corriji desvios gramaticais e tipográficos. Optei por não inserir notas de rodapé para as palavras em desuso, porém dicionarizadas, e por traduzir as citações em outros idiomas, sempre que as mesmas não fossem expressões cotidianas e de conhecimento geral. Além disso, as notas de rodapé foram utilizadas sempre que as referências mitológicas literárias são pouco evidentes ou pouco citadas contemporaneamente.

No que tange à formatação, mantive o itálico somente nos estrangeirismos, exceto em casos em que o mesmo caracteriza-se como marca de tom de ironia na fala da personagem. Retirei os travessões expletivos, os pontos e vírgulas sem função aparente, e os dois pontos sem função explicativa, porém, mantive as reticências de acordo com os originais.

# **PRIMEIRA PARTE**

## 1. LISTA DE FOLHETINS

A lista – em ordem cronológica de publicação – tem as seguintes informações: título, autor do folhetim; nome do jornal e data de publicação.

1. "História de um ladrão", sem autoria atribuída. *In Rio-Grandense*, de 8 nov. 1845 [sem data de término].
2. "O moço loiro", de Joaquim Manuel Macedo. *In Rio-Grandense*, de 1846 até o final do ano de 1847.
3. "Praxedes, imperatriz da Alemanha", de Alexandre Dumas. *In Rio-Grandense*, de 21 out. 1847 [sem data de término].
4. "Carlo Broschi", de Eugène Scribe. *In Rio-Grandense*, de 2 mai. 1848 a 30 set. 1848.
5. "A grande cidade", de Paul de Kock. *In Rio-Grandense*, de 9 nov. 1848 a 21 abr. 1849.
6. "Piquillo Alliaga. Os mouros no reinado de Filipe III", de Eugène Scribe. *In Diário de Rio Grande*, de 1 fev. 1849 a 25 fev. 1850.
7. "Hervé", de Daniel Stern. *In Rio-Grandense*, de 24 abr. a 24 mai. 1849.
8. "Emília de Grasville", de J. A. de Andrade. *In Rio-Grandense*, de 29 mai. a 21 ago. 1849.
9. "A feiticeira", de Antonio Joaquim da Rosa. *In Diário de Rio Grande*, de 21 a 23 jul. 1849.
10. "Carlos Sand", de Aphonse Brot. *In Rio-Grandense*, de 28 ago. 1849 a 9 fev. 1850.

11. "O castigo", de Glodomiro Paredes. *In Arcádia*, de 5 e 19 set. 1849.
12. "O procurador do Rei", Jules A. David. *In Rio-Grandense*, de 12 fev. 1850 a 27 jul. 1850.
13. "Os sete pecados mortais ou Frederico Bastien", Eugène Sue. *In Diário de Rio Grande*, de 25 fev. a 19 jul. 1850.
14. "Os mistérios do povo", Eugène Sue. *In Diário de Rio Grande*, de 1v: 21 jul. 1850 a 6 fev. 1851; 2v. 17 jan. a 24 dez. 1851.
15. "Memórias de um endemoninhado, escritas por ele mesmo", sem autoria atribuída. *In Rio-Grandense*, de 20 ago. 1850 a 30 set. 1850.
16. "A Saloinha", Paul Musset. *In Rio-Grandense*, de 2 out. 1850 a 30 nov. 1850.
17. "Joana de Castella", Mem. Clemence Robert. *In Rio-Grandense*, de 5 jan. 1851 a 10 fev. 1851.
18. "O chalé preto", Alex de Valon. *In Rio-Grandense*, de 25 fev. a 26 mar. 1851
19. "Madelina", Paulo A. Gustavo. *In Rio-Grandense*, de 3 a 23 abr. 1851.
20. "Judith, ou o camarote da ópera", de Scribe. *In Rio-Grandense*, de 23 abr. a 12 mai. 1851.
21. "Rosa", de Joaquim Manuel Macedo. *In Diário de Rio Grande*, de 1 maio 1851 a 18 jan. 1853.
22. "Montevidéu", de Alexandre Dumas. *In Rio-Grandense*, de 13 mai. a 12 jun.



1851.

23. “Tristes efeitos da escravidão ou o inventário do lavrador americano”, de Émile Souvestre. *In Rio-Grandense*, de 12 a 23 jun. 1851.

24. “As fatalidades de dois jovens”, de A. G. Teixeira e Souza. *In Rio-Grandense*, de 23 jun. a 29 ago. 1851 (1º vol.) e de 30 ago. a 28 out. 1851 (2º vol.).

25. “Deus dispõe”, de Alexandre Dumas. *In Rio-Grandense*, de 28 out. 1851 a 11 ago. 1852.

26. “Lúcia de Miranda”, de Candido Batista de Oliveira. *In Diário de Rio Grande*, de 18 a 24 nov. 1851.

27. “Miss Mary ou A mestra”, de Eugène Sue. *In Diário de Rio Grande*, de 16 abr. a 4 jul. 1852.

28. “Bela Rosa”, de Amedée Achard. *In Diário de Rio Grande*, de 7 jul. a 23 dez. 1852.

29. “A judia no Vaticano ou O amor em Roma”, de Mery. *In Rio-Grandense*, de 11 ago. a 24 nov. 1852.

30. “O cão e o gato”, de Amedée Achard. *In Rio-Grandense*, de 25 nov. a 25 dez. 1852.

31. “Deus e o Diabo”, de Alexandre Dumas. *In Rio-Grandense*, de 25 dez. 1852 a 26 jan. 1853.

32. “Olímpia de Cleves (Folhetim do Jornal do Comércio)”, de Alexandre Dumas. *In Diário de Rio Grande*, 2 jan. a 17 jul. 1853.

33. “Amor depois da morte”, de Xavier de Marmier. *In Rio-Grandense*, de 16 a 30 mar. 1853.
34. “As belas loucuras (Folhetim do Correio do Brasil)”, de Lean Gazlan. *In Rio-Grandense*, de 30 mar. a 4 abr. 1853.
35. “A casinha do Tio Tomaz (Folhetim do Correio do Brasil da corte)”, de Henriqueta Stowe. *In Rio-Grandense*, de 4 a 8 abr. 1853.
36. “A casa do Diabo”, sem autoria atribuída. *In Rio-Grandense*, de 8 a 13 abr. 1853.
37. “A vítima”, sem autoria atribuída. *In Rio-Grandense*, de 13 a 15 abr. 1853.
38. “História Espanhola”, sem autoria atribuída. *In Rio-Grandense*, de 15 a 19 abr. 1853.
39. “A execução de Joana Grey”, de Frederico Soulié, *In Rio-Grandense*, de 20 a 21 abr. 1853.
40. “História das revoluções de Pirmasentz cidade de setenta e oito casas”, sem autoria atribuída. *In Rio-Grandense*, de 21 a 28 abr. 1853.
41. “A marquesa ensanguentada”, de Condessa Dash. *In Rio-Grandense*, de (1º vol.) 28 abr. a 16 jun. 1853; (2º vol.) 17 jun. a 17 jul. 1853, (3º vol.) 17 jul. a 26 ago. 1853; (4º vol.) 27 ago. a 18 out. 1853.
42. “A mão do finado”, de Alexandre Dumas. *In Rio-Grandense*, de (1º vol.) 18 out. a 15 nov. 1853; (2º vol.) 15 nov. a 16 dez. de 1853; (3º vol.) 16 dez. a 25 dez. 1853; (4º vol.) 25 dez. a 24 jan. 1854; (5º vol.) 24 jan. a 9 fev. 1854.
43. “Militona”, de Theofilo Goutier. *In Rio-Grandense*, de 10 fev. a 2 mar. 1854.

44. “Mont-Reveche”, de George Sand. *In Rio-Grandense*, (1º vol.) de 3 mar. a 28 mar.; (2º vol.) 28 mar. A 25 abri.; (3º vol.) 26 abri. a 24 mai. 1854.

45. “O conde de Lavernia”, de Augusto Maquet. *In Rio-Grandense*, (1º vol.) de 27 mai. a 2 jul; (2º vol.) 5 jul. a 6 ago.; (3º vol.) 9 ago. a 12 set.; (4º vol.) 12 set. a 19 out.; (5º vol.) 19 out. a 7 dez.; (6º vol.) 7 dez. 1854 a [sem data de término].

46. “Ernani o Drama lírico em quatro atos”, Victor Hugo. *In Rio-Grandense*, de 9 a 16 nov. 1854.

47. “A buena-dicha (Folhetim do Jornal do Comércio)”, de Eugène Sue. *In Diário de Rio Grande*, de 1º mai. a 20 out. 1853.

48. “Branca d’Orbe (Folhetim do Diário de Pernambuco)”, de Hippolyte Castille, *In Diário de Rio Grande*, de 1º fev. a 21 mai. 1854.

49. “A mão do finado”, de Alexandre Dumas. *In Diário de Rio Grande*, de 7 ago.1853 a 27 jan. 1854.

50. “Os calções de Richelieu”, de Charles Expilly. *In Diário de Rio Grande*, de 5 a 27 fev. 1854.

51. “A Rosa”, de Joaquim Manuel de Macedo. *In Diário de Rio Grande*, de 22 mai. a 13 out. 1854.

52. “A dama das pérolas”, de Alexandre Dumas Filho. *In Diário de Rio Grande*, de 14 out. 1854 a 17 fev. 1855.

53. “Vicentina”, Joaquim Manuel de Macedo. *In Diário de Rio Grande*, de 31 mar. a 4 set. 1855.

54. “O procurador do rei”, de Jules A. David, *In A imprensa*, de 14 mai. a 18

dez. 1855.

55. “Recordações de viagem. Espírito de mulher”, de George Bisse, *In Diário de Rio Grande*, de 18 a 24 mar. 1855.

56. “Antes a morte do que a escravidão”, de Moleri, *In Diário de Rio Grande*, de 25 a 30 mar. 1855.

57. “Pensa e ama”, sem autoria atribuída. *In Diário de Rio grande*, de 19 a 23 set. 1855.

58. “A mulher”, de Adadus Calpe. *In Diário de Rio Grande*, de 4 a 17 out.1855.

59. “O forasteiro”, de Joaquim Manuel de Macedo. *In Diário de Rio Grande*, de 23 out. 1855 a 1º jan. 1856.

60. “Uma vítima da felicidade”, sem autoria atribuída. *In Diário de Rio Grande*, de 7 a 15 mar. 1856.

61. “A virgem da Polônia”, de José Joaquim Rodrigues de Bastos. *In Novo Rio-Grandense*, de 12 fev. 1858 a [sem data de término].

62. “A mulher”, de Furtado Coelho. *In Novo Rio-Grandense*, de 6º abr. 1858 a [sem data de término].

63. “O pavilhão negro”, de Mendes Leal. *In Eco do sul*, de 26 a 29 ago.1859.

64. “Memórias da viagem de suas Majestades Imperiais a Petrópolis”, Antônio Estevão. *In Diário de Rio Grande*, 14 ago a 6 set 1861.

65. “Belisário”, de Jean-François Marmontel, *In Eco do Sul*, de 10 set.1861 [sem data de término].

66. "O genro" (traduzido por José Vicente Thibaut), de Charles de Bernard. *In Eco do Sul*, de 30 set. a 4 dez. 1861.

67. "A volta do Soldado", de Gandella de Landelle. *In Eco do Sul*, de 5 dez. 1861.

68. "A marquesa de Belverano", de Léon Gozlan. *In Eco do Sul*, de 3 mai. 1861 a 28 jun. 1861.

69. "As folhas de um álbum", sem autoria atribuída. *In Eco do Sul*, de 29 jun. a 19 jul. 1861.

70. "Um credor" (traduzido por Carlos de Koseritz), de Mary Edgeworth. *In Eco do Sul*, de 4 fev. a 22 abr. 1862.

71. "Um drama do mar", Carlos de Koseritz. *In Eco do Sul*, de 11 out. a 4 nov. 1862.

72. "O valor da vida", E. Scribe. *In Eco do Sul*, de 23 a 25 out. 1863.

73. "A pérola de Roma", Pereira Rodrigues. *In Eco do Sul*, de 13 abr. a 16 abr. 1863.

74. "A filha na sepultura", Hans Christian Andersen. Tradução de Carlos von Koseritz. *In Eco do Sul*, 23 dez. 1866.

75. "O Segredo de uma família: páginas soltas de um romance histórico", Santos Carvalho. *In Eco do Sul*, de 17 abr. a 21 abr. 1864.

76. "A igreja do copo d'água", sem autoria atribuída. *In Eco do Sul*, 12 mai. 1864.

77. "As duas casadas", de Maurício Barr (Jornal des Desmoiselles). *In Eco do*

*Sul*, de 22 a 25 mai. 1864.

78. “Por que?”, de Matilde Stev. *In Eco do Sul*, de 22, 23, 24, 25 dez. 1866 [sem data de término].

79. “Os miseráveis”, de Vitor Hugo. *In Diário de Rio Grande*, de \_\_\_a \_\_\_ 1862.

80. “O ouro é uma quimera”, George Sand. *In Diário de Rio Grande*, de 9 de jul. 1862 [sem data de término].

81. “As três irmãs”, sem autoria atribuída. *In Diário de Rio Grande*, 26 de ago. 1863 [sem data de término].

82. “Dois anjos”, de Juvêncio de Meneses Paredes. *In Inúbia*, 15, 22 e 29 mar. 1868.

83. “A mulher dos olhos negros”, de Juvêncio de Meneses Paredes. *In Inúbia*, de 5 abr. a 31 mai. 1868.

84. “Armandina”, de Charles Deslys. *In Diário de Rio Grande*, 31 jul. a 11 ago. 1869.

85. “A morte de uma flor (versão do espanhol)”, sem autoria atribuída. *In Arcádia*, de 14 e 21 fev. 1870 [sem data de término].

86. “O tesouro fatal”, de Ernest Daudet. *In Diário do Rio Grande*, 6 abr. a 11 dez. 1870.

87. “A mulher imortal”, de Ponson Du Terrail. *In Diário de Rio Grande*, de 18 ago. 1869 a 4 abr. 1870.

88. “A família do jesuíta”, de José Maria Ferreira de Andrade. *In Diário de Rio Grande*, de 12 dez. 1870 a 2 fev. 1871.

89. “O conde de Mansfeldt”, de Alexander de Lavergne. *In Diário de Rio Grande*, 10 mai. a 9 jul. 1871.
90. “O risco de união”, de Moleri. *In O Tempo*, de 6 jul. a 29 ago. 1871.
91. “A missa de sangue”, de J. Felizardo. *In O tempo*, 23, 25 e 26 ago. 1871.
92. “Margarida”, Fred Soulié. *In Diário de Rio Grande*, de 20 jul. 1871 a 14 jan. 1872.
93. “Mistérios de Rio Grande: A moeda falsa”, de Junius. *In O Tempo*, 5, 11, 23 jan. 1872 [sem data de término].
94. “História de um tabelião e de uma pipa de ouro em pó”, de Paul Féval. *In Diário de Rio Grande*, de 15 jan. 1872 a 21 ago. 1873.
95. “Vida infernal”, de Émile Gaboriau. *In Diário de Rio Grande*, de 22 ago. 1873 a 18 out. 1874.
96. “O primeiro amor de Carlos Nodier”, de Paul Féval, *In Diário de Rio Grande*, de 27 out. a 12 nov. 1875.
97. “O ninho dos rouxinóis”, de Théophile Gautier. *In Diário de Rio Grande*, 14 nov. e 17 nov. 1875.
98. “Oh! Que apuros!...”, Leopoldo Marchal. *In Diário de Rio Grande*, 21 a 27 nov. 1875.
99. “Por que?”, Mathilde Stev. *In Diário de Rio Grande*, de 28 nov. a 30 dez. 1875.
100. “O castelo das três torres” de Mery, traduzido por J. N. do Cruzeiro Seixas.

*In Diário de Rio Grande*, de 20 jan. a 5 jun. 1878.

101. “A velhice do senhor Lecoq”, Fortuné de Boisgobey. *In O Artista*, de \_\_\_\_ a \_\_\_\_ 1878.

102. “Um tipo de mulher”, de Jorge de Andrade. *In Diário de Rio Grande*, de 19 jun. a 22 set. 1878.

103. “O aleijado”, de Mme. Marsh. *O Artista*, de 3 out. a 24 out. 1878.

104. “Duas almas transmigradas”, de Mery. *In Diário de Rio Grande*, de 4 out. 1878 a 30 jan. 1879.

105. “A pele do defunto”, Camille Debans. *In O Artista*, de 25 out. 1878 a 11 fev. 1879.

106. “Duas mães”, de Émile Richebourg. *In O Artista*, de 12 fev. a 23 set. 1879.

107. “Trinta anos de aventura”, Fortuné de Boisgobey. *In Gazeta Mercantil*, de 21 set. a 31 dez. 1879.

108. “O redivivo” A. Mathey. *In O Artista*, de 24 set. a 23 dez. 1879.

109. “O filho”, Émile Richebourg. *In O Artista*, de 24 dez. 1879 a 28 mai. 1880.

110. “A milionária” A. Brot. *In O Artista*, de 26 jan. 1880 a 18 jul. 1881.

111. “A mulher do joalheiro”, de Paul Saunière. *In Diário de Rio Grande*, de 26 abr. 1880 a 13 jan. 1881.

112. “O carro nº 13”, de Xavier de Montépin. *In O Artista*, de 29 mai. 1880 a 21 fev. 1881.

113. “Margarida”, de Lúcio de Castro. *In Diário de Rio Grande*, de 22 dez. a 28



dez. 1880.

114. “A desforra de Cláudio”, de A. Marthey. *In Eco do Sul*, de 7 ago. 1880 a 22 jun. 1881.

115. “O segredo da viúva”, de A. Marthey. *In Diário de Rio Grande*, 14 jan. a 7 ago. 1881.

116. “Os casamentos amaldiçoados”, de Jules Lermina. *In O Artista*, de 22 fev. a 28 mai. 1881.

117. “As chinelas de uma cantora”, sem autoria atribuída. *In O Artista*, de 18 mar. a 13 abr. 1881.

118. “A sede de sangue”, de Mie d’Aghonne. *In O Artista*, de 30 mai. a 21 out. 1881.

119. “Sua Alteza o amor”, de Xavier de Montépin. *In Eco do Sul*, de 26 jun. 1881 a 15 abr. 1882.

120. “Mamãe Rocambole”, de Pierre Zaccone. *In O Artista*, 20 jul. a 25 nov. 1881.

121. “Mamãe Rocambole”, de Pierre Zaccone. *In Eco do Sul*, 28 jul. 1881 [até o n. 555].

122. “Os doidos de Paris”, de Jules Lermina. *In Diário do Rio Grande*, de 9 ago 1881 [sem data de término].

123. “Flor do crime”, de Adolfo Belot. *In O Artista*, de 22 out. 1881 a 21 fev. 1882.

124. “Os Casamentos ricos”, de Afonso Brot e Saint-Véran. *In O Artista*, de 26

nov. 1881 a 11 ago. 1882.

125. “A idiota”, de Émile Richebourg. *In Diário de Rio Grande*, de 2 jan.1881 a 1º dez. 1882.

126. “O desconhecido de Belleville”, de Pierre Zaccone. *In O Artista*, de 22 fev. a 27 abr. 1882.

127. “O selo da morte”, de Leite Bastos. *In O Artista*, de 28 abr. a 12 ago. 1882.

128. “O feiticeiro vermelho”, de Louis Berger. *In O Artista*, de 12 ago. a 19 set. 1882.

129. “O herdeiro dos Lucerolle”, de Émile Richebourg. *In O Artista*, de 20 set. 1882 a 20 ago. 1883.

130. “O casamento de uma atriz”, de Henry Gréville. *In Diário de Rio Grande*, de 2 dez. 1882 a 8 mai. 1883.

131. “A bailarina”, de Xavier de Montépin. *In Eco do Sul*, de 20 abr. a 04 ago. 1882.

132. “Os amores de Olivier”, de Xavier de Montépin. *In Eco do Sul*, de 5 ago. 1882 [até n. 246].

133. “O mundo”, de Xavier de Montépin. *In Eco do Sul*, de 16 nov. 1882 a 2 mai. 1883.

134. “As duas irmãs”, de Xavier de Montépin. *In Eco do Sul*, de 3 mai. 1883 a 13 mar. 1884.

135. “O segredo do jesuíta”, de Eugênio Morete. *In Diário de Rio Grande*, de 9 de mai. a 12 out. 1883.

136. “João fera”, de Émile Richebourg. *In O Artista*, de 12 set. 1883 a 19 ago. 1884.
137. “O grilheta”, de Georges Pradel. *In Diário de Rio Grande*, de 13 out. 1883 a 13 mai.1884.
138. “Crimes de um anjo”, de Renato de Pont-Jest. *In O Artista*, de 30 out. 1883 a 25 jan. 1884.
139. “O filho”, de Émile Richebourg. *In O Artista*, de 26 jan. 1884 [sem continuação].
140. “As mariquitas”, de Eugênio Muller. *In O Artista*, de 28 jan. a 4 mar. 1884.
141. “A Brasileira”, de A. Mathey. *In O Artista*, de 6 mar. a 11 jun. 1844.
142. “A viúva”, de Octavio Feuillet. *In Diário de Rio Grande*, de 14 mai. a 15 jun. 1884.
143. “Dramas da vida”, de Émile Richebourg. *In O Artista*, de 13 jun. 1884 a 7 ago. 1885.
144. “Margot”, de Fortuné du Boisgobey. *In Diário de Rio Grande*, de 17 jun. a 29 out. 1884.
145. “A mulher do saltimbanco”, de Xavier de Montépin. *In Eco do Sul*, de 30 set. 1884 a 21 mai.1885.
146. “O caminho do crime”, de Alexis Bouvier. *In Diário de Rio Grande*, de 30 out. 1884 a 23 jan. 1885.
147. “A padeira”, de Xavier de Montépin. *In Diário de Rio Grande*. 24 jan. a 5

dez. 1885.

148. “A estalagem”, de Paul Mahalin (pseud. Émile Blondet). In *Diário de Rio Grande*, de jan. ou ago. a 12 mar. 1886.

149. “Ângela”, de Xavier de Montépin. In *Diário de Rio Grande*, de 14 de mar. a 4 de jul. 1886.

150. “Amor materno”, de Jules Mary. In *O Artista*, de 13 ago. 1885 a 12 jan. 1886.

151. “A filha do sineiro”, de Fortuné du Boisgobey. In *O Artista*, 15 jan. a 22 mai. 1886.

152. “O príncipe de Moria”, de Adolpho Dennery. In *O Artista*, de 26 mai. a 29 set. 1886.

153. “Rigolo”, de Xavier de Montépin. In *Diário de Rio grande*, de 6 jul. 1886 a 8 fev. 1887.

154. “A amiga”, de Henrique Rabusson. In *O Artista*, de 30 set. 1886 a 3 jan. 1887.

155. “As filhas do saltimbanco”, de Xavier de Montépin. In *O Artista*, de 4 jan. a 15 nov. 1887.

156. “O caixão negro”, de Georges Padrel. In *Diário do RG*, de 10 fev. a \_\_\_\_\_. 1887.

157. “O casamento a revólver”, de Jules Mary. In *Diário de Rio Grande*, de 4 jul. a 13 set. 1887.

158. “Lise fleuron”, de Georges Ohnet. In *Diário de Rio Grande*, de 16 set. 1887

a [jun] 1888.

159. “O charlatão”, de Élie Berthet. *In O Artista*, de 16 nov. 1887 a 4 abr. 1888.

160. “O remorso de um anjo”, de Adolpho D’ennery. *In O Artista*, de 5 abr. a 19 nov. 1888.

161. “A avó”, de Émile Richebourg. *In O Diário de Rio Grande*, de \_\_\_ jun. a 18 nov. 1888.

162. “A emboscada”, de Jules Mary. *In O Artista*, de 22 nov. 1888 a 2 mai. 1889.

163. “Os autos n° 113”, de Émile Gaboriau. *In Diário de Rio Grande*, de 24 nov. 1888 a 7 de mai. 1889.

164. “Sem mãe”, de Paul d’Aigremont. *In O Artista*. 3 mai. 1889 a 3 jan. 1890.

165. “Decapitada”, de Fortuné du Boisgobey. *In Diário de Rio Grande*, de 8 mai. a 11 set. 1889.

166. “Os selvagens de Paris”, de Gustavo Aimard. *In Diário de Rio Grande*, de 13 set. 1889 a 4 jul. 1890.

## **SEGUNDA PARTE**

FOLHETIM  
**LÚCIA DE MIRANDA<sup>1</sup>**

ROMANCE HISTÓRICO

Ensaio romântico sobre um acontecimento trágico da conquista do Rio da Prata, oferecido ao Instituto Histórico pelo seu sócio C.B.O<sup>2</sup>.

I

Pelos anos de 1530 expediu o governo espanhol quatro navios sob o comando do famoso navegador Sebastião Caboto<sup>3</sup>, com trezentas pessoas do seu séquito, entre soldados e aventureiros; dos quais alguns se distinguiram pela nobreza do seu nascimento, ou por menos vulgar educação.

Fora o objeto desta expedição fazer o reconhecimento do Rio da Prata, cuja embocadura havia sido descoberta pelo navegador espanhol D. João Dias de Solis<sup>4</sup>; sendo Caboto encarregado de plantar nessa região de América meridional o primeiro padrão da conquista, sob o domínio da Espanha.

Chegado Caboto ao ponto do seu destino com próspera viagem; e reconhecida a posição que visitara Solis, na margem esquerda da foz do Rio da Prata; resolveu ele demandar a margem oposta, navegando águas acima: aí descobriu um porto acomodado para receber as suas embarcações, onde desembarcou, com a gente que levava.

Na vizinhança desse porto, a que deu Caboto o nome de Espírito Santo, erigiu ele um forte regular construído de madeira; e o guarneceu com a gente

---

<sup>1</sup> Publicado no *Diário do Rio Grande*, de 18 a 24 de novembro de 1851.

<sup>2</sup> Candido Batista de Oliveira.

<sup>3</sup> Sebastião Caboto (1476-1557) explorou a costa da América do Norte, da Flórida ao Canadá. E, além disso, em 1525, desviou uma expedição espanhola destinada ao Oriente para explorar o Rio da Prata, em busca de riquezas.

<sup>4</sup> O português João Dias de Solis (1470-1516) prestou serviços à Coroa espanhola comandando a exploração de um rio situado no extremo sul do Brasil. O navegador foi morto pelos índios (há, inclusive uma lenda de que ele foi vítima de canibalismo) e, por isso, o rio explorado foi denominado, em sua homenagem, o Rio de Solis, mais tarde renomeado Rio da Prata.

que julgou necessária para o defender, em caso de precisão, contra os ataques dos indígenas, com quem aliás procurou estabelecer relações de amizade.

Daqui partiu Caboto, seguindo a navegação que havia interrompido, até penetrar nas águas do Paraguai e, havendo já reconhecido, além deste rio, os dois outros grandes afluentes do Prata, a saber, o Paraná, e o Uruguai, regressou ao porto do Espírito Santo, com a intenção de seguir daí para a Espanha, a fim de<sup>5</sup> dar pessoalmente conta ao governo espanhol do brilhante resultado das suas explorações.

Embarcando-se Caboto para a Espanha, deixou por comandante do forte do Espírito Santo ao capitão D. Nuno de Lara<sup>6</sup>, com cento e dez soldados, além de outros aventureiros, em cujo número se contava<sup>7</sup> alguns fidalgos, que preferiram ficar sob o mando de D. Nuno.

Neste primeiro estabelecimento da conquista espanhola, na região do Prata, teve lugar um acontecimento extraordinário, o qual se torna ainda mais notável pelo concurso das singulares circunstâncias que o acompanharam. Tal foi o caso triste e miserando de Lúcia de Miranda, dama espanhola; a qual fora aí vítima lastimável do amor feroz de um chefe selvagem; e ao mesmo tempo a causa inocente da destruição do forte do Espírito Santo, e de toda a gente que o defendia.

---

<sup>5</sup> No original “afim de”.

<sup>6</sup> Não encontramos dados históricos a respeito desse personagem. O sobrenome, no entanto, pode apontar uma relação metafórica à nobreza espanhola, em referência à Casa de Lara, que foi reconhecida em 1520, pelo rei Carlos I, como Grandeza de Espanha.

<sup>7</sup> No original há um erro na concordância verbal.



Havia o comandante do forte, D. Nuno de Lara, cultivado com a mais perfeita cordialidade as relações de amizade, que entre os indígenas, habitantes daquelas paragens, e os espanhóis ali estabelecidos, conseguira travar o prudente e atilado Caboto, durante o pouco tempo que estivera no porto do Espírito Santo; especialmente os índios Timbús, tribo ou nação que entre outras mais se recomendava tanto por sua melhor índole, como pelos úteis serviços que prestavam aos espanhóis, fornecendo-lhes os víveres de que necessitavam, por dar-se ela particularmente aos trabalhos da cultura.

Tinham os Timbús dois caciques, chamados um Mangoré, e outro Seripó, os quais eram muito respeitados dos índios da sua nação, como chefes valentes, e experimentados na guerra, e estimavam-se extremosamente um ao outro, como irmãos que eram, mas predominando entre os dois a autoridade e influência de Mangoré.

Entre as mulheres que existiam no forte, fazia-se mais notável Lúcia de Miranda pela sua formosura, e graciosas maneiras; a qual era casada com um dos espanhóis da guarnição, chamado Sebastião Furtado: ambos na idade em que o amor conjugal ostenta todo o seu poder, na aliança produzida<sup>8</sup> por verdadeira e recíproca simpatia, pois eram moços, e casados de pouco tempo; e talvez buscaram, aventurando-se aos trabalhos e perigos da conquista nessa parte do Novo Mundo, desfrutar em mais liberdade as delícias de uma união ditosa.

Aqueles caciques visitavam amiudadas vezes os espanhóis, a quem eles consideravam como seus hóspedes; sendo acolhidos sempre no interior do forte com mostras de benevolência e de cordial amizade. Teve, desta sorte, Mangoré muitas ocasiões de avistar-se com a bela Lúcia, cuja presença, na primeira vez que a vira, inspirou-lhe tal inclinação, que a frequência das suas visitas transformou em forte simpatia; e essa bem depressa cedeu o lugar ao mais pronunciado sentimento de fervoroso amor.

Dominado assim Mangoré por essa paixão, estudava ele todos os meios de fazer-se agradável à bela espanhola, para conquistar destarte o seu afeto.

---

<sup>8</sup> Erro de concordância presente no original: “nas alianças produzida”.

Dos frutos da sua cultura, ou apanhados nas matas, com que mimoseava frequentemente ao comandante D. Nuno e aos oficiais da guarnição, reservava ele sempre os mais formosos ou os mais esquisitos<sup>9</sup> para oferecê-los à querida Lúcia! E ela por sua parte acolhia essas demonstrações, não equívocas de um coração apaixonado, com afabilidade e benevolência que, se bem não desdiziam do seu natural, significavam, todavia, na rude compreensão de um amante selvagem, agradáveis mostras de ver-se correspondido aos desvelos de seu amor.

Animado pois Mangoré, pelo fagueiro tratamento que recebia da candura da boa Lúcia, tentou primeiramente valer-se da confiança que havia ganhado no ânimo dos espanhóis, para convidar o marido de Lúcia para que a levasse à povoação dos índios, de que era ele chefe, a fim de ali terem ambos uma agradável distração, fora do estreito recinto do forte em que residiam, pondo à disposição do mesmo a sua própria cabana, e oferecendo-lhes todas as comodidades e regalos que dependessem da sua boa vontade; sendo seu único desejo que Lúcia e seu marido voltassem ao forte satisfeitos da hospedagem que lhes houvesse dado.

Mas Sebastião Furtado, ou fosse pelo receio de arriscar a vida, e, mais que a própria vida, a segurança de Lúcia, entregando-se ambos à disposição do cacique, cuja lealdade não oferecia maior penhor que suas lisonjeiras promessas; ou mais provavelmente porque houvesse penetrado o oculto desígnio do apaixonado selvagem, pretendendo, com semelhante ardil, separar da proteção dos espanhóis aquela dama, a quem ardentemente amava, evitou ele, sempre com pretextos plausíveis, aceitar o convite de Mangoré, o qual não deixou talvez de descobrir na relutância de Furtado o verdadeiro motivo, que o induzia a proceder dessa maneira.

---

<sup>9</sup> Neste contexto, o adjetivo “esquisito” é utilizado no sentido de raridade, de ser algo único, distinto.

### III

Despeitado Mangoré pela malogração da sua primeira tentativa, não desesperou todavia de alcançar por qualquer meio, e a todo custo, a posse do tesouro que anhelava<sup>10</sup>: e socorrendo-se à astúcia que caracteriza um chefe selvagem, concebeu um novo plano, para levar a efeito o seu desígnio, e tão eficaz, quanto tivera ele de horrível na sua execução; pois que nada menos importava, que a completa destruição do forte e de toda a sua guarnição, procurando Mangoré salvar desta catástrofe unicamente a Lúcia de Miranda.

Para realizar o seu intento, procurou primeiramente o dissimulado cacique obter o acordo e cooperação de seu irmão Seripó; ponderando-lhe a conveniência de acabarem com os espanhóis do forte, enquanto se achavam eles enfraquecidos pelo número, para que se não tornassem depois, quando mais crescidos em forças, de hóspedes que eram, em verdadeiros senhores da terra, que a ambos pertencia; ocultando-lhe destarte o motivo real de tão extraordinária resolução. Seripó, naturalmente comovido das palavras que ouvira da boca de seu irmão, respondeu-lhe que o que acabava de propor-lhe parecia tanto mais estranhável, quão grande fora até ali a dedicação que mostrara Mangoré aos seus amigos do forte, e com especialidade a Lúcia de Miranda, a quem ele amava com tanto extremo! Acrescentando, que pelo que dizia respeito a ele Seripó, não tinha motivo algum para quebrar tão injustamente a amizade que travara com aqueles hóspedes, cultivada de ambas as partes com interna cordialidade até esse momento.

Essa assisada resposta de Seripó produziu no ânimo do artificioso Mangoré não disfarçada indignação, pero<sup>11</sup> desacerto em que achava aquele cacique para a realização do que premeditara e, tomando o tom da autoridade, declarou Mangoré que, pondo de parte quaisquer considerações, deveria atender Seripó, primeiro que tudo, à conveniência da nação de que ambos eram chefes; e que, se tão poderoso motivo ainda não bastasse para o determinar na aquiescência a proposição que lhe fizera, ele ajuntaria que era essa a sua vontade, a qual esperava não ver contrariada por um irmão a quem tributava tamanha estima.

---

<sup>10</sup> Vocábulo de origem hispânica que significa, nesse contexto, sonhar, desejar.

<sup>11</sup> Novamente, a influência da língua espanhola, na conjunção “pero” que significa “mas”.

A essas palavras proferidas com tal decisão e energia, mau grado seu, rendeu-se Seripó, prometendo ao irmão a sua inteira e leal cooperação, para levar a efeito o terrível projeto de que lhe dera conhecimento.

Obtido assim o acordo de seu irmão, espreitava Mangoré a oportunidade para atacar de surpresa o forte dos espanhóis, e essa oportunidade bem depressa se lhe deparou, tão assaz, quanto podia ele desejar. Porquanto, havendo precisão de víveres no forte; D. Nuno, não querendo talvez conservar-se na inteira dependência dos índios Timbús que até então haviam suprido os espanhóis dos produtos de sua lavoura, expediu uma embarcação, guarnecida por quarenta homens armados, levando a comissão de procurarem rio acima, em alguma outra nação ribeirinha, os víveres que pudessem obter a troco de objetos de indústria europeia; fazendo também parte desta expedição Sebastião Furtado, que voluntariamente se oferecera para isso, com o desígnio talvez de descobrir alguma coisa com que mimoseasse a sua querida Lúcia. Tão longe está o coração do amoroso Furtado de pressagiar-lhe a grande desventura que o esperava na volta da sua excursão!

#### IV

Apercebendo-se Mangoré desta circunstância, pela incessante vigilância com que observava todos os passos dos espanhóis, depois que concebera o danado projeto de exterminá-los, por qualquer via insidiosa que pudesse assegurar-lhe o êxito que almejava, não perdeu tempo em instruir o seu irmão Seripó acerca dos meios que havia meditado para realizar, com o favor da noite, a surpresa da guarnição do forte, enfraquecida como ficara pela ausência dos combatentes, que haviam sido distraídos para referida<sup>12</sup> expedição.

Os dois caciques, guardando sobre o seu desígnio o mais inviolável segredo, convocaram, sob qualquer pretexto plausível, quatro mil dos seus melhores guerreiros; e os puseram de emboscada em distância conveniente do forte. Daí destacou-se Mangoré, acompanhado de vinte índios da sua escolha, bem armados, e carregados de víveres, dirigindo-se para o forte; onde, sendo recebido com a costumada franqueza e cordialidade, repartiu ele liberalmente os presentes que levava, com o comandante D. Nuno, com os seus oficiais, e até com os próprios soldados.

Não foi esquecida nas partilhas dos fatais presentes essa desditosa dama, que algumas horas depois deverá ser a Helena dessa nova Troia do deserto! A boa Lúcia recebeu também das mãos de Mangoré o mimo que lhe fora particularmente destinado; não sem causar-lhe desusado reparo uma certa turbação que divisara no olhar e no porte do cacique no momento de aproximar-se dela; e a inocente atribuiu talvez a simples emoção do vivo afeto que lhe consagra o selvagem, o que fora necessário efeito da luta momentânea e terrível entre o desespero do amor e o pungente remorso do premeditado crime! Era também esse momento o da maior provança para a alma desatinada de Mangoré: as nobres qualidades de guerreiro o haviam desamparado, deixando nele somente o pérfido, o traidor!

Ali passou o cacique o resto do dia, e para mais disfarçar o seu desígnio, mandou que os índios, que o escoltavam, dessem à guarnição do forte o espetáculo de um combate simulado, no qual manejaram eles com admirável

---

<sup>12</sup> No jornal encontra-se “raferida”, entretanto, na revista *Guanabara* encontra-se o vocábulo acima.

destreza as armas de que usavam na guerra; com o que dera muito prazer a D. Nuno e a toda a sua gente.

Aproximou-se nisto a noite e tão descuidados estavam os espanhóis do perigo, que convidaram a Mangoré para ficar no forte aquela noite, como que por simples deferência às instâncias de D. Nuno; encobrendo ainda com este novo artifício as aparências da traição que havia preparado!

## V

Recolhidos aos seus quartéis os espanhóis, acomodou-se Mangoré com os seus índios ao ar livre, deitando-se sobre as peles de que usavam para esse fim, e como se pode presumir, na hora em que toda a gente do forte estava entregue ao sono, só Mangoré (além das sentinelas) velava com a ansiedade do amante e a agitação do malvado! Aguardando o momento em que contava que a gente de guerra, que havia deixado de emboscada sob o comando de Seripó, se houvesse aproximado do forte, na distância conveniente, para acudir ao seu reclamo.

Já o cantar do galo havia anunciado a meia-noite; e o cacique tinha os olhos pregados no horizonte, para o lado do nascente, eis que daí aponta a branca luz da bela Vênus, a estrela da manhã, num céu sereno e puro. Era a hora aprazada para que Seripó se achasse no posto convencionado!

Ergue-se logo Mangoré, acorda os seus índios e comunica-lhes as suas ordens. Daí partem todos em silêncio, tendo os mais esforçados a incumbência de atacar de súbito as sentinelas, precipitando-as fora das muralhas; enquanto os restantes, dirigidos por Mangoré, arrombavam o portão do forte, por onde penetrou imediatamente um troço de gente trazida por Seripó acudindo ao sinal dado por Mangoré.

O intrépido produzido pela abertura forçada do portão do forte; e mais que tudo o grito de guerra levantando pela gente de Seripó, que primeiro ganhara o interior da praça, repetido com força ainda maior pela multidão de guerreiros, que aglomerados se disputavam a entrada, fizeram despertar os espanhóis que, sobressaltados por tamanho e tão extraordinário ruído, se precipitaram fora das suas camas, tomando cada um a primeira arma que

encontrou, e lançando-se todos quase a um tempo sobre a praça de armas, que acharam já ocupada pelo inimigo; aí receberam os mais avançados morte pronta, aos golpes certos dos índios, que apercebidos os esperavam retrocedendo à voz de D. Nuno apenas pequena parte dos que em tanta desordem haviam marchado para aquele ponto.

Fora D. Nuno o único que se achava armado de escudo e capacete, entre os poucos espanhóis, que restavam com vida; ou antes dos que tiveram coragem bastante para receber a morte combatendo ao lado do seu denodado comandante; o qual, reunindo esses bravos em um dos baluartes que achou ainda desocupado, procurou aí sustentar-se na defensiva, não com o fim de salvar a vida, o que já não era possível, mas sim levado pela briosa resolução de a vender cara ao inimigo!

Recebeu D. Nuno, à entrada do baluarte, ataques sucessivos dos índios, dirigidos pelo próprio Mangoré; mas sempre os rechaçara com perda de muitos mortos, e esforço do seu braço, auxiliado pela desesperada coragem dos poucos espanhóis que a seu lado combatiam.

Eis que a duvidosa luz da aurora começa a patentear os horrores que passaram nas trevas da noite! D. Nuno vê em redor de si os companheiros ou já mortos, ou prostrados pelas mortais feridas! E tomando a atitude nobre de guerreiro, que não sabe render-se, encara ainda impassível a multidão que o cerca; a qual, como que recuara de espanto, contemplando o singular espetáculo (que mais e mais ia descobrindo a crescente luz do crepúsculo) de achar-se só em pé esse bravo cavalheiro, tendo diante de si uma trincheira de cadáveres! Era o fero Aquiles rodeado dos inimigos que seu braço abatera?

Aproveitando D. Nuno esse momento de jazida no combate, transpõe a barreira de mortos, que o separava do inimigo; e marcha gravemente para o meio da praça, tendo em punho a ensanguentada espada. Daí, lançando furibundo olhar sobre a multidão de combatentes, que lhe faziam frente, descobre a Mangoré, a quem buscava ansiosamente, para por glorioso termo à vida, descarregando sobre o traidor o derradeiro golpe de sua formidável espada. E posto que já muito desangrado<sup>13</sup> pelas feridas que havia recebido, furioso arremete para onde divisara o cacique, o qual por sua parte lhe sai ao

---

<sup>13</sup> O que tem perdido muito sangue.

encontro com galhardia, aceitando assim a honra de um combate singular, em que devera dar a última prova de seu extremado valor. Trocados os primeiros golpes com a energia do desespero, cai Mangoré mortalmente ferido, e sobre o seu corpo se arroja D. Nuno também já exangue; e ambos expiram juntamente!

Seripó que neste momento acudira, profundamente comoveu-se pela funesta morte do irmão a quem muito amava, e ordenou que o seu cadáver e o de D. Nuno fossem tratados com igual respeito. Feito isto, banhado ainda em lágrimas, corre ao aposento da desventurada Lúcia, a fim de tomar sobre a sua proteção aquela que fora tão cara ao coração de Mangoré; e por quem quisera ele repartir o seu afeto igualmente com a memória do prezado irmão.

Chegando à porta do aposento que buscava, já aí encontrou Seripó uma força de índios, que Mangoré para ali destacara durante a luta travada com a gente de D. Nuno para o fim de guardarem ileso o precioso objeto de fatal empresa.

Penetrando Seripó no interior do aposento de Lúcia, acha a mísera dama posta de joelhos... Desgrenhada... Com as trementes mãos, e os lacrimosos olhos levantados para o céu, como quem só daí espera amparo!... E assim conservou-se ela imóvel na presença de Seripó, o qual, contemplando-a um momento nesta atitude de sublime expressão comoveu-se tanto, que, como que maquinalmente, ajoelhara também junto dela, e tomando-a em seus braços, lhe diz em voz terna e entrecortada pela viva emoção: “Minha cara Lúcia, cessa de prantear a tua sorte... não serás minha escrava... mas senhora de quanto é meu... e sobre tudo deste coração que já te adora!” A esta alocução cheia de sentimento (proferida em língua espanhola da qual tinha o cacique já algum conhecimento adquirido no frequente trato dos espanhóis) respondeu a triste Lúcia com uma torrente de lágrimas, que outras lágrimas provocaram da parte do amoroso Seripó!

Assim terminou essa cena de carnagem, em que poucas horas bastaram, para que os raios do sol nascente só encontrassem no forte os cadáveres dos espanhóis trucidados, de envolta com as ruínas de seus muros abatidos!



## VI

No dia subsequente ao desta lamentável catástrofe, regressou a embarcação que fora mandada por D. Nuno em diligência de víveres e ao aproximar-se do porto ficaram como tomados de súbito estupor uns quarenta espanhóis, que compunham aquela expedição, divisando o aspecto de destruição que ofereciam a seus olhos as ruínas do forte.

Rui Garcia, comandante da expedição, antes de fazer desembarcar a sua gente mandou explorar primeiramente por alguns soldados aquele lugar de desolação; aos quais se ajuntou espontaneamente o infeliz Furtado, induzido a tomar parte nessa arriscada comissão pelos sérios cuidados e terríveis apreensões que o atormentavam sobre a situação da sua Lúcia.

Apenas puseram pé em terra os exploradores, Furtado, como mais pressuroso, tomou-lhes a dianteira, sendo por isso o primeiro que entrava no forte. Aterrados sobremaneira com o lúgubre espetáculo que apresentava a seus olhos a praça do arruinado forte, juncada dos cadáveres da carnagem da véspera; teriam os soldados recuado de horror, se aí não os retivera o interesse que tomaram na dolorosa situação do infeliz Furtado; o qual não hesitou um momento em lançar-se entre essa massa de mortos examinando um por um, e não havendo encontrado o cadáver de Lúcia, correu para onde estavam os companheiros, bradando com a alegria de homem alucinado: “Não está aqui, ela não morreu!”

Não descobrindo fora dessa estância da morte, quem pudesse informar sobre o acontecido nesse lugar, voltaram os exploradores para bordo da embarcação de Garcia, e lhe deram conta do que viram. Rui Garcia, chamando a conselho os seus companheiros de armas, deliberou prudentemente abandonar essa terra inóspita; e procurar na costa do Brasil algum porto em que pudessem estabelecer-se com segurança, até a chegada de nova expedição da Espanha.

Furtado porém (que só cuidava, e só pensava em Lúcia!) ocultando aos companheiros o seu desígnio, antes que dali partisse o comandante Garcia, tomou a desesperada resolução de entranhar-se ele só pela mata vizinha, a fim de entregar-se como prisioneiro aos primeiros índios que encontrasse! Pois

não julgara impossível, que por esse arriscado meio obtivesse alguma informação sobre a sorte da sua cara esposa.

Não ficou o dedicado esposo baldado em tão singular pressentimento; portanto logo no seguinte dia fora encontrado por uma partida de índios Timbús, os quais, atando-lhe os braços, o levaram assim preso à presença do seu cacique.

Seripó mal reconheceu no prisioneiro o marido de Lúcia, ordenou que o levassem imediatamente dali para longe e que o matassem!

Neste momento crítico aparece Lúcia, atraída pelo interesse de reconhecer o prisioneiro, que supunha ser algum espanhol, escapado da matança do forte. E foi o mesmo encarar com o prisioneiro, que lançar-se a ele, abraçando-o estreitamente! Satisfeito este primeiro dever do seu coração, prostra-se aos pés do cacique, e lhe suplica: “que poupe a vida de seu marido, se deseja fazer-lhe coisa que ela mais estime!”, acrescentando que: “ambos viveriam contentes na humilde condição de seus fiéis escravos!”

E destas brandas mostras comovido  
Que moveram de um tigre o peito duro<sup>14</sup>,

respondeu Seripó (erguendo do chão a amorosa esposa): “Não morrerá Furtado: mas!... a condição de esquecer-se ele para sempre de Lúcia, que vai ser minha mulher! Dar-lhe-ei outra mulher, que seja do seu gosto; e o tratarei não como cativo, mas como amigo.”

Lúcia, mau grado o seu coração, prometeu ao cacique, por si e da parte de Furtado, o cumprimento da cruel condição, que lhes impusera, tão fielmente quanto lhes fosse possível.

---

<sup>14</sup> Trecho do canto segundo de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões.

## VII

Correu algum tempo, sem que Seripó mostrasse o menor descontentamento de qualquer dos dois nobres cativos, ou antes parecia que o seu afeto para Lúcia aumentava de dia em dia. Mas, a par do tiranizado coração de Lúcia, outro havia profundamente despeitado; o de uma índia moça, e pretensiosa, a quem Seripó tivera por sua mulher, antes de apaixonar-se pela bela espanhola, por quem havia menosprezado suas antigas afeições; e em tais circunstâncias mal podia esperar-se que os dias de Lúcia se deslizassem tranquilos e alegres sem que o mau fado seu os viesse enlutar com alguma nova e grande desventura!

Essa índia pois, ralada de mortal ciúme contra a inocente Lúcia, empregou a mais escrupulosa vigilância em espreitar todos os seus passos, anhelando descobrir qualquer inteligência entre ela e Furtado. Um simples olhar significativo!... As expressões de ternura, que a furto se trocavam os cativos!... Qualquer desses ligeiros indícios, numa palavra, que nunca escapam à sagacidade de uma mulher dominada pelo sentimento de vingança; bastou, para que Seripó, sendo disso prevenido pela artificiosa índia empregasse daí em diante maior vigilância sobre o procedimento de Lúcia, a fim de poder verificar por si mesmo a realidade de um fato, cuja simples suspeita magoara vivamente o seu coração.

Não tardou muito que o terrível desejo de Seripó fosse plenamente satisfeito, bem a seu pesar! Porquanto, sendo ele conduzido pela mão da sua confidente, a implacável rival de Lúcia, surpreendeu os dois infelizes num desses misteriosos encontros, em que o amor não sabe disfarçar-se!...

Cedendo ao primeiro impulso do seu furor, tentou Seripó tomar pronta vingança, cravando a adaga, que desembainhara, no branco peito da desditosa Lúcia: mas ele a amava ainda!... E pois não teve forças para desfechar o golpe!... Depois de um momento de hesitação, mandou manietar os dois amantes, e conduzi-los assim à praça pública, para serem logo executados como réus de morte!

Ordenou Seripó para esse fim que Furtado fosse amarrado a um poste de onde presenciaria, antes de sua execução, o horrendo suplício de Lúcia, que ele condenara a ser lançada viva nas chamas de uma fogueira, que se

erigiria na mesma praça; concorrendo a essa feroz solenidade os principais chefes dos Timbús, por ordem do cacique, e os índios da povoação, atraídos aí pela curiosidade própria de bárbaros espectadores.

Sentado Seripó sobre um cepo entre seus chefes, à sombra de copado cedro, fez vir a sua presença a triste Lúcia, trazendo ainda as delicadas mãos arrojadas pela dura corda, com que a prenderam.

Marcha ela a passo grave, acompanhada de seus guardas, e ao som lúgubre de rudes atabales<sup>15</sup>. O seu porte era nobre! Soltos os negros cabelos, e ondeando sobre o seu colo, como que sombreavam a mimosa palidez de um rosto angélico!... E os grandes olhos, fixamente inclinados para o chão, davam à expressão do seu semblante o remate de uma cabeça acadêmica! Chegada Lúcia ao rústico tribunal presidido por Seripó, fica ela em pé, face a face do cacique, o qual, fazendo visível esforço para encobrir a sua emoção, pergunta-lhe: “Estás, Lúcia, convencida de teu crime?”

Lúcia, sem mudar de postura, e sem alterar a serenidade do semblante, guarda silêncio como uma estátua!

Repete ainda o cacique a mesma pergunta uma e outra vez, e com sinais de crescida indignação. E Lúcia conserva ainda completa mudez!

Tão grande impassibilidade da parte de uma mulher, tendo à vista o aparato do suplício que a esperava, não podia deixar de fazer a admiração dos selvagens que a cercavam; por ser essa a virtude que mais distingue os seus experimentados guerreiros.

Não podendo Seripó obter da obstinação de Lúcia uma expressão qualquer, com que, iludindo o seu próprio coração, se decidisse a perdoá-la, recorreu ainda a uma tentativa, dizendo-lhe: “Pois bem, Lúcia... já que pelo silêncio que guardaste, confirmas o crime da tua deslealdade... Quero somente conceder-te um derradeiro favor, em sinal do vivo afeto que te havia consagrado, mas hoje extinto!... Tu mesma serás a executora da punição destinada ao teu enorme crime!... Marcharás espontaneamente a lançar-te naquelas chamas... que já se elevam bem alto, para te esconderem da vista daquele a quem acerbamente ofendeste... com feia ingratidão!...”

---

<sup>15</sup> Espécie de tambor.

Dito isto, ordena o cacique que sejam desatadas as mãos da condenada.

Lúcia, apenas teve livres os seus braços, cai instintivamente sobre os joelhos, levantando ao céu as mãos e os formosos olhos, como quem invoca o supremo auxílio, na hora extrema!... Lança, ainda nesta postura, um olhar de saudoso adeus ao seu querido Furtado!... E arrebatadamente se levanta. Tomando então a atitude nobre que convinha a sua situação; e encarando fixamente a Seripó, com um riso de heroico desprezo, lhe diz com voz enérgica: "Já viste, bárbaro, que nem as tuas ameaças, nem o aparato de terror, de que me rodeastes, puderam arrancar-me o segredo do meu coração!... Eu pois em paga do último momento de liberdade que me concedeste, te declaro que nunca deixei de amar meu verdadeiro esposo!... Que ainda amo agora mais que nunca!... Mais que a mesma vida!... E sabe mais, tirano, que aquelas chamas a que me condenaste... me serão mais gratas, que os afagos de teu amor brutal!..."

Proferiu Lúcia a última palavra no momento em que já se arrojava à fogueira; no meio de gritos de horror da parte da multidão, que presenciara tão triste cena!

Tu só, puro amor, com força crua  
deste causa à moléstia, morte sua!...<sup>16</sup>

(Guanabara.)

---

<sup>16</sup> Trecho do canto terceiro de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões. No entanto, há a omissão do verso "Que os corações humanos tanto obriga" situado entre os versos citados.

## FOLHETIM

# UM CREDOR

Novela escrita em Inglês por Miss Edgeworth.

Tradução de C. de Koseritz <sup>17</sup>

### I

“Na alta e na classe média da sociedade”, diz um célebre escritor, “não é raro ver-se homens de um belo caráter, outrora tipos de honra e lealdade, degradarem-se a pouco e pouco debaixo da fatal influência da desordem nos seus negócios, de vê-los no princípio desculpar-se, enrubescendo de vergonha, temendo o encontro com amigos aos quais devem dinheiro emprestado, reduzidos a expedientes e subterfúgios miseráveis para retardar ou evitar o pagamento de suas dívidas legítimas, até que afinal, estando familiarizados com a mentira e malquistados com a sociedade, eles perdem toda a nobreza e dignidade, próprias do homem.”

O coronel Pembroke, o herói de nossa história, não se havia ainda, no momento em que tomamos conhecimento com ele, “familiarizado com a mentira”, sua consciência não estava inteiramente inacessível aos remorsos, nem seu coração à compaixão, mas tinha uma singular inclinação a pôr de lado todos os sentimentos e princípios de honra, que o pudessem incomodar.

Ele se havia ligado a uma sociedade de jovens peraltas e egoístas, cujas opiniões ele substituíra à lei, à moral e à equidade; era a eles que apelava em todos os casos duvidosos, e como se houvesse acostumado o tornar dependente da decisão daquele *tribunal* a satisfação que podia ter de si mesmo, ele não tinha tempo nem desejo de consultar o seu próprio juízo. Seus prazeres e as suas despesas eram, por conseguinte, regulados pelo exemplo dos seus amigos e não por sua escolha pessoal. O objeto de sua maior ambição era seguir o exemplo de sua roda em todos os absurdos caprichos da moda para o seu trajar e para as suas equipagens e todas aquelas necessidades fictícias lhe pareciam coisas de primeira urgência.

---

<sup>17</sup> Folhetim publicado no jornal *Eco do Sul*, no período de 4 de fevereiro a 22 de abril de 1862.

Embora ainda estivessem em muito bom estado as suas roupas, seu chapéu, seu calçado, sua mobília ou sua carruagem, no dia em que esses objetos deixavam de ser do rigor da moda, eles perdiam todo o valor aos seus olhos. “Ninguém pode apresentar-se com tais objetos, para que mais servem eles?”

As finanças do coronel Pembroke não se achavam exatamente no estado de fazerem face a princípios de tal prodigalidade, mas isto era uma desgraça que compartilhavam com ele alguns dos seus companheiros de folguedo, a quem pouco se lhes dava disso; aliás eles podiam viver do crédito, “esse Talismã que realiza tudo o que se imagina e que pode tudo imaginar.”<sup>18</sup>

Sem demorar-se com reflexões sobre as próximas ou longínquas consequências desse sistema, Pembroke o achou, desde que o experimentou fácil a prática, mas na continuação lhe achou alguma dificuldade. As contas dos seus fornecedores tornavam-se cada dia mais numerosas e os pedidos de pagamento mais incomodativos.

Ele se defendia com muita habilidade e pela prática se havia aperfeiçoado na arte de embromar, pela qual outrora se ilustrara Fabius<sup>19</sup>. Não ter fé, nem lei para com os credores, era, como ele dizia francamente, um dos preceitos de sua moral.

Ele sabia, com o mais especioso<sup>20</sup> ar do mundo, jurar sobre a sua honra de gentil-homem, que pagaria uma qualquer bagatela no dia seguinte, quando nunca lhe entrou na ideia de cumprir a sua palavra e, chegado o dia seguinte, não lhe faltava jeito para maldizer o *miserável* que se permitia recordar-lhe a sua palavra de gentil-homem.

Contudo, encontrou ele gente menos tratável que aqueles *pobres diabos*. O alfaiate do coronel Pembroke, que no princípio havia sido o homem mais condescendente do mundo e que em três anos havia elevado a sua conta a 1.300 libras esterlinas, perdeu afinal a paciência e teve a impertinência de falar de sua numerosa família e de suas imperiosas necessidades de dinheiro etc., etc. Depois, o sapateiro do coronel, ao qual este havia comprado anualmente o valor de 200 libras de calçado para si e os seus criados,

---

<sup>18</sup> Nota do tradutor: Vêde Des Casaux: Sur le mecanisme de La société. O tradutor opta por traduzir as expressões em francês, colocando-as no original em nota.

<sup>19</sup> Referência ao hábito de guerrear do imperador romano Fabius (280 a.C. – 203 a. C.).

<sup>20</sup> Especioso significa ter aparência enganosa, ilusória.

pretendia achar-se em embaraços de dinheiro e negou a continuação do crédito. “É um animal ingrato.”, dizia Pembroke, que havia chegado a crer que os seus credores eram ingratos e insolentes, porque lhe exigiam o seu dinheiro, porque “os homens chegam frequentemente a acreditar piamente naquilo, que eles têm o costume de repetir todos os dias, sobretudo quando o seu auditório não os contradiz.”<sup>21</sup>

Ele não ignorava que os fornecedores lançavam tudo quanto ali comprava pelo preço dobrado e por essa razão julgava que não havia nada de mais justo que embromá-los com o pagamento segundo a sua conveniência.

Quanto aos pretextos de urgentes necessidades de dinheiro, de numerosa família, ele considerava tudo isso como palavras, cantigas de negociantes, com as quais um gentil-homem não devia incomodar-se mais que com os pedidos de alguns mendigos.

Um dia, em que Pembroke ia passear a cavalo com alguns dos seus companheiros, chegou-se a ele um rapazinho de 8 a 9 anos que lhe apresentou um papel, que ele tomou por uma subscrição.

– Aí está, disse atirando à criança uma moeda de prata, toma isto, e sai debaixo dos pés do meu cavalo; é o que te aconselho, meu amiguinho!

Em vez de afastar-se, a criança chegou-se ainda mais, e sem agarrar a moeda, estendeu o papel ao coronel, que acabava de montar a cavalo.

– Oh! Por Deus! Isto já é demais, meu rapaz. Nunca leio as subscrições; antes de ler uma só, eu daria tantas moedas, quantas se me pedisse.

– Mas, senhor, não é uma subscrição... Eu não sou mendigo, senhor!

– Ah! O que é então? Uma conta?... Então és pior que um mendigo, és um credor! Nos caminhos públicos e na tua idade! Que será de ti, velhaquinho, quando tiveres a idade do teu pai? A criança suspirou e o coronel continua, se eu te tratasse como tu o mereces, dar-te-ia uma chicotada! Vês este chicote?

– Sim, senhor... Mas...

– Mas quê? Insolente velhaquinho! Mas quê?

– Meu pai está à morte, disse a criança lavada em lágrimas, e não temos com que comprar pão, nem outros alimentos.

---

<sup>21</sup> Nota do tradutor: La Rauchefaucould. Referência ao Duque de La Rauchefaucould (1613-1680) moralista francês autor de *Reflexões ou sentenças e máximas morais* (1664).



Tocado por estas palavras, Pembroke agarrou o papel e leu depressa o total da dívida e o título da conta.

– Doze libras, quatorze xelins, João Leblanc, tecelão... Não conheço isso... Nem tenho negócios com tecelões, meu caro. Disse o coronel rindo-se: chamo-me Pembroke, o coronel Pembroke.

– O coronel Pembroke, sim senhor, é justamente a pessoa a que me endereçou o senhor Close, o alfaiate.

– Close, o alfaiate! Que diabo leve o velhaco! É ele quem te mandou perseguir-me aqui? Pois bem, por ter me feito semelhante passagem, não enxergará durante todo este ano a cor do meu dinheiro! Podes lhe dizer isto, meu chorãozinho hipócrita. E tu, a primeira vez que vieres, traga outra história melhor, deixa em casa teu pai e tua mãe e teus irmãos e irmãs doentes da febre! Compreendes?

Assim falando, ele rasgou a conta e fez chover os pedaços sobre a cabeça do rapazinho, operação que assaz entretinha os amigos de Pembroke e que ele intitulava: empoeirar um credor.

Eles se dirigiam alegremente para o parque e o pobre rapaz deu volta depois de haver agarrado a moeda de prata. Sua moradia era numa ruazinha de Moorfields, pouco mais ou menos a três léguas da parte elegante da cidade, em que habitava o coronel.

## II

Como a criança ainda nada houvesse comido, achava-se fraca e por isso, sentindo faltarem-lhe as forças enquanto atravessava Covent-Garden, sentou-se no canto de um canteiro de flores.

– Que estás fazendo aí, gritou-lhe um homem de cara feia agarrando-o pelo braço, que tens a vadiar aqui, onde estás no melhor caminho de quebrar o meu mais bonito pé de balsamina?

– Não pensava fazer mal. Não estou vadiando, senhor, disse o rapazinho, somente me sinto fraco e tenho fome.

– Laranjas! Laranjas! Belas laranjas! Gritava uma mulher que conduzia para junto da criança o seu carrinho de mão, carregado de magníficas frutas. Se tens dois vinténs, compra-me uma dessas belas laranjas!

– Não tenho dois vinténs de meu, respondeu o pequeno.

– O que é que vejo através do bolso furado do teu colete? Não é dinheiro em prata?

– Sim, é uma moeda de prata; essa a levo para o meu pobre pai que está doente e que tem mais precisão dela do que eu.

– Senhor, disse a mulher, compra a minha laranja, não é senão dois vinténs e ela te fará bem. Me fazes o efeito de ter muita precisão de algum alimento.

– É muito possível; mas o meu pai tem ainda mais precisão, disse o rapazinho, afastando-se das tentadoras laranjas.

O jardineiro, de cara feia, lhe tomou a mão.

– Está bom, disse ele; acabo de examinar a minha balsamina e vejo que ela não está quebrada; senta-te, meu amigo, descansa e come isto, ajuntou ele, dando-lhe na mão a metade de uma laranja que ele acabava de partir.

– Obrigado, senhor, Deus vos pague! Como e isto é tão bom! Mas, disse a criança, parando de comer logo ao princípio, tenho pena de ter comido tanto, eu devia tê-la levado a meu pai que está doente. Que petisco teria sido este para ele! Vou guardar o resto.

– Não, não, disse a quitandeira, eis aí o que farás. Toma esta para teu pai, ela é muito melhor, e estou certa que lhe fará bem. Não conheço pessoa alguma, a quem uma laranja bem madura jamais tenha feito mal.

O rapazinho agradeceu à boa velha e ao jardineiro, como só sabem agradecer aqueles que por experiência conhecem os tormentos da fome. Depois de haver descansado e achando-se capaz de caminhar, continuou o seu caminho. Sua mãe o reparava na porta da casa.

– Pois bem, João, que novidade trazes? Ele pagou?

O rapazinho abanou a cabeça em sinal de negativa.

– Então é preciso suportarmos, conforme pudermos, essa nova prova, disse a mãe, enxugando o frio suor que lhe inundava a testa.

– Mas vê, minha mãe, aqui tem uma moeda de prata, que aquele senhor me deu, tomando-me por um mendigo.

– Corre, meu filho, vai à casa do padeiro... Mas não... Tu estás cansado; eu mesma irei e tu sobe e fica ao pé do teu pai; dize-lhe que o pão vem neste momento.

– Não corra tanto, minha mãe, disse o rapazinho, gritando atrás dela e mostrando a laranja: eis aí o que trago para meu pai, enquanto não vier o pão.

Ele subiu três andares de uma sombria escada, estreita e carcomida, que conduzia ao quarto onde seu pai se achava deitado.

A porta estava presa numa só dobradiça e a criança, que quase não tinha forças para levantá-la do chão em que estava enterrada, a entreabriu com a menor bulha<sup>22</sup> possível, justamente para poder escorregar para dentro.

Tomem bem cuidado de lá penetrar, aqueles dos nossos leitores, aos quais são necessários para comovê-los elegantes pinturas de infortúnios imaginários e aos quais a sua extrema sensibilidade faz recuar ante o horrível espetáculo de uma miséria verdadeira.

---

<sup>22</sup> Bulha, no contexto, significa barulho.

### III

Ali não há cenas românticas, nem dramáticas a ver, nem linguagem poética a ouvir, nada que se possa lisonjear a imaginação – tudo inspira desgosto e repugnância.

Esse quarto era tão escuro, que quem vinha de fora, podia mal distinguir o que ele continha e pessoa alguma acostumada a respirar um ar puro, poderia suportar alguns minutos de demora nesse covil. Havia três camas. Uma, sobre a qual estava deitado o doente; uma outra, separada da primeira por um despedaçado tapete, era para a sua mulher e sua filha e uma terceira, para o seu filho, estava no canto mais afastado da peça. Debaixo da janela estava uma máquina, na qual o pobre tecelão havia durante muitos dias e anos rudemente trabalhado, talvez demais, até o momento, em que surpreendido pela moléstia, tinha sido obrigado a abandonar o seu ofício; sua filha, que contava pouco mais ou menos 16 anos, estava sentada ao pé da cama, tratando de acabar um trabalho de agulha.

– Como estás vermelha, Ana, diz o seu irmão pequeno, respondendo ao olhar que ela lhe lançou, quando entrou.

– Traze-nos dinheiro? Murmurou ela; se a resposta é *não*, a disfarce, de modo<sup>23</sup> que o nosso pai não ouça.

O menino contou-lhe a meia voz tudo quanto se havia passado.

– Fala alto, disse o pai; estou acordado. Voltas pois como fostes?

– Não, meu pai, não de um todo; no mesmo instante virá pão.

– Dá cá mais um pouco de água, Ana, tenho a boca seca.

O rapazinho cortou a laranja e deu um pedaço ao seu pai, ao passo que ele contou como a obteve. O doente levantou a vista ao céu e abençoou a boa mulher que lhe havia dado.

– Tanto quero a essa pobre velha, disse o menino, quanto tenho ódio a esse rico injusto e cruel que não quis pagar a meu pai todo o custoso trabalho que havia feito para ele. Oh, quanto ódio tenho dele!

---

<sup>23</sup> No periódico, consta “medo”, considerado inadequado no contexto.

– Deus lhe perdoe! Disse o tecelão. Não sei o que ficará feito de vós todos, quando não existirei mais e que não tereis pessoa alguma para proteger-vos ou mesmo para trabalhar na máquina.

– Ana, disse ele, levantando-se na cama, me parece que se eu estivesse em pé, acharia os meios de ganhar ainda alguma coisa.

– Não penseis em levantar-vos, meu caro pai. O melhor que vós podeis fazer para nós é ficardes deitado e repousando!

– Repousar! Ana... Não acho repouso. Repouso é o que para mim não há neste mundo. E enquanto eu cá estiver não é meu dever trabalhar para a minha mulher e meus filhos? Dê cá minha roupa que vou me levantar.

Uma vez debaixo do imperioso dessa ideia, que era o seu dever trabalhar até ao fim, teria sido impossível demovê-lo do seu propósito.

Toda a oposição só teria servido para agravar o seu mal; de sorte que sua mulher e sua filha se viram obrigadas a ceder e a deixá-lo ir a sua máquina, quando suas trêmulas mãos apenas podiam lançar a naveta<sup>24</sup>. Ele não viu quão fraco estava, senão quando experimentou caminhar. No momento em que ele descia de sua cama, sua mulher entrou com um pão na mão. A esse aspecto lançou ele um brado de alegria e foi ao encontro dela, mas caiu sobre o soalho desmaiado, antes de haver podido levar à sua boca um pedaço de pão. Tal era o deplorável estado de fraqueza ao qual o havia reduzido a falta absoluta de alimentos, o excesso de trabalho e a constante inquietação de que estava possuído. Quando o mísero tornou a si, sua mulher mostrou-lhe seu pequeno filho, ocupado a comer um grande pedaço de pão; ela comeu também e fez Ana comer em sua presença para sossegar o seu marido que tinha tido, não sem alguma razão, receio de ver sua mulher e filhos morrerem de fome a sua vista.

– Bem vedes meu pai, que por hoje não há perigo, disse Ana; amanhã eu receberei o preço da minha costura e então teremos com que passar mais alguns dias, em cujo intervalo o alfaiate Sr. Close, provavelmente receberá dinheiro de algumas daqueles senhores ricos que lhe devem tanto dinheiro e bem sabeis que ele prometeu pagar-nos logo que pudesse.

---

<sup>24</sup> Instrumento artesanal; lançadeira de máquina de coser ou de tear, em forma de barco.

Essas esperanças e a lembrança dessas promessas não eram capazes de restabelecer a coragem do pobre homem, que bem sabia quão pouco podia sobre elas. Logo que havia comido e sentiu renascer as suas forças, insistiu para ir a sua máquina com a firme vontade de acabar um desenhado qual ele tinha de receber 5 guinéias à vista. Ele se pôs a trabalhar depois de haver estendido sobre a sua cama, tomado um pouco de repouso, tornou a trabalhar da melhor maneira durante todo o dia, e ainda durante algumas horas da noite girava a sua naveta, enquanto que sua mulher e seu pequeno dividiam a sede.

Quando estava acabada a sua obra, atirou-se ele sobre a cama, justamente ao momento em que o relógio vizinho dava uma hora da noite.

Durante esse tempo achava-se o coronel Pembroke no meio de uma alegre sociedade em casa de Madame York, num esplêndido salão cintilante de luzes, cujas paredes estavam decoradas com as mais raras flores – numa palavra, ele estava cercado das mais loucas prodigalidades do luxo. Somente de pêssegos, dizia-se, figuravam nessa festa para mais de 600 guinéias.

Eles custavam uma guinéia cada um.

O preço de um só, que o coronel Pembroke atirou fora, porque não o achava bem maduro, teria sido suficiente para sustentar durante uma semana inteira o tecelão e toda a sua família.

Certos economistas partidários do luxo sustentam, talvez com razão, que a prodigalidade dos indivíduos aumenta a riqueza da nação. Mas admitindo esse sistema, quando, depois de se ter feita, com a fé de esperanças mentirosas, trabalhar o operário, não se lhe paga o seu salário legítimo, não só se comete para com ele a mais cruel injustiça, mas também se causa os mais graves prejuízos a sociedade em geral, porque em toda a sociedade o trabalho não pode ser permanente, senão enquanto a sua remuneração é certa.

#### IV

Entre as máscaras que enchiam o salão de Madame York, havia três que entretinham particularmente a reunião, a alegre corte seguia-os à medida que eles circulavam, e os seus ditos engraçados eram aplaudidos e repetidos por tudo quanto ali havia de melhor em homens, mulheres e espirituosos e da moda. As três personagens, assim observadas, representavam um pródigo, um meirinho e um credor importuno. O papel de pródigo era com muito espírito preenchido pelo coronel Pembroke e dois dos seus amigos representavam perfeitamente de meirinho e credor. A feliz ideia de aparecerem de noite nesse disfarce tinha sido sugerida pelo incidente acontecido de manhã. O coronel Pembroke aplaudia-se muito, segundo dizia, de haver inventado essa novidade, cuja dificuldade lhe dava a graça e alegrava-se que um canalha de um tecelão, mandando importuná-lo pelo seu pequeno, lhe houvesse fornecido um sujeito de divertimento tanto para a manhã, como para a noite.

Temos um vivo pesar, de não poder, para benefício da posteridade, recordar-nos de algumas das coisas boas, que ali foram debutados por esse trio. Os próprios jornais da época falaram disso nos termos de um pomposo panegírico.

Segundo todas as probabilidades, devia o coronel merecer os elogios, que havia obtido pela maneira com que havia desempenhado o seu papel.

Ninguém melhor que ele conhecia todas essas anedotas de homem da moda, feitos para ilustrar o sistema dos dissipadores. Pelo menos pela quinquagésima vez tinha ele repetido e dito de um homem de categoria, que respondeu a um credor, que teve a *impertinência* de lhe perguntar quando seria paga a sua letra: “No dia do último juízo.”

A admiração, que esses e outros ditos semelhantes têm achado, terá, sem dúvida, feito nascer no espírito de muitos mancebos de bom coração, um desejo de realizar façanhas iguais; embora de ali haja podido nascer a ruína de um grande número de pobres credores, não merecerá isso atenção de certa classe de moralistas, nem mesmo um momento de recurso ou de reflexão passageira. Há gente cuja delicada consciência se revoltaria à ideia de serem assaz injustos e cruéis para deixarem morrer de fome seus credores, mas que

acharam meios de endurecer-se, encarando as coisas debaixo de um grande ponto de vista político.

Evidentemente, seja A ou seja B, que tenha em sua algibeira 100 guinéias, o total da riqueza da nação não muda; que os gozos da vida de A sejam iguais a 100, e as da B iguais a zero, ou que esses gozos sejam igualmente repartidos entre A e B, isto não tem importância para o economista, visto que em ambos os casos a soma total da felicidade da nação, fica evidentemente a mesma. A felicidade dos indivíduos nada é comparada com a massa.

Quando o indivíduo B se acha bastante maltratado pelo nosso economista e esforça-se para fazer observar-lhe, que embora a felicidade de B nada seja para a massa geral, não deixa de ter valor para ele mesmo – então o economista tem uma pitada de rapé e responde que a observação é alheia à questão. Se B se conformar a esse respeito e perguntar humildemente se o bem de todos não se compõe do bem das partes e se, sendo ele uma dessas partes, não tem algum direito a sua parte do bem, o hábil economista responde que de maneira alguma pode ser questão de B, porque B é uma quantidade negativa na equação.

Quando ainda o obstinado B, persistindo em se julgar lesado, opõe algumas objeções a essa nulificação completa de si e de seus interesses e pergunta por que seu lote de homem perdido não caberia em partilha ao devedor C, ou ao próprio economista, este franzirá as sobrancelhas e responderá tudo o que quiserem, menos: – *Não sei*, o que seria uma frase contrária à dignidade de um filósofo. Se reproduzirmos esse raciocínio não é porque nele achamos uma fiel explicação da situação que nos ocupa; mas sim porque ele resume a resposta dada pelo bom senso popular aos sofismas dos economistas.

O coronel Pembroke, apesar dos sucessos que ele tinha obtido no baile de Madame York no seu papel de dissipador, não podia, com todo o espírito e toda a habilidade, satisfazer ou reduzir ao silêncio o seu impertinente alfaiate.

O Sr. Close recusara absolutamente de por mais tempo dar-lhe crédito sem vantagens consideráveis, o coronel foi obrigado a assinar uma letra por toda a soma que ele reclamava, passando em mais de 50 libras a soma real do débito, a fim de compensar para com o alfaiate a falta de dinheiro à vista.



Quando a letra estava bem assinada, selada e entregue, o Sr. Close exibiu a conta do pobre tecelão.

– Coronel Pembroke, disse ele, estou na verdade envergonhado de vos falar em semelhante bagatela – mas como estamos ocupados em ajustar as nossas contas – e depois esse Leblanc, o tecelão, acha-se numa miséria tão terrível, que ele e sua família me perseguem diariamente, a fim de vos falar de seu pequeno débito.

– Quem é esse Leblanc? Disse o Sr. Pembroke.

– Recordar-vos-eis daquele elegante desenho para colete, do qual comprastes a peça inteira, de medo, que ele se tornasse comum e geralmente usado?... Pois bem, esse Leblanc é o tecelão de quem eu a obtive.

– Deus me perdoe, já há mais que dois anos e eu julgava isso pago há muito tempo.

– Não... Eu desejava que assim fosse; porque já há dois meses eles me atormentam todos os dias; nunca vi gente tão impaciente de receberem o seu dinheiro.

– Mas por que empregais vós, gente tão miserável e tão ávida? Que podeis esperar de gente assim senão ser perseguido a todos os momentos?

– É a pura verdade, coronel; também tomo o maior cuidado em evitá-lo; mas, no caso vertente, não tenho de que me recriminar, porque esse Leblanc, quando o empreguei, estava em muito boas circunstâncias para um homem de sua classe, mas desconfio que ele se tenha dado à bebida porque agora não tem mais vintém.

– Que precisão de beber tem um pobre diabo de sua classe, disse rindo-se o coronel Pembroke; ele que deixe isto para gente mais nobre que ele. Beber é um prazer demasiadamente grande para um tecelão. Dizei a esse velhaco, a esse bêbado, que seu dinheiro está mais seguro nas minhas mãos que nas suas.

Então sentiu o alfaiate um pequeno remorso de consciência; ele tinha falado ao acaso e sem sombra de motivo, para insinuar que o pobre tecelão se havia arruinado pelo vício.

– A fé, senhor, disse Close retratando-se; é muito possível que ele não seja um bêbado; nada sei de positivo a esse respeito; foi uma pura suposição minha, que esse deveria ser o caso, vendo-o caído numa miséria que não teria,

a meu ver, outra explicação a não se dar fé ao que ele diz, que tudo isso foi devido à falta de pagamentos, que lhe retardaram.

O coronel Pembroke tossiu duas ou três vezes ao ouvir essa insinuação e tomou a conta do tecelão com uma certa veleidade de a pagar; mas, recordando-se que teria precisão de dinheiro à vista, que trazia na algibeira para outra qualquer ocasião indispensável, contentou-se a sua humanidade com a recomendação que fez a Close de pagar a Leblanc e de acabar quanto antes com isso.

– No caso que vós lhe derdes o dinheiro, podeis como sabeis, aumentá-lo em minha conta ou pô-lo como acréscimo nas costas de minha letra. Enfim arranjai isso como quiserdes, contanto que não ouça mais falar nisso. Não tenho tempo para ocupar-me de semelhantes bagatelas. Bons dias, Sr. Close!

O Sr. Close não teve o cuidado de obedecer a essa ordem do coronel. E, portanto, quando a sua volta veio achar a mulher do tecelão a sua espera, assegurou-lhe que não tinha visto a cor do dinheiro de Pembroke e que lhe era absolutamente impossível pagar o Sr. Leblanc, antes dele haver sido pago; que não se podia exigir que ele adiantasse dinheiro de sua algibeira a Deus e todo mundo o que lhe pedia de não o incomodar e perseguir mais, *pois que não tinha tempo para ocupar-se de semelhantes bagatelas.*

Com a fala dessa *bagatela*, da qual por falta de tempo não se podiam ocupar nem o coronel Pembroke, nem o seu elegante alfaiate, achavam-se o pobre tecelão e a sua família reduzidos à última miséria, a uma fome profunda.

O operário tinha gasto as suas últimas forças em acabar um desenho encomendado por um negociante, que lhe havia prometido de lhe pagar no momento da entrega 5 guinéias. E de fato ele recebeu essa soma, mas devia a seu senhorio pelo aluguel de sua miserável mansarda quatro guinéias e a única que restava foi repartida entre o padeiro, ao qual ele devia uma conta antiga, e ao boticário, ao qual tinham recorrido com a sua moléstia. Não tinham eles, pois, literalmente nada mais sobre que contar, senão sobre o que a mulher e a filha pudessem ganhar com os seus trabalhos de agulha. Mas a sua extrema miséria era tão conhecida, que os seus prudentes vizinhos não ousavam confiar-lhes bordados de medo de não lhe serem devolvidos. Aliás, vendo-os viver num covil tão sujo, não esperavam que de suas mãos saísse alguma obra asseada.

Finalmente, porém, a dona da casa em que moravam lhes obteve algum trabalho de Madame Carver, uma senhora viúva, a qual, segundo ela dizia, era extremamente caritativa. Ela convidou Ana a lhe levar em pessoa a costura logo que estivesse pronta e esperar a falar com a senhora em pessoa, pois que talvez esta tivesse com ele algum rasgo de generosidade, como se contava tantos por ela feitos.

Ana resolveu seguir o conselho; mas quando ela levou a costura ao lugar indicado, quase que faltou a coragem, vendo que Madame Carver habitava uma casa tão magnífica, que havia pouca probabilidade de que os criados deixassem penetrar uma pobre rapariga mais longe que ao vestíbulo ou à casinha. Por um acaso saiu a dama do seu pequeno salão no momento em que introduziam Ana no vestíbulo; ela a fez entrar, examinou a sua obra, que achou boa e gavou<sup>25</sup>; dirigindo-lhe algumas perguntas sobre a sua família, pareceu comover-se a vista da descrição que Ana lhe fez de sua miséria e depois de haver pago o preço estipulado pela obra, deu-lhe meia guinéia e lhe disse que voltasse no dia seguinte, que ela faria esforços para fazer mais alguma coisa por ela.

Essa inesperada generosidade, e o tom e o ar de doçura que a acompanharam, produziram uma tal impressão, sobre a pobre moça, que teria caído se não se segurasse para apoiar-se no espaldar de uma cadeira.

Madame Carver a fez sentar-se.

– Oh... Estou boa, agora, senhora... Não é nada... É unicamente a surpresa, disse ela, desfazendo-se em lágrimas de alegria. Peço-vos perdão de minha asneira, mas hoje estou mais fraca que de costume... É a necessidade.

– A necessidade! Minha pobre filha!... Como ela está tremendo! Na verdade, fraca como está não a devo deixar sair.

Madame Carver tocou a campainha e mandou trazer um copo de vinho; mas Ana não ousou bebê-lo, porque, não estando acostumada ao vinho, sabia que lhe faria mal a cabeça, se tomasse sem ter comido. Quando a dama a viu recusar o vinho, não insistiu, mas instou com ela para comer alguma coisa.

– Ah, senhora, disse a pobre moça, há tanto tempo que não tenho comido com igual vontade e estou quase envergonhada de estar aqui a comer

---

<sup>25</sup> O verbo gavar é sinônimo de gabar, de elogiar.

iguarias, enquanto meu pobre pai e minha pobre mãe se acham no estado que conheceis. Mas agora corro depressa a casa com a meia guinéia para lhes contar quão generosa fostes para conosco. Quão felizes vão eles ser! Quanto vos agradecerão! Minha mãe há de querer vir agradecer-vos pessoalmente e ela, melhor do que eu, saberá expressar os seus sentimentos.

Seria necessário ter por experiência conhecido as angústias da fome para se fazer uma ideia da alegria e da gratidão, com as quais essa pobre família recebeu a meia guinéia. Uma meia guinéia!... O coronel Pembroke no mesmo dia havia despendido seis em casa de um negociante de frutas e dez vezes outro tanto na loja de um joalheiro em sinetes e berloques que de nada lhe serviam.

Quando Ana e sua mãe se apresentaram no outro dia em casa de sua benfeitora para lhe agradecer, ela ainda não estava levantada, mas o criado lhes entregou da parte de sua ama um embrulho que continha uma nova encomenda de costuras, um vestido e algumas outras peças de roupa, destinadas para Ana.

O criado lhe disse que se ela quisesse voltar às 8 da noite, sua ama a poderia provavelmente receber e lhe mandava pedir de acabar a costura até aquela hora.

A obra foi feita, embora que com alguma dificuldade, à hora indicada e Ana, vestida com sua roupa nova, estava na porta de Madame Carver no momento em que soavam 8 horas.

A velha dama estava só, tomando chá e pareceu agradar-se da pontualidade de Ana; disse-lhe que havia tomado informações sobre o senhor e a senhora Leblanc e que, tendo obtido favoráveis respostas, estava disposta a fazer tudo quanto estivesse nela para lhes ser útil.

Ela acrescentou que em breve teria de despedir a sua camareira e que Ana talvez a pudesse substituir. Nada podia ser mais agradável para a pobre moça que essa posição.

Seu pai e sua mãe se alegravam com a ideia de vê-la tão bem arrumada e esperavam com impaciência o dia em que Madame Carver houvesse de despedir a sua camareira. Por enquanto continuava a velha a empregar Ana e a fazer-lhe presentes, ora de roupa, ora de dinheiro. O dinheiro dava esta a seus pais e agradecia do fundo da alma à sua boa velha, como ela a chamava, de lhe oferecer os meios para socorrer aos seus pais.

A doença do tecelão havia sido causada pela falta de alimento suficiente, pela fadiga de corpo e a ansiedade de espírito; sua saúde logo melhorou, desde que se viu ao abrigo da miséria e que lhe renascia a esperança.

Madame Carver lhe encomendou duas peças de fazenda para coletes, que prometeu colocar convenientemente por meio de uma loteria, cujos bilhetes ela venderia a seus numerosos conhecidos. Ela testemunhou uma grande indignação quando Ana lhe contou como Leblanc havia sido arruinado por gente que se recusavam a pagar os seus débitos legítimos, e quando ela soube que vendiam ao tecelão as matérias primas por um preço excessivo, porque as comprava fiadas, ofereceu ela generosamente de lhes emprestar todo o dinheiro de que pudessem precisar, dizendo que Ana o pagaria, quando quisesse, com descontos no seu ordenado.

– Ah, senhora, disse Ana, sois demasiadamente boa, se pudesses ler em nossos corações veríeis que não somos ingratos.

– Estou certa que jamais vos acharei ingrata, minha querida; disse a velha, pelo menos é esta a opinião que de vós tenho.

– Obrigada, senhora, obrigada de todo o meu coração! Todos nós teríamos morrido de fome sem o vosso socorro e graças a vós somos hoje tão felizes inteiramente diferentes do que éramos.

– Com efeito, pareceis hoje toda diferente do que eras, quando vos vi pela primeira vez, minha filha. Minha camareira despede-se amanhã, e podeis vir às 10 horas; espero que nós nos daremos bem. Achareis em mim uma ama

fácil a contentar e não duvido de que sempre em vós acharei uma boa moça, grata, como pareceis ser.

Ana esperava com impaciência o momento em que devia entrar no desempenho de suas novas funções. Ela ficou acordada durante a metade da noite, pensando nos meios de mostrar suficientemente a sua nova ama a extensão de sua gratidão.

Como Madame Carver havia frequentemente expressado o desejo de ver Ana bem vestida, ela tratou de ataviar-se com a melhor roupa que tinha, e o seu pai e sua mãe, dizendo-lhe adeus, não podiam deixar de observar, da mesma maneira como Madame Carver, que Ana parecia absolutamente outra, do que algumas semanas antes!

Na realidade era ela uma jovem extremamente bonita; mas nós não temos necessidade de aqui narrar os elogios que seus pais no excesso de sua ternura prodigaram à sua bela filha.

No momento em que ela partia, estava João, seu pequeno irmão, em casa de um carpinteiro da vizinhança, ocupado a compor uma roda de carro de mão da boa velha, que lhe havia dado a laranja para o seu pai.

A velha, que estava ao pé, olhou para Ana com curiosidade e depois perguntou baixinho ao rapaz:

– Esta é a tua irmã?

– Sim senhora, e melhor irmã não há no mundo.

– Pode ser, disse a mulher, mas não é provável que o seja por muito tempo, no caminho que ela vai agora.

– Que caminho? O que quereis dizer? Perguntou Ana, cujas faces se coloriram de um vivo rubor.

– Oh, vós me compreendeis bem, apesar da vossa inocência.

– Ao contrário, não vos compreendo de maneira alguma.

– Não me compreendeis? Pois então não sois vós, que vejo quase todas as noites ir a certa casa da Rua Chiswell?

– Em casa de Madame Carver?

– Madame Carver!... Ora vamos! Gritou a mulher atirando para longe um pedaço de casca de laranja com um ar de desprezo muito pronunciado. Eis aí uma bonita descaída! Como se eu não conhecesse seu nome e todos os seus negócios tão bem como vós!

– Vós? Disse Ana; então conheceis seguramente uma das melhores mulheres do mundo.

A quitandeira examinou a fisionomia de Ana, ainda com mais atenção do que antes, e depois, agarrando-lhes nas duas mãos disse:

– Pobre moça! Para que abismo vos encaminhareis! Creio realmente que o ignorais; mas se o sabeis, sois a maior velhaca que tenho jamais visto neste mundo de velhacadas.

– Assustais a minha irmã, disse o rapazinho; por favor, vos peço, dizei-lhe de uma vez o que quereis dizer; vede como ela se torna pálida.

– Tanto melhor, agora não desespero mais dela. Pois bem, para vos dizer tudo – pouco importa que ela se assuste, pois é para o seu bem – essa Madame Carver, como vós a chamais, não é Madame Carver senão quando ela, a vista de pessoas como vós, tem precisão por passar de mulher de bem.

– Passar por mulher de bem! Repetiu Ana com indignação. Oh, se o é; se é boa mulher! Vós não a conheceis como eu a conheço.

– Eu a conheço muito melhor, é o que vos posso assegurar. Se preferis não me dar crédito, ide vosso caminho, caminhai à vossa perda, à desonra, à morte... Como ante vós tem ido tantas pelo mesmo caminho. Vossa Madame Carver ocupa duas casas, uma das quais é uma casa ruim, e é para essa que ireis em breve, se não desconfiades dela. Agora sabeis toda a verdade.

A pobre rapariga ficou de tal maneira horrorizada, que durante momentos estava incapaz de falar ou de pensar.

Desde que ela tornou a ter bastante presença de espírito para refletir no que lhe cumpria fazer, declarou que no mesmo instante ia voltar para casa, e tornar a vestir os seus andrajos para devolver à infame Madame Carver toda a roupa que lhe havia dado.

– Mas que ficará feito de nós todos? Ela emprestou a meu pai dinheiro, muito dinheiro. Como poderá ele pagá-lo?... Oh, eu pagarei tudo, irei conchavar em alguma casa honesta, agora sou bastante forte e sadia para fazer toda a qualidade de trabalho e Deus é minha testemunha, que tenho a firme vontade de proceder assim.

Armada com essas resoluções, Ana se deu pressa de chegar em casa para contar a seu pai e a sua mãe tudo quanto havia acontecido; ambos não estavam em casa e ela dirigiu-se a dona da casa, que lhe havia recomendado Madame Carver e fez-lhe exprobrações nos mais tocantes termos, que a sua dor lhe sabia inspirar. A proprietária a ouviu com sua surpresa verdadeira ou maravilhosamente bem fingida, e declarou que tudo quanto ela sabia de Madame Carver era que habitava numa grande e bela casa e que havia sido caritativa com alguns pobres de Moorefields; que ela gozava da melhor reputação e se esta não era atacada, senão por uma quitandeira de laranjas, não havia razão para se dar crédito a semelhantes ditos.

Ana começou então a pensar que tudo quanto lhe tinham dito, podia bem ser mentira ou erro; durante alguns momentos exprobrou-se a si mesma de ter tão facilmente suspeitado de uma pessoa que havia sido tão bondosa para ela; mas depois lhe vinham à memória as palavras enfáticas da quitandeira e o seu ar de mentor, embora não fossem senão ares e palavras de uma quitandeira de laranjas, ela não podia impedir-se de temer que houvesse em tudo isso algum fundo de verdade.

Achava-se ela nessa incerteza, quando o relógio deu 10 horas. A dona da casa a apressou para ir sem mais demora a casa de Madame Carver, a qual ficaria descontente com a sua falta de exatidão; mas Ana quis esperar a volta do seu pai.

– Eles não estarão de volta senão daqui a duas horas, pois que vossa mãe foi ao outro fim da cidade à casa do coronel Pembroke por causa de sua antiga conta e vosso pai foi comprar seda para tecer; ele nos preveniu que não estaria em casa em menos de três horas.

Apesar desses conselhos, Ana persistiu em sua resolução; ela tirou a roupa que lhe havia dado Madame Carver e vestiu a sua velha. Sua mãe, quando voltou, ficou surpreendida, vendo-a nesse estado e nada pode dar uma ideia da dor que ela sentiu, quando soube o motivo dessa mudança. Ela



recriminou-se vivamente de não haver tirado informações sobre Madame Carver antes de deixar sua filha aceitar dela aqueles presentes e derramou amargas lágrimas, pensando no dinheiro que aquela mulher havia emprestado a seu marido.

– Ela o meterá na prisão, esteja certa disso: seremos ainda mil vezes mais infelizes do que nos nossos piores dias. O trabalho com que teu pai está ocupado e com o qual ele esperava realizar alguns lucros é todo dela e agora nos ficará em casa. O que faremos para pagar a renda à proprietária da casa? Oh, vejo que tudo vem acabrunhar-nos<sup>26</sup> de vez, continuou a pobre mulher com gesto de desespero. Se esse coronel Pembroke nos desse pelo menos o nosso dinheiro! Mas andei toda a manhã a caça dele e quando enfim o encontrei, foi unicamente para ouvi-lo jurar e dizer que éramos todos uma família de credores importunos, ou coisa que valha. Depois me disse do alto da sua rica escada, que havia encarregado o alfaiate Close de nos pagar; quando fui a casa deste, tão pouco pude obter satisfação, sua loja estava cheia de gente e ele me despediu bruscamente, dando-me por resposta, que quando o coronel Pembroke o tivesse pagado, ele nos pagaria e antes não. Oh... Que sabem eles dos nossos padecimentos, esses negociantes orgulhosos e esses elegantes peraltas! Que se importam eles conosco!... Não lhes peço esmolas, somente o legítimo ganho de meu marido, ganho obtido com rude trabalho e nem isso posso obter deles! Se eles nos pagassem, poderíamos desafiar essa infame mulher; mas agora estamos a sua mercê, eis nós aos seus pés e ela nos deixará morrer de fome sem piedade!

O pai de Ana entrou durante essas lamentações e quando soube a sua causa, ficou um momento silencioso e depois tirou das mãos de sua filha um embrulho com a roupa, que ela havia preparado para devolver à Madame Carver.

– Dê cá isto; eu mesmo irei ter com essa mulher, bradou ele com indignação; não quero que Ana jamais torne a por os pés naquela casa.

– Meu querido pai, disse Ana fazendo-o parar no momento em que ia sair; talvez tudo isso não passe de um erro; eu vos peço que primeiramente vos informeis de outras pessoas antes de falar com Madame Carver, ela

---

<sup>26</sup> O verbo acabrunhar é sinônimo de acabar, oprimir.

parecia tão boa, foi tão generosa para comigo, que não posso acreditar em sua perversidade. Eu vos suplico, tomai primeiro algumas informações antes de lá ir.

Ele prometeu fazer tudo quanto pedia sua filha.

Depois de sua saída, elas esperaram a sua volta com a mais impaciente ansiedade; o tempo de sua ausência lhes parecia uma demora extraordinária e a cada momento eram elas assaltadas de novos receios e faziam novas conjecturas.

Cada vez que elas ouviam passos na escada, corriam a ver quem era; ora era a proprietária, ora alguns inquilinos ou visitas deles; enfim chegou aquele, cuja volta tanto anelavam, mas apenas o haviam visto, acharam-se confirmados os seus receios. O tecelão vinha pálido como a morte e um movimento convulsivo agitava os seus lábios. Ele foi direto ao seu engenho e sem pronunciar uma só palavra entrou a cortar o trabalho que ainda não estava acabado.

## VII

– Que vais fazer, meu amigo? Bradou sua mulher; considera no que estás fazendo, essa obra é a única coisa no mundo, sobre a qual ainda podemos contar.

– Não podes mais contar sobre coisa alguma, disse ele, continuando a cortar o tecido com a mão apressada. Não podes mais contar sobre mim, nem sobre o meu trabalho. Nunca mais manejarei naveta – considera-me como morto. Amanhã estarei morto para ti, estarei no calabouço e lá ficarei até o meu último dia. Toma este trabalho, para dá-lo ao nosso senhorio. Encontrando-me ontem na escada, me disse que de pronto lhe mandasse a renda da casa. Com isto ficará ele pago; pagarei tudo quanto puder. Quanto à máquina, que é alugada, a seda que hoje comprei pagará o seu aluguel. Pretendo satisfazer todas as minhas dívidas até ao último ceitil, enquanto me for possível. Mas as dez guinéias dessa malvada mulher, não as posso pagar. Eis porque tenho de ir ficar-me numa prisão. Não chores Ana, não chores assim minha querida filha. Tu me despedaças o coração, mulher se te desesperares desta sorte. Pois não será uma consolação para nós de pensar que de qualquer maneira que saíamos desse mundo, sairemos como gente de bem, tendo feito em tudo quanto em nossas forças coube, o nosso dever para com Deus e o nosso próximo? Minha filha, continuou ele, vejo-te salva, e dou mil graças a Deus!

Depois de haver desta maneira dado incoerentemente livre curso as ideias que o assaltavam, tornou-se o pobre homem um pouco mais calmo, e conseguiu narrar tudo quanto se tinha passado entre ele e Madame Carver. As informações, que havia tomado antes de vê-la, confirmaram suficientemente a história da quitandeira de laranjas e quando ele ia devolver-lhe os presentes, que Ana havia infelizmente aceito, Madame Carver, com toda a audácia de uma mulher endurecida pelo vício, confessou as suas intenções e o seu ofício. Ela declarou que, apesar da ignorância e inocência que Ana e seus pais haviam por bem afetar agora, ela tinha a convicção que eles sempre haviam compreendido de que se tratava e que finalmente não se deixaria enganar por uma súcia de hipócritas patifes.

Ela começou a jurar com horríveis imprecações, que se arrancassem Ana ao seu poder, se vingaria e que sua vingança não teria limites.

O curso dos acontecimentos mostra que tudo isso não eram ameaças sem fundamento.

No seguinte dia vieram dois meirinhos prender o pai de Ana. Eles o encontraram na rua, quando foi entregar a sua última moeda às mãos do padeiro.

Em vão esforçava-se o infeliz por comover a autoridade, narrando a simples verdade; Madame Carver era rica, sua vítima era pobre. Mandaram-no para a prisão e ele lá entrou com a firme convicção de que ali passaria o resto dos seus dias.

Sua mulher conservava no fundo do coração uma fraca esperança, pois julgava que se ela pudesse conseguir dos criados do coronel Pembroke, que a deixassem falar a seu amo, ou lhe entregassem a narração das suas desgraças por escrito, este pagaria imediatamente as 14 libras que lhe devia há tanto tempo. Com esse dinheiro ela podia conseguir a liberdade de seu marido e tudo ainda iria bem. Seu filho, que escrevia bastante legivelmente, escreveu a petição.

– Ah, minha mãe, disse ele, não podeis esperar que o coronel Pembroke leia este papel; ele o rasgará, como já fez um dia com o que lhe levei.

– Sempre é bom experimentar, continuou ela; não posso crer que um homem seja assaz cruel e assaz injusto... Ele nos pagará, quando souber toda a verdade.

O coronel Pembroke estava se vestindo apressadamente para ir a uma grande janta no hotel da Aurora e da Coroa. Um dos seus companheiros de prazer o esperava na sala. Foi nesse momento pouco propício que chegou Madame Leblanc.

A princípio os criados recusaram absolutamente entregar a sua petição; mas por último um rapaz que o coronel havia há pouco tempo trazido da campanha, consentiu a levar o papel, quando fosse chamado para dar a seu amo informações de um cavalo que estava doente.

Enquanto o criado grave penteava o coronel, foi chamado o rapaz, e depois de algumas perguntas, cheias de solicitude pela saúde do cavalo, recebeu das mãos do *groom* o papel que este lhe estendia, dizendo:

– Senhor, lá embaixo está uma pobre mulher que espera a resposta, e se é verdade o que ela diz, como eu o julgo, é de comover a gente.

## VIII

– Teu coração, meu rapaz, ainda não está aclimatado em Londres, pelo que vejo; disse sorrindo-se o coronel Pembroke; pelo que parece vai derreter-se a vista de quantos mendigos encontrares.

– Não, não; sou homem, e tal não acontece, respondeu o *groom*, apressando-se a limpar as lágrimas com o reverso da mão. Todos não têm ares assim... Os mendigos são mendigos, e deve-se tratá-los como tais. Mas essa mulher, senhor, não é uma mendiga ordinária, estou certo disso; e ela não pede mais que ser paga de sua conta, e por isso julguei dever trazê-la.

– Pois bem, senhor, visto que a trouxestes, podeis tornar a levar a conta, gritou o coronel Pembroke, e para o futuro, senhor, vos recomendo de tomar cuidado nos vossos cavalos e deixar-me a mim o cuidado de tratar dos meus negócios.

O *groom* retirou-se e quanto à conta da pobre mulher, seu amo a deu sem a ler ao cabeleireiro, que procurava um pedaço de papel para experimentar o calor de seus ferros.

– Eu seria assaltado desde a manhã até a noite com conta e subscrições, continuou o coronel Pembroke, se eu não tirasse a esses todos a vontade me as trazer. Esse bobo de *groom* acaba de chegar à cidade; ele ainda não sabe como se despede um credor, mas em breve o terá aprendido. Dizem que os cães de América só apreenderam a ladrar, depois de se ter encontrado com os cães civilizados da Europa.

O coronel Pembroke tinha o costume de afugentar a reflexão e sufocar os murmúrios de sua consciência por alguma declamação ruidosa, ou algum dito espirituoso.

No fim do papel que o cabeleireiro deixara sobre a mesa via-se ainda assaz visivelmente escrito o nome Leblanc.

– Leblanc, bradou Pembroke, por Deus, há 6 meses são esses Leblancs o tormento de minha vida.

Levantando-se rapidamente tocou a campainha e mandou ao criado grave que nunca mais se deixasse entrar esses *Leblanc*, e que nunca mais se lhe trouxesse as suas contas ou pedidos.

– Para puni-los de sua insolência, não lhes pagarei um centésimo por ano; se a mulher ainda estiver aí, dissei-lhe isto. Encarreguei o alfaiate Close de pagá-los; se não o fez, não é por minha culpa. Não quero mais ouvir falar nisso. O primeiro que ouse desobedecer a esta ordem será despedido.

– Essa mulher já se foi, disse o laçao, não fui eu quem a deixou entrar e recusei-me a entregar o seu papel.

– Fizeste bem. Não quero mais ouvir falar nisso. Chegaremos hoje tarde ao hotel. Peça-vos perdão, meu amigo, de vos haver feito esperar tanto tempo.

Enquanto o coronel se dirigia para uma alegre reunião, cujo centro e base ele era, a pobre mulher voltou desesperada à prisão onde estava preso o seu marido.

Não faremos a descrição da horrível posição em que se achava essa família logo depois dessas cenas. A compaixão tem limites dos quais o coração humano não pode passar.

Um dia que Ana voltava da prisão onde ela tinha ido ver seu pai, chegou-se a ela um sujeito e lhe entregou uma carta, feito o que, desapareceu numa das ruas laterais. Tendo aberto a carta, já não lhe era lícito duvidar de que ela vinha de Madame Carver; eis seu conteúdo:

“Vossa obstinação de nada vos pode servir; sois a causa do que vosso pai padece na prisão e vossa mãe quase morre de fome. Podeis os arrancar à miséria pior que a morte e preparar-lhes o bem-estar para o resto dos seus dias.

“Sede certa que elas não são sinceras quando pretendem não querer que ponhais pela vossa complacência um termo aos seus atuais sofrimentos.

“Vós sois cruel para com eles, para convosco própria, e não deveis acusar a mais ninguém. Podereis habitar durante toda a vossa vida uma casa tão bonita como a minha, ter a vossa mesa coberta de iguarias durante todo o ano, trajar com tanta elegância como as primeiras senhoras de Londres (de que vossa beleza, aliás, vos torna digna), tereis criados, carros, cavalos e nada a fazer senão divertir-vos. E o que se vos pede?

“Unicamente tornar feliz uma pessoa, cujo amor vos invejaria a metade da cidade, e que teria todo o empenho em satisfazer os vossos menores desejos.

“Essa pessoa tendes a visto mais de uma vez no meu salão; é um gentil-homem, rico e generosíssimo. Se vierdes às 6 horas da noite de hoje à Rua Chiswell, reconheceréis a verdade de tudo quanto deixo dito. Ao contrário, vós e os vossos terão de sofrer as consequências de vossa obstinação.”

Tão grosseira que possa parecer a linguagem dessa carta, Ana não a pode ler sem emoção e sem que no seu coração se desse um violento conflito. Ela via de um lado a virtude com a pobreza e a fome, e do outro o vício com a abundância, o amor e todos os prazeres do mundo.

## IX

As pessoas que nasceram e viveram seu luxo, as quais o céu nunca enviou o vento da adversidade, cuja alma desde a mais tenra idade, tem sido resguardada com o mesmo cuidado, como o seu corpo; que nos perigosos dias da juventude vivem cercados de tudo o que dá o mundo elegante e a solicitude de amigos experimentados pode imaginar para defendê-los, – essas pessoas, dizemos, talvez não sejam competentes para julgar das tentações que podem assaltar a beleza nas classes inferiores da sociedade.

Os que nunca viram um pai na prisão ou uma mãe morrendo à míngua dos objetos mais necessários à vida, ou que nunca conheceram pessoalmente as solicitações da necessidade – não pode fazer uma ideia completa dos sentimentos que agitavam essa pobre menina, e da tentação à qual ela estava exposta. Ela chorava, hesitava – ora, a mulher que delibera está perdida.

Entre as pessoas de seu sexo, serão talvez as mais virtuosas aquelas que estarão mais dispostas à piedade para com essa pobre moça, que morria literalmente de fome, antes de abandonar as suas boas resoluções.

Enfim, cedendo à imperiosa necessidade, ela estava à hora indicada em casa de Madame Carver.

Essa malvada mulher a recebeu com a alegria do triunfo, deu-lhe de comer e depois se apressou a adorná-la da maneira a mais brilhante possível. A pobre jovem, ficando um passivo instrumento em suas mãos, prometeu

obedecer às instruções que recebia, e deixou, sem luta nem emoção aparente, conduzir-se à sua perda.

Ela se achava num estado de completa insensibilidade, quando afinal foi arrancada desse estupor pela voz de um estrangeiro que se achava só com ela. Esse forasteiro que era um jovem e alegre gentil-homem de exterior e maneiras igualmente agradáveis procurou por todos os meios agradar-lhe, e acalmar suas apreensões. Depois passando pouco a pouco do tom de leviandade, ao da ternura, ele lhe disse que não era um homem vil e brutal, capaz de se contentar com um sucesso, no qual o coração não tivesse parte e lhe assegurou que em todas as relações, que ela quisesse ter com ele, a trataria com consideração e delicadeza.

Comovida por essa linguagem e sucumbindo sob o peso de sua triste situação, Ana não achou uma só palavra de resposta, mas debulhando-se em lágrimas, caiu aos pés do gentil-homem e bradou:

– Salve-me! Salve-me de mim mesma! Restitui-me aos meus pais, antes que eles tenham razão de me odiar!

O cavaleiro parecia um pouco incerto, se isso era uma comédia ou se era sincero; ele levantou Ana e a fez sentar-se ao seu lado.

– Devo pois, supor, disse ele, que me enganaram e que é sem o vosso consentimento que vos achais aqui?

– Não, não posso dizer isto. Ah, prouver a Deus, que o pudesse? Fiz mal, fiz muito mal de vir aqui, mas estou arrependida. Eu estava meio morta de fome; meu pai está preso e eu esperava com dinheiro restituir-lhe a liberdade. Mas não procurarei tornar-me aos seus olhos melhor do que sou. Eu esperava, além de livrar meu pai da prisão, passar todo o resto da minha vida ao abrigo da miséria e esperava ser feliz. Mas agora mudei de ideias – jamais serei feliz sem ter a minha consciência pura. Conheço-o pelo que experimentei ainda agora.

Os soluços lhe embargaram a voz e durante alguns momentos a impediram de falar. O gentil-homem, agora convencido que a emoção de Ana era sincera e não inventada, sentiu-se cheio de compaixão; mas a sua compaixão estava envolta a outros sentimentos e ele esperava que se mostrando afetuoso para com Ana, a decidiria a viver mais tarde com ele.



Tendo ele muita vontade de ouvir a narração de sua vida passada, Ana lhe contou às circunstâncias que os tinham reduzido à miséria, a ela e a seus pais.

Logo ao princípio o gentil-homem mostrou interessar-se muito na narração, mudava de cores, levantou-se precipitadamente de sua cadeira e começou a percorrer o salão em todas as direções e com grande agitação, ato que afinal, ouvindo pronunciar o nome do coronel Pembroke, parou de repente e exclamou:

– Sou eu! Eu sou o coronel Pembroke; eu sou esse miserável injusto e cruel! Quantas vezes, na amargura de vossos corações, deveis haver-me amaldiçoado!

– Oh, não, meu pai, mesmo nos momentos em que estava mais mal, jamais vos amaldiçoou e estou certa que ele agora terá muitas razões para abençoar-vos, se lhe restituirdes a sua filha, tal qual ele a deixou.

– É o que farei, disse o coronel Pembroke, o terei algum mérito em impor-me este sacrifício. É tempo que eu repare o mal que tenha feito, continuou ele tirando de sua algibeira um punhado de guinéias, e principiarei pagando a minha dívida.

– Meu pobre pai! Bradou Ana. Amanhã sairá da prisão!

– Eu mesmo irei convosco à prisão onde está vosso pai; quero obrigarme a ver todos os males que tenho causado.

O coronel Pembroke foi efetivamente à prisão e a cena de que ele foi testemunha o impressionou de tal maneira, que não só tirou essa família da miséria, mas dois meses depois estavam pagas as suas dívidas, vendidos os seus cavalos, e regradas todas as suas despesas, de maneira que para o futuro se tornou verdadeiramente independente e não passou mais os seus dias, com muitos mancebos da moda, a temer e maldizer importunos credores<sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> Cópia atualizada da tradução feita por Carlos von de Koseritz da novela *The Dun*, de Mary Edgeworth publicada em folhetim no jornal *Eco do Sul* entre fevereiro a abril de 1862, encontrada no acervo da Biblioteca Rio-Grandense, da cidade de Rio Grande (RS).

FOLHETIM

## A FILHA NA SEPULTURA

POR

Hans Christian Andersen<sup>28</sup>

(TRADUÇÃO LIVRE)

Reinava a tristeza em casa, reinava o desespero nos corações. Havia morrido a filhinha mais velha, uma linda menina de 4 anos, a alegria dos pais, a esperança do seu futuro. É verdade que ainda tinham duas filhinhas mais moças, ambas lindas e abençoadas crianças, mas o filho que falta é sempre o mais querido, e esta fora a mais velha, a que mais alegrias dava. Foi uma provação bem dura.

O pai estava profundamente contristado, a mãe, porém, quase que sucumbira à imensa tristeza, ao desespero, que invadira a sua alma. Noites e dias passara ela ao lado da filhinha doente, cuidara dela, descansara em seus braços; era uma parte de sua vida, uma parcela do seu coração, bem sentia e compreendia-a. Pobre mãe! Não queria, não podia crer ainda, que sua filhinha estivesse morta, que houvesse sido deitada no caixão coberto de flores e depositada na sepultura onde devia ficar dormindo para sempre; “Deus piedoso não pode tomar-me a minha filhinha”, assim pensara a mãe aflita, e agora que se havia realizado o que ela julgara impossível, que já não podia mais duvidar da triste realidade, bradava ela na profundidade de sua dor: “Deus não é sabedor da desgraça que nos aniquilou; seus ministros sobre a terra são indignos, eles procedem arbitrariamente, não ouvem as orações de uma mãe aflita!”

Em sua dor esqueceu, desconheceu ela NOSSO SENHOR, e negras ideias, ideias de morte, de aniquilamento eterno invadiram sua alma. Consigo dizia: “a vida humana é pó, e torna ao pó, e com a vida se acaba tudo. Com tais ideias nada lhe restou, a que pudesse apegar-se e foi engolfando-se nos abismos insondáveis do desespero, onde só encontrou o terrível – nada, nada!

---

<sup>28</sup> Hans Christian Andersen (1805-1875) foi um escritor dinamarquês de histórias infantis como: *O patinho feio*, *O soldadinho de chumbo*, *A pequena sereia*, etc. O tradutor aportuguesou o nome do autor para João Cristiano Andersen.

Nas horas mais cruéis, as lágrimas não lhe acudiam mais aos olhos; nem se quer se recordava que ainda lhe ficavam filhos.

As lágrimas do esposo molhavam a sua fronte e ela nem sequer o encarava; seu pensamento todo, suas ideias, sua alma, estavam com a filhinha morta, e ela consumia suas forças esgotava a sua vida no labutar insano de recordar cada uma das ações, cada uma das inocentes palavras de seu finado anjo!

Chegavam às horas do enterro; a noite anterior o sono não havia fechado as pálpebras, e prostrada de fadiga afinal sucumbiu ao cansaço, fruindo alguns momentos de descanso. E enquanto ela dormia, amortalharam o pequeno corpo, deitaram-no por entre flores no caixão que atarraxaram.

Quando acordou a triste mãe e quis ver a sua filha, o esposo lhe disse por entre lágrimas: “Fechamos o caixão porque assim era preciso”.

“Se Deus é injusto para comigo, disse ela, que muito é que os homens também o sejam.” E de novo rompeu em soluços.

E levaram o caixãozinho para depositá-lo na sepultura; a triste mãe ficara ao lado das filhinhas que sobreviviam, mas ela as contemplava sem as ver, seus ideias não se ligavam mais à vida, e entregando-se à dor, esta a agitava, como o mar joga de onda à onda a barca que perdera velas e remos.

Assim se passou o dia do enterro e assim se passava dia por dia, sempre na mesma dor monótona e dilacerante. O esposo a contemplava com lágrimas e olhar triste; ela não ouvia as suas palavras de consolação; e ele mesmo não sabia consolar; se estava tão triste também!

Parecia que a mãe aflita não conhecia mais o esposo, e não obstante devera ser ele o seu melhor amigo, para dar forças ao corpo enfraquecido e confortar a sua alma doente. Deitava-se e ficava quieto, como se estivesse dormindo; uma noite o esposo a observava, a sua respiração e pareceu-lhe que afinal o sono lhe dera um alívio; foi uma esperança que lhe surgiu; ele pôs as mãos e agradeceu a Deus, até que o sono também lhe veio fechar as pálpebras; – mas ELA, não dormia.

Momentos depois o esposo caíra em profundo sono e não vira como ela se levantou, se vestiu e pé por pé saiu da casa para dirigir-se ao lugar que suas ideias procuravam a todos os momentos, a sepultura que encerrava a sua filhinha.

Saindo de casa pelo quintal, dirigiu-se ao campo e tomou o caminho que conduzia ao cemitério. Ninguém a via; ela não via a ninguém.

A noite estava clara, a temperatura benigna, porque era verão; afinal a aflita mãe chegou ao cemitério, à pequena sepultura, que parecia um único imenso buquê de flores. Cercada dos perfumes delas, caiu ela de joelhos, e deitou a cabeça no túmulo, como se pudesse, por entre a terra, enxergar a sua filhinha, cujo sorriso de anjo lhe estava sempre presente! Não era possível esquecer-se a expressão amorosa do seu olhar, inda mesmo no seu leito de morte. Como era expressivo aquele olhar, quando a mãe se inclinava sobre ela, quando segurava a mãozinha da pobre doentinha entre as suas! Como estivera sentada ao seu leito, assim estava agora junto ao seu túmulo; aqui, porém suas lágrimas tiveram livre curso, e ela chorava, chorava lágrimas ardentes que umedeciam a sepultura.

De repente uma voz lhe disse: “Tens vontade de descansar dentro da terra ao lado de tua filha?” A voz era tão clara, tão distinta, que lhe penetrou no coração. Levantando os olhos, viu junto a si um homem envolto em capa negra, com a cabeça coberta: sua fisionomia era severa, mas inspirava confiança e seus olhos resplandeciam um brilho sobrenatural, como se estivesse na flor ardente da mocidade.

“Descansar na terra ao lado de minha filha?” repetiu a pobre mãe, e haveria em sua expressão como que uma oração de desespero.

“Tens ânimo para seguir-me?” perguntou a figura. “Sou a morte!”

E ela fez sinal que sim; então lhe pareceu que as estrelas tomavam brilho maior, as flores que cobriam o túmulo resplandeciam e a crosta da terra começou a baixar pouco e pouco, como um pano que afunda; assim foi descendo e a morte a cobriu com seu negro manto; fez-se a noite; noite escura e profunda, e ela desceu ao túmulo; o cemitério ficava em cima dela como uma abóboda.

E agora caiu o manto que a envolvia; ela achava-se em um imenso antro de grande extensão; reinava o crepúsculo ao redor dela, mas chegada ao seu coração, em seus braços, tinha a sua filhinha, que lhe sorria no esplendor de uma beleza divina, maior que nunca d’antes. A pobre mãe lançou um brado de alegria, mas não foi ouvida, porque junto a ela ondulavam os sons diversos de

uma melodia, que falava à alma e penetrava por um negro pano que separava o antro da morte da vasta terra da eternidade.

“Minha rica mãezinha! Minha mãezinha querida!”, ouviu ela dizer a sua filhinha; era aquela vozinha amada, tão conhecida; e na embriaguez da alegria mil beijos foram trocados.

E a criança, indicando com o dedo o negro pano que encobria a terra da eternidade, disse:

“Tão belo, tão ameno não é na terra! Vês minha mãe? Vês tudo? É esta a suprema bem-aventurança!

Mas a mãe nada enxergou do que a filha lhe mostrava, nada, se não a escura noite; é que ela via com olhos terrestres, não via como a sua filhinha, que Deus havia chamado para junto do seu trono, ela ouvia o que desejava ouvir.

“Agora já sei voar, mamãe” disse a criança “agora vou voar com todos os outros anjinhos para junto de Deus. Desejo-o tanto! Mas enquanto chorares, não te posso deixar, e não obstante desejo-o tanto! Não me deixarás ainda?... Em pouco tempo, querida mãezinha, estaremos eternamente aí reunidos!”

“Oh não, não” dizia a mãe “fica comigo, ainda que seja só mais um instante, para que mais uma vez te possa olhar, beijar, apertar-te em meus braços!”

E ela beijava a filhinha e segurava-a nos braços!

“Ouves” disse a filhinha “é papai que te chama!”

E poucos segundos depois, ressoaram profundos suspiros, como de criancinhas que choram.

“São minhas irmãzinhas” disse a criança “não te esqueças delas, mamãe!”

E agora vieram à mente da pobre mãe os que deixara na terra; uma secreta ânsia se apossou dela. E junto a ela passavam de vez em quando sombras, algumas das quais ela julgava conhecer; elas passavam pelo centro da morte e desapareciam atrás do negro pano.

Seu esposo, suas outras filhinhas também viriam? Não, sua voz, seus gemidos, seus soluços vinham de cima da terra, e ela quase que os esquecera de todo por causa da filhinha morta.

“Mamãe, agora tocam os sinos no céu!” disse a criança “mamãe agora sai o sol!”

E a claridade a inundou; a sua filhinha tinha desaparecido e ela levantou-se; fazia frio ao redor dela, e levantando a cabeça viu que estivera deitada, dormindo no cemitério, encostada à sepultura de sua filha. Mas no sonho benéfico Deus lhe havia dado conforto e iluminado o seu espírito. Ela ajoelhou-se e orou: “Perdoai, Senhor meu Deus, a fraca mãe que tentou reter um anjo eterno no seu vôo; perdoai, Senhor, à misera mãe que esqueceu que vossa bondade ainda lhe deixou!”

E com essas palavras desanuviou-se o coração; a dor cedeu e o alívio, a consolação penetrou nele.

E brilhante surgiu o sol; os passarinhos começaram a cantar nos chorões do cemitério e os sinos da igreja tocaram a matinas.

E a confiança em Deus, a consolação, o conforto voltaram ao seu seio. De novo conheceu seu Deus, de novo confiou n’Ele, de novo também compreendeu seus deveres e saudosa foi para casa.

Chegada ao quarto inclinou-se sobre o esposo adormecido, um terno beijo o acordou, ela lhe dirigiu palavras de consolação, vindas do coração, mostrou-se forte e conformada, como compete à esposa e mãe. Foi ela quem consolou o marido, foi ela quem lhe disse:

“Deus faz tudo pelo melhor! Seja feita a sua vontade!”

E o esposo perguntou-lhe: “D’onde te veio essa força, d’onde esse ânimo consolador?”

E ela beijou e beijou suas filhinhas:

“Deus me inspirou no túmulo da nossa filhinha!”

C. K.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Iniciais de Carlos von Koseritz, presentes em vários escritos e traduções localizados nos jornais das cidades de Rio Grande e Pelotas.

## FOLHETIM

# DOIS ANJOS<sup>30</sup>

Romance de  
Juvêncio Augusto Meneses Paredes  
(1867)

### I

No ano de 1865, dos meses de março a agosto, fundou-se na cidade de Porto Alegre uma sociedade literária com o nome de Ateneu Porto-Alegrense.

Era a casa das sessões da sociedade a parte térrea de um sobrado da rua de Santa Catarina.

Na parte superior do edifício, habitava uma família distinta da sociedade porto alegreense. Compunha-se essa família de uma senhora idosa e duas jovens encantadoras pela beleza, que em tipos divergíssemos nelas figurava.

Chamavam-se as moças, (perdoe-se o pseudônimo) Ofélia e Isaura, a senhora idosa chamava-se Ana.

Tão perto do céu, porque os habitantes da parte superior do edifício eram os anjos, era impossível que a sociedade literária não fosse um paraíso.

E era ela, realmente, um paraíso encantado, não desses que a mente calorosa dos poetas cria nos seus sonhos, mas um paraíso desses em que, se as flores têm perfumes, também têm a beleza do contraste nos espinhos, que as defendem.

Tão perto do céu, não era de estranhar que a mocidade corresse pressurosa a alistar-se na fileira dos literatos.

Bastavam para atraí-los, os olhos encantadores da menina Ofélia, que tinham roubado do céu a cor e a formosura, ou os de Isaura, que em nada cediam à palma de sua irmã.

---

<sup>30</sup> PAREDES, Juvêncio Augusto Menezes. *Dois Anjos*. *Inúbia*. Rio Grande, 1ª série, n. 1, 2, 3, mar. 1868, p.2-3,1-2, 2, respectivamente.

Isaura teria 19 anos, quadra mágica no correr da vida, em que uma esperança é uma flor arrebatadora, e uma descrença, um agudo espinho que escruta<sup>31</sup> a alma.

Ofélia teria 17 anos de idade, florescente botão de rosa, mal despertava ao clarear de uma madrugada toda de amor.

Tão belas, ambas, não era de admirar que dentre os muitos jovens que frequentavam a sociedade literária, alguns se sentissem feridos pelas setas do Deus vendado, desde o instante em que as viram.

Assim devia ser, porque a atração de simpatia que existe entre os sexos diversos ninguém pode resistir.

Dois eram também os jovens que consagravam os seus pensamentos a esses anjos, ambos sentiam no coração o crepitar da primeira chama de amor.

Chamavam-se esses mancebos: – Jônio e Apolônio Getulino (nomes que adotavam na sociedade literária).

Jônio era um mancebo claro, pálido e louro, teria 20 anos de idade. Apolônio era também claro, pálido e de cabelos negros, como a asa do urubu, tinha então 25 anos.

---

<sup>31</sup> No original “excrucia”, palavra não encontrada nos dicionários consultados, por isso optamos por um significado, que julgamos, mais aproximado.



## II

Em uma, fresca e amena, tarde do mês de abril de 1865, Jônio viu da porta do Ateneu a jovem Ofélia e ficou, como se costuma dizer, enamorado dela. A moça ao vê-lo sentiu também essa primeira oscilação, que o Sr. Stendhal chama de primeira cristalização de amor: a simpatia.

Da primeira à segunda cristalização decorre apenas 15 dias, ela amava-o com a mesma força de amor que ele lhe consagrava. A terceira e última cristalização não tardou a se fazer sentir: apaixonaram-se um pelo outro, idolatravam-se.

Apolônio descobriu modos de ser admitido na casa da família do sobrado. Com as relações que se trataram, Apolônio e Isaura sofreram da mesma moléstia dos outros dois.

## III

Ofélia era uma linda menina loura, dar-se-ia um anjo, senão se visse que na Terra não há. Seus lindos e sedosos cabelos caíam em vastos cachos sobre o colo mais alvo que se pode imaginar.

Seus olhos azuis desferiam o brilho mais líquido e puro; sua boca era um ninho de rosas, formado pela mão das graças.

Reuni a estes predicados de beleza a debilidade de um corpo o mais airoso, e tereis, leitoras, o retrato da amável Ofélia.

Ela era também o mimo de sua desvelada mãe, que já previa o seu prematuro fim.

Isaura era a antítese de sua irmã, mas como os extremos tocam-se, as duas belezas, em tipos realmente diversos, sobressaiam as demais com igualdade na luta.

Isaura era uma gentil moreninha, sua face de jambo, aveludada por macio pelo preto, assemelhava-se à rosada Alexandria<sup>32</sup>.

Os seus lábios nacarados pareciam com o delicioso miolo da romã.

A sua voz era doce e vibrava na alma como no meio de um lago o som da maviosa flauta do pescador.

#### IV

Jônio e Apolônio eram dois moços bem conceituados e, por isso, após largas relações entre eles e a família de Isaura e Ofélia, não houve o menor assombro quando vieram dizer a alguns de seus amigos que iam casar-se com as amáveis jovens, e despedir-se deles, porque iam acompanhar a família de D. Ana a São Leopoldo, visto que a enfermidade da menina Ofélia crescia e os médicos recomendavam-lhe o ar livre e as distrações da colônia.

É, pois, em São Leopoldo que iremos encontrar os quatro jovens.

Não vos admireis, leitoras, deste salto mortal que damos de um a outro ponto em nossa historieta: não há tempo, nem lugar para mais.

#### V

Na tarde de 13 de junho de 1865, as canoas e barcaças do rio Itapuí, em frente à cidade de S. Leopoldo achavam-se cheia de passageiros para passar de uma a outra margem do rio. Em uma dessas canoas ia a família de D. Ana e os rapazes.

Havia baile público na casa do alemão Iring.

É preciso notar que a camada mais alta da sociedade frequentava alguns desse bailes públicos, por ser isso um uso germânico.

Ofélia trajava um elegante vestido de seda preta, um cinto azul prendendo-lhe a flébil cintura e um botão de rosa escarlate, que lhe aromatizava os anéis de ouro de seus cabelos, eram os únicos adornos que trazia.

---

<sup>32</sup> Possível referência à lenda das rosas de Alexandria, brancas de dia e vermelhas à noite.

Isaura, a mimosa morena, trajava um vestido branco, cinto e rosa eram iguais aos de sua irmã.

## VI

Às 10 horas da noite dançava-se a quarta quadrilha: Jônio e Apolônio eram *vir a vir*. Dançavam eles com as meninas Ofélia e Isaura, por isso podemos ouvir o que diziam:

– D. Ofélia está hoje mais bela do que nunca.

A moça empalideceu, e baixou subitamente a vista para o chão.

– O que tem, minha senhora, está doente?

– É que, disse ela, muitas vezes, entrevê-se o mundo por um prisma sedutor: sonha-se com leito de rosas e violetas, e encontra-se um leito frio de barro viscoso!

– Que ideias!... Deixe-se dessas tristezas, que me matam!

– Aqui, disse a moça batendo no coração, pulsou já um dia de vida, Sr. Jônio, o dia em que o vi, e em que o amei, hoje, porém...

– Os dias são os mesmos, minha senhora...

– Reina o crepúsculo da tarde da vida: à noite da morte não tarda a estender-lhe o seu véu lúgubre e negro.

E duas gotas cristalinas vieram molhar-lhe os delicados cílios.

Era a lágrima derradeira do cisne que, livre da poeira deste mundo, saúda com tributo de saudade a aproximação da Eternidade!

## VII

Um vivo rubor ateou-se nas faces da moça: dir-se-ia duas manchas de sangue.

Seus olhos desferiam um fulgor divino, porém sinistro, era o bruxulear extremo de uma luz, que refulge, empalidece e depois se apaga.

## VIII

Em frente de Jônio e Ofélia conversavam Apolônio e Isaura. Sua conversação era animada, como deve ser entre dois jovens que estão próximos a desposar-se.

– A vida sem a mulher, dizia Apolônio, seria um jardim sem flores, um dia sem sol, uma noite sem estrelas; isto é, seria a antítese pronunciada do belo: seria a terra árida e inculta, o dia tornar-se-ia noite, a noite seria um denso e negro caos.

– Por que diz isso?

– Porque até aqui o mundo era para mim o que acabo de dizer, horrendo e negro, mas hoje o meu coração palpita e a minha alma sente, vivo enfim.

– A que fada misteriosa e protetora deve o Sr. essa mudança repentina?

– A Sra. Isaura, pois não é a Sra. quem se apiedou de mim?... Não é a senhora a que devo o meu ingresso numa estação puramente nova de flores e de luz?

– É lisonjeiro demais, meu Sr.

– Amo-a, eis a minha defesa, serei culpado?

– Porque diz, acredito-o.

## IX

Passaremos de largo o que se deu durante o resto do baile, porque não vem ao nosso caso.

Chegamos, pois amável leitora, ao momento em que o homem atravessa a porta de uma igreja para jogar com uma única palavra a sua vida inteira no jogo incerto do matrimônio, em que o prêmio da felicidade corresponde a um por cento nas perdas do infortúnio.

Era o dia 15 de setembro de 1865. Era uma das capelas da cidade de São Leopoldo, celebrava-se solenemente um dos sacramentos da nossa religião.

Apolônio e Isaura casavam-se.

Apolônio apresentava-se com semblante risonho e feliz, realizava o seu sonho dourado.

Isaura apresentou-se pálida e pensativa, dois motivos havia para isso: a solenidade do ato e a progressiva enfermidade de sua irmã, que poucas esperanças dava de viver.

Não obstante, foi com prazer, com entusiasmo até que repetiram as palavras sacramentais do ministro de Deus.

Depois disso... a felicidade a sorrir-lhes na quadra doce do matrimônio.

## X

Dois meses havia decorrido depois do casamento de Isaura.

Ofélia continuava enferma a pontos de recear-se já, e muito, por sua vida.

Em seus lábios, cada vez mais avermelhados pela enfermidade, já não se notava o sorriso encantador de outrora, não obstante conservá-los sempre entre abertos, como num sorrir perene: era efeito da cansa e respiração forçada do estico<sup>33</sup>.

Uma tarde... Já o sol descambava na última parte de seu curso luminoso, já do lado do nascente a estender o véu das trevas, já as aves

---

<sup>33</sup> Do verbo esticar, estender com força.

festivas do dia calavam os seus cantos e só se ouvia o esvoaçar lúgubre e os gemidos das aves agoureiras da noite...

Ofélia levantou-se do seu leito e quis em companhia de Jônio ir passear no jardim.

Assim que lá chegaram sentou-se, ela em um banco de pedra junto de um tanque de límpidas águas.

Jônio, com as mãos cruzadas sobre o peito, como para comprimir-lhe as pulsações, achava-se em pé diante dela, a moça fitava-o com um olhar de delírio.

– Vês? disse ela apontando para as árvores do jardim, as aves cessaram seus cantos festivos, as flores retraem as pétalas perfumosas para o seu cálice verde-negro: é o emblema da vida...

– Ofélia! Minha querida Ofélia, para que essas ideias? dizia o moço muito aflito.

– O sol, continuou ela, levanta-se no nascente, sobe ao maior grão de luz e beleza na cúpula do espaço, e depois... Sepulta-se nas trevas da noite! É a vida da mulher!

– Na primavera da existência, quando mal se levantava em seu nascente uma mulher bela, a mão da sorte a faz retroceder e entranhar-se no ocaso da sepultura!... Essa mulher... Era eu!

– Meu Deus! Meu Deus!... Exclamou o moço, suplicante no maior auge do desespero.

– Amanhã... As aves entoarão de novo os seus hinos festivos, festejando o sol no seu levante; as flores abrirão de novo o cálice e darão o seu perfume aos beijos do orvalho matutino; mas... para mim... a terra há de abrir-se, recebendo o meu corpo exânime, e em vez dos hinos festivos, tereis a música triste dos funerais.

O moço chorava.

– Quis uma vez ainda dizer-te o que tantas vezes te hei dito: eu te amo Jônio! Louca!... Cheguei à morte devia segregar-me da terra... Adeus!...

E, louca no delírio da morte, lançou-se nos braços do moço, soltando uma desenfreada gargalhada.

Jônio correu para a casa, levando a moça desmaiada em seus braços; as brancas vestes de enferma achavam-se tintas de sangue...

A gargalhada fora o derradeiro arranco de um pulmão diluído e tornado de sangue.

Ofélia, o anjo peregrino, acabava de lançar de encontro ao coração ardente do homem que amava, o sangue de seu coração de amante, e com esse selo de sangue, posto ao seu mais puro sentimento, o anjo acabava de fraturar o invólucro encantador da matéria humana, e voará sorrindo à mansão do Eterno.

Jônio... estava louco!

## XI

Passando eu pela freguesia da Piedade (Hamburgerberg), duas léguas distantes de São Leopoldo, vi em seu pequeno cemitério uma sepultura muito modesta, cuja lápida colocada de pé, era coberta pela fresca sombra de duas roseiras, uma branca e outra escarlata, cujos perfumes enchiam de mística poesia essa última morada humana.

Era a sepultura, onde a mimosa Ofélia dormitava o seu derradeiro sono.

A respeito das rosas, disse-me o colono Yung, que foram elas plantadas na noite do enterro de Ofélia, por um pobre moço, que se supunha estar doido.

Contou também que esse moço costumava vir nas noites de luar sentar-se debaixo da roseira e cantar acompanhado por um violão as seguintes estrofes:

Anjo formoso, que adorei na vida;  
Por que tão cedo já de mim fugiste?  
Por que de novo para os céus voltaste?  
Por que deixaste sem tua guarda o triste!

Ave saudosa de harmonia extrema  
Por que acabaste deste teu gentil cantar,  
Com cujas notas me alegraste o peito,  
Findando as horas de febril cismar?

Sol que nascias n'um levante d'ouro  
D'onde espargias teu fulgor nos céus,  
Por que no ocaso te escondeste cedo?  
Por que findaram os fulgores teus?

Astro que à noite a desferir tranquilo

Iluminavas o ambiente, além...  
Por que imitastes o meu sol da vida?  
Por que apagastes teu fulgor também?

Rosa, sultana do jardim, que à tarde  
Embalsamavas com teu puro olor...  
Por que mirradas tuas pétalas caem,  
Por que feneces, adorada flor?

Ambiente belo, que ao findar das tardes  
Do lago vinhas retratar-te ao sul,  
Por que te vejo tão cinéreo e lúgubre?  
Por que perdeste tua cor azul?

Brando regato, que a correr mansinho,  
Tu deslizavas a beijar as flores,  
Por que findaste teu murmúrio brando?  
Por que deixaste de gemer de amores?...

Por que ao dia sucedeste, oh! noite,  
Para mim eterna, de fatal negror?...  
Por que da vida no lugar das rosas,  
Vejo só campas de funéreo alvor?...

Ai! Eu bem sinto, porque vejo tudo  
Hoje tão triste, demudado assim!...  
Fugiu-me o anjo que encontrei na vida...  
Por isso tudo feneceu para mim!

Sol! Mais não brilhes!... teu fulgor seria  
Pra mim sarcasmo, irrisão de sorte!...  
Flores da vida feneceu para sempre...  
Que vai ao anjo reunir-se a morte?

Anjo formoso que adorei na vida.  
Vejo... sorriste lá do céu pra mim  
Vê, sou ditoso... Vou achar-te em breve,  
Que a dor a morte vai marcar o fim!

Perguntei-lhe como poderá aprender estes versos, e ele respondeu-me que uma de suas filhas indo passear uma tarde no cemitério, encontrou embaixo da roseira um papel de música, tendo na margem a poesia, e que depois de ter lido, estudou-a, toca e canta-a no piano. Disse também que o moço doido tocava, cantava, ria-se, chorava, enfim, fazia milhares de loucuras desde a meia-noite até as 2 horas da madrugada, e que depois se sumia.



Ignorando-se qual fosse sua residência. Que o vira um dia de perto... que estava pálido e seco como um cadáver!

E depois, por certo, morrerá. Esse o destino do homem que perdeu a felicidade no momento em que a encontrava!

**FIM**

FOLHETIM

## A MULHER DE OLHOS NEGROS<sup>34</sup>

de

Juvêncio Paredes Menezes

1ª parte

I

Uma visão noturna

*Ombra piúche di nolle in cui di luce  
Raggio misto non é, tuto il circonda;  
Si non se in quanto un lampeggiar riluce  
Per entro la caligine profonda.*  
T. Tasso. Jerusa Léeme Liberta.

Eram 7 horas da noite de 28 de novembro de 1866, noite escura e medonha como essas que se encontram continuamente descritas nas orgias de Baltazar.

O ar tépido e pesado, o céu trajando de negro e o longínquo e quase surdo ribombo do trovão, anunciavam a proximidade de uma tempestade horrível.

Havia pavoroso silêncio na pequena cidade S\* L\* e seus arredores, pois os habitantes dessa cidade, honra lhes seja feita, inimigos figadais do que se chama poesia moderna, não se atreviam sequer chegar ao parapeito da janela, temendo, talvez, constipar o nariz, se lhe pusessem a ponta do lado de fora da porta.

Só se distinguia de longe em longe o reflexo da luz de algum quarto de artífice ou de moça, e o clarão pálido e embaciado de algum lampião de taverna.

Fora da cidade ainda se tornavam mais assustadoras as trevas da noite: porque nem ao menos, como naquela, se podia distinguir uma luz.

---

<sup>34</sup> PAREDES, Juvêncio Augusto Menezes. Mulher de Olhos Negros. *Inubia*. Rio Grande, 1ª série, n. 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, mês de abril e maio. 1868, p. 2-3, 2-3, 1-3, 1-2, 1-2, 1-2, 1, 2-3, respectivamente.

Os pequenos ramais da estrada, que da cidade seguem para os portos intermediários do rio Itapuí, vulgarmente chamado dos Sinos, eram precipícios que se antepunham à passagem de qualquer que cavalgasse, visto o desleixo e pouco interesse com que os membros da vereança da cidade têm encarado os negócios de utilidade pública.

Boa chilra oferecia à câmara ilustríssima o articulista, que como eu, não desprezasse as questões de câmaras municipais, câmaras públicas em que todos metem as suas colheres, para só tratar de câmaras particulares, isto é, dos rapazes e das raparigas.

E na realidade, que interesse pode oferecer a uma amável leitora, os gastos bem ou mal feitos, de um varejo<sup>35</sup> quadrienal?

Não há boas estradas?

Corre-se o risco de quebrar as pernas, atravessando de noite, no escuro, esses pequenos regos abertos pelas patas dos cavalos, quando deveriam ser abertas boas estradas pelos gerentes dos dinheiros municipais.

Questões de velho!

Não há quem mais indulgente seja, quem menos mal haja a uma edilidade do que esses anjinhos decaídos da graça do Senhor, que se metem nos arcos de um balão, e que são por nós adorados sob a invocação – mulher.

Pergunte se a muitas delas o que são os vereadores, e verá a resposta pronta apontar-lhe aos lábios: – não sei!...

E têm elas razão, porque se há coisas incompreensíveis, são as práticas religiosas do bom cura de \*, que por materialista nas suas ideias não peque, e os atos da edilidade do mesmo lugar.

Enfim, deixemos este assunto pouco agradável aos ouvidos de uma amável leitora, e vamos entrar em matéria que mais interessa a mocidade; porque a noite está escura como já tive a honra de dizer, se a estrada ou os regos que por tal tomamos, são precipícios, nada disso importa a uma leitora.

Estou bem convencido, que se alguma das cidades de onde trago esta narração, der-se ao trabalho de lê-la, dirá: pois é mesmo muito bom que não haja estradas, que se encontrem precipícios, porque F... vier ver a noite,

---

<sup>35</sup> No original “varejadoria”, inexistente nos dicionários atuais. Optei por utilizar a palavra “varejo”, no sentido de inspeção de autoridade, pela semelhança lexical e pelo significado.

por entre as árvores, a luz que sai do meu quarto, dará com isso mais uma prova de amor, porque o amor verdadeiro, o amor profundo, despreza as contrariedades.

Sim, sra., digo eu, cá com os meus botões, tem toda a razão, porque não haveria nada de espantoso em ver-se um marmanjo, nédio e rechonchudo, atravessar uma estrada muito boa, em uma noite muito bela, sem o menor incômodo, para ir ver a sua bela, isso fizera qualquer contemporâneo de Noé, sem por tal exigir a gratidão de sua bela.

Na época atual, época de luzes e vapores, como dizem os cicios de esquina, enchendo as bochechas à moda de quem lança pérolas, a coisa fia-se muito mais fina.

No tempo de Noé, dizia-se:  
Eu te amo... tu me amas...  
Dá-me um beijo!... e eternizado  
Nesse beijo o amor de então,  
Era grande... era profundo,  
Passava as raias do mundo  
la à celeste mansão!...

E o amante pedia o beijo, que a amante lhe dava sem hesitar, mas os amantes desse tempo chamavam-se Esaú; as amantes Rebeca, e depois de um bom par de beijos estalados, o Esaú casava com a Rebeca, e não rabequeavam o mundo com estultas imprecações.

Hoje, porém, os amantes têm degenerado os costumes antigos.

Esaú cobriu as partes pudentes com peles, um sr. Alfredo da atualidade, precisa calças a meio balão, um rocló<sup>36</sup> de abas redondas, cangalhas de latão para o nariz e uns chapeuzinhos de copa redondos, próprios para apanhar traques... da China.

Esaú era um pai da vida, e não temia os perigos: o Sr. Alfredo da atualidade é um filho da vida, teme constipar-se, pois de uma constipação, entre meia dúzia de espirros, poderia abandonar a mamãe folgazona.

---

<sup>36</sup> Significado: pequeno capote de mangas que se abotoava na frente

Mas... é pouco cortês da minha parte elogiar o meu sexo, passemos ao sexo das graças.

Rebeca... (Deus lhe fale na alma!...) tinha um vestido de certa fazenda grossa a que hoje chamamos picote; isto nos mostra a estampa em que a vemos grosseiramente vestida; não ia a bailes, porque nesse tempo não havia ainda essas redes, para apanhar incautos, não gastava enfeites, porque, por felicidade dos homens de então, não existia Paris, e, por conseguinte as modas não tinham ainda entrado em moda.

As nossas – Eulinas, Isolinas – e todos os nomes que acabem em sílabas mais finas do que Rebeca, não usam, como esta usava, vestidos de picote, isto é hoje das pretas quitandeiras!...

Hoje uma filha esmaga a pobre gaveta de um pobre pai, que vive de modesto emprego público, pedindo-lhe uma rica pulseira de brilhantes, porque no baile passado viu a filha do comendador tal, com uma dessas tetéias. A mulher bonita entisica as algibeiras do esposo, querendo um vestido de veludo, isto mensalmente, no valor de 300\$000 ou 400\$000rs. E a menina muito modesta, muito poupada, apresentando-se em uma reunião familiar com um simples vestido de musselina, faz do pescoço e orelhas tabuletas, onde expõe pedras de valor de alguns contos de reis, as quais, depois de muitos suspiros, de muitas imprecações contra a corrupção do século, saem dos cofres de um gordo papai, boa pessoa, que passa os dias a vender vinténs de cachaça e libras de toucinho, para pendurar os lucros nas proeminências da filha.

É que, infelizmente, criou-se a cidade de Paris, nasceu a moda, conseguiu adeptos e todo o mundo do século XIX é maçom no Grande Oriente das modistas.

Mas, meu Deus, onde este moço aprendeu tanta doutrina contra o luxo? Dirá alguma tia Bellavoine, a sua sobrinha começando a gostar de mim, pelo que aqui digo.

É preciso que saibam que escrevo para todos que me queiram ler, e por isso, se alguma sexagenária, votada ao culto da antiguidade bíblica, der-se ao trabalho de ler ou ouvir ler estas linhas, quero que, se recordando de mim, recomende-me nas suas orações ao anjo da sua guarda.

– Que insipidez! – dirá alguma de nossas elegantes, dando um sentimental arrote, desses que muitas vezes o primo ou maninho, tem pensado

ser um suspiro, partido da alma, quando não é mais que o efeito de uma revolta de vento nas cavernas do estômago.

Não sou mestre de filosofia, e por isso deixemos as preleções morais a quem compete.

Tratávamos de uma noite escura, noite que prometia chuva, e mais alguma coisa, com que preenchamos este capítulo.

Agora um pequeno elogio à nossa entidade...

Dizíamos que todos os habitantes de \*\*\* estavam sepultados nas suas casas, receando o que pudesse vir de uma noite escura e duvidosa.

Pois desprezamos tudo; a chuva, e os fantasmas gerados na muda solidão de uma noite negra não nos aterrorizarão, somos valentes como um capitão Tibério<sup>37</sup> e, sectários de Israel, buscamos com a fraca luz de nossa imaginação descortinar os mistérios das trevas.

Dissemos que ninguém atravessava a estrada às 7 horas da noite de 28 de novembro, pois desdizemo-nos agora: andavam duas pessoas, quem vos fala e de quem se vos vai falar.

Tratemos deste, porque o primeiro não vos pode interessar.

A pessoa de quem vos vou falar, ia montada em um lindo cavalo escuro, o que pude ver em um momento, em que o céu, propício a minha curiosidade, deixou ver-se a luz de um corisco.

Vestido todo de preto, era o cavaleiro um mancebo de 20 anos de idade, o que facilmente se podia conhecer por duas coisas: primeira, pela macia penugem que lhe orlava o lábio superior; segunda, pela prova de pouco temor ou juízo, em expor-se a um temporal, quase iminente.

Levava suspenso na mão direita um lindo violão, ia talvez dar um decante<sup>38</sup> a sua bela.

Embebido em doces sonhos... (não direi reflexões, que fora um pecado) o jovem cavaleiro seguia vagorosamente a estrada de \*\*\*, e eu que lhe seguia no encalço, ia, alegre de minha vida, acompanhando-o passo por passo, pois já previa, que desse passeio noturno teria com que encher de tinta algumas tiras de papel.

---

<sup>37</sup> Referência a Tibério (14-37 d.C), imperador romano.

<sup>38</sup> Do verbo decantar, celebrar, exaltar, louvar.

Caminhamos assim durante uns quinze minutos, findos os quais, o moço apeou-se junto a um largo portão de ferro, atou a rédea da cavalgadura em uma das grades de ferro, que se seguiam ao portão, abriu-lhe um dos batentes e entrou.

Como ele tivesse deixado o portão aberto, entrei também, e fui também seguindo a pouca distância dele, para um ponto de onde partia uma luz mortiça.

Mas de repente some-se o meu misterioso, e quando quero apressar o passo, sinto uma bordoadada formidável na cabeça, julgo-me assaltado por alguma quadrilha de ladrões, estou pronto a gritar por socorro, quando felizmente dou com o pé em uma coisa contundente, e que distingo ser um tronco de árvore.

Ah! Como respirei, vendo que me tinha enganado no primeiro momento!

César, coroado no capitólio, não se sentiu tão ufano quando as falanges romanas o aclamavam Imperador do Oriente, como o humilde folhetinista, quando viu que estava livre dos assaltos de alguns visitantes de algibeiras!

Reconheci o engano, em que laborava, procurei de novo o pequeno trilho por onde viera, e uma vez nele, revendo a pálida luz que guiara o meu misterioso protagonista, fui seguindo... Fui seguindo... Segui muito, até que parei!...

Parei!... Oh! Meu Deus!... E para que parei se havia de ver e ouvir o que o espaço de tempo jamais poderá apagar de minha imaginação?!...

Seria um bom ou mau anjo, quem me guiava a esse lugar?

Seria uma mulher? Um demônio? Ou uma fada?... Essa visão que de súbito avistei na janela, donde partia a pálida luz?

Seria a voz de um anjo, ou o cântico mentido de Satã, que traduzia ao som do violão, estas estrofes:

“Não longe das margens – tristonhas e feias”,  
Que as águas amparando Itaipu  
D’encantos despidas – as minhas idéias,  
Romeiro contrito..., Marcina, eu te vi!”

Seria a voz de um anjo ou de um demônio, essa voz que para exprimir a modéstia, primeiro ornamento da mulher, baixava de tom para dizer estas estrofes:

“Eu vi-te... e tão bela!... tão cheia de encantos,  
Que a mente às ideias de novo sagrei?  
A'lira olvidada – doaste-me os cantos,  
E pobre romeiro, meu anjo, te amei!  
Amei!... Será crime dizer que te amo?  
Que nos teus olhares mil crenças bebi?  
Que a luz de teus olhos de novo m'inflamo,  
É crime, meu anjo, se é tudo por ti?

Ai! Não!... Não é crime!... Platão, o profundo,  
Amando, na alma criou doce flor...  
E aquele que os astros formara do mundo,  
Também sobre a terra deu provas de amor!

No cárcere o Tasso, por ele sentira  
Nos ferros pesadas doçuras do céu,  
Por ele somente, tangendo na lira  
As múmias do inferno despertara Orpheu!

Por ele vem hoje meu tosco alaúde  
Cantar-te estas trovas de mínimo valor,  
Se as cordas são fracas, se o cantor é rude,  
Perdoa, meu anjo!... Culpado é o ... Amor!...

.....

Os sons do violão e a voz da cantora tornaram-se altas, sonoras, e o eco, meigo intérprete das canções e queixumes amorosos foi levar bem longe as verdadeiras notas desse canto.

Ah! Quantos cocres<sup>39</sup> dei em mim mesmo, recordando-me que não sabia tocar violão, nem cantar aquelas palavrinhas mágicas!

“Enfim, cada um sabe de si e Deus de todos”. Conformei-me com este dito das beatas, para só lembrar-me da poesia, e da voz que a cantara.

Mas... Calemos as reflexões, não sejamos importunos, lembremo-nos que meus protagonistas estão em cantoria, prestemos-lhe atenção.

Oh! Quão triste preludia agora o violão!

Mau gosto do rapaz parece que vai tocar um funeral...

---

<sup>39</sup> Significado: pequenas pancadas na cabeça, “cascudos”, no popular.



Ah! Não!... Equivoquei-me, é a toada de “quando eu morrer”, da bela poesia do nosso simpático João Vespúcio<sup>40</sup>, arrancado a terra, quando nela começava a esparzir as flores de uma inteligência amena, e os cantos suaves de um coração de bardo.

Depois de alguns prelúdios em notas, que pareciam soluçar, o violão soou mais forte, e uma voz de moço, a do meu protagonista, fez ouvir-se nas seguintes endeixas:

Se eu morresse de amor, na luta extrema  
Empenhada por mim c’oa dura sorte,  
Esta vida infeliz abandonado,  
Talvez ditoso fosse após a morte!

Teria quem viesse à madrugada,  
Minha lousa de lagrimas banhar,  
Quem ousasse de mim se recordando  
Em doce prece as mãos aos céus alçar.

Se eu morresse de amor na bela quadra,  
Em que a vida se ostenta como flor,  
N’essa quadra feliz que se não sente  
Da descrença cruel fatal horror;

Teria quem viesse ao fim da tarde  
Desfolhar-me na cripta uma saudade,  
E quem um sono igual ao q’eu dormisse  
Contrita suplicasse à divindade!

Se eu morresse de amor... Teria ao menos  
Quem viesse chorar no meu jazigo...  
Quem as pompas do mundo desprezando  
Almejasse dormir ali... Comigo!

Se eu morresse de amor na luta extrema,  
Empenhada por mim c’o a dura sorte,  
Este mundo cruel abandonado,  
Doces sonhos fluíra após a morte!

.....

Enfraquecia a voz do mancebo ao pronunciar o final do canto:

Dir-se-ia que com ele exalava o derradeiro suspiro!

---

<sup>40</sup> João Vespúcio (1460-1524) foi um piloto, cartógrafo e cosmógrafo ítalo-espanhol. Não localizei fonte do poema e de sua autoria.

Confesso minha leitora, que tive vontade de chorar, desejei também morrer nesta hora, mas lembrei-me que essas palavras tão ardentes, essas súplicas, esses desejos de morte, não eram mais do que um devaneio de cabeça escaldada de poeta, e pus-me... A rir...

Ri-me muito! E ainda mais vontade tive de rir-me quando me recordei do nédio moribundo, que não era mais nem menos do que o tal rapagão de 20 anos, que encontrei na estrada.

Mas, não vão pensar que por isso, deixei de sentir-me um pouco propenso a esse Romeu das trevas.

Não, eu não sou tão mau que zombe das sensações alheias, nem tão bom que chore pelas choradeiras de poetas!

Pensando, e falando com os botões do meu casaco, esperei durante algum tempo pelo final do resto daquele duo trágico<sup>41</sup>. Esperança vã!

Passaram-se dez minutos... E decorreram outros dez... e nada: estavam atacados de mutismo.

Começava a impacientar-me, quando para acúmulo de enfados, começaram a borrifar-me a cara alguns pingos d'água. Chovia.

Afinal! E já quando a ira ia tomando lugar no magnético coração do folhetinista, vi de novo a bela cantora, por entre os vidros de sua janela, reparei com mais atenção nesse todo sedutor, e ainda que de leve, traçar-vos-ei as linhas principais desse composto celeste.

Teria 19 anos, estava, pois, nessa idade em que o coração da mulher pulsa veemente, nessa idade cálida dos amores, em que um sorriso simboliza um vale de rosas, e um desengano uma coroa de goivos.

Era tão pura a cor alva de seu rosto, que não irei buscar nas margens do Ode o prezado cisne para com ela comparar, a cor de seu rosto tinha ela estampada num sacrário místico, o seu coração de virgem.

Mas, prescindamos de tudo isso, e vamos passar ao outro capítulo, em que encontramos o nosso misterioso num dos hotéis da cidade de \*\*\*.

---

<sup>41</sup> No original acompanhava antes da palavra “trágico” a palavra “mimi”, a qual não encontrei tradução nem outra que a ela pudesse substituir, por isso a suprimi.

Cousas do domingo.

“On s’aborde d’un air content...

.....  
Bon temps, voisin, pour la futaille  
Bon temps, voisin pour le grenier?  
Personne aujour d’hui ne travaille,  
Excepté le ménetriér<sup>42</sup>.

H. Murger. Le Dimanche<sup>43</sup>.

## II

São 4 horas da tarde do dia 18 de janeiro de 186..., dia belo para os habitantes de \*\*\*, que num domingo veem o desenfado de 6 dias de trabalho continuado.

Há grande movimento na pequena e boa população, todos se cumprimentam alegres, todos passeiam, todos fazem muita coisa, e ninguém faz nada.

São 4 horas da tarde, horas propícias aos rapazes e raparigas, porque, caminhando lentamente para o baile campestre de \*, (baile domingueiro ao qual todos podem assistir sem incômodo de receber convites) vão tratando entre si o número de quadrilhas, de valsas e galopes que dançarão; horas propícias para o folhetinista, que nada tendo visto durante o dia, que lhe consolasse o coração e a vista, está amuado a um canto da janela, esperando que o seu hóspede o chame para refazer as brocas do estômago.

Mas que demônio de barulho é este que ouço na sala térrea do edifício?

– O Sr. não desce a sala de jantar? Diz-me uma voz de criança que distingo na escada.

– Ah! És tu moleque! Sobe...

---

<sup>42</sup> “Nós somos abordados por um ar feliz ...

.....  
Bons tempos, vizinho, para o barril de cerveja  
Bons tempos, vizinho do celeiro?  
Ninguém trabalha hoje,  
Exceto o violinista.”

<sup>43</sup> Henry Murger (1822-1861), escritor francês. A poesia citada foi musicada em 1869 pelo compositor Leo Delibes (1836-1891).

– Moleque não Sr., não é esse o meu nome, batizei-me por Titor!  
Exclama um demônio de um negrinho de 14 anos.

– Chama-te lá, o que quiseres, mas diz-me uma coisa...

– Três até que queira; torna o pequeno moleque que era vivo como um azougue.

– Há mais gente na sala?

– Por certo. Se não houvesse, pensa o Sr. que se estendia já à mesa?

– Então, patife, come-se aqui nesta casa às horas que teu amo quer?

– Não é isso, não Sr. é que se esperava mais três hóspedes...

– Quem são eles?

– Um é o tenente Pantaleão, um homem barrigudo...

– Não conheço.

– O outro é o velho Tibério, magro como um bacalhau...

– Ainda menos conhecido.

– O último é o Sr. Alfredo... um moço muito bom, amável pessoa que me dá uma balastraca<sup>44</sup> por cada recado que levo à Sra. ...

– Cala-te demônio, não quero saber da vida alheia. Toma lá uma balastraca pelo teu trabalho e vai-te.

O moleque não esperou mais tempo e cantarolando sumiu-se pela escada, e o folhetinista cuja barriga não é das mais fáceis de contentar acompanhou-o até a sala do jantar.

O diabrete falava a verdade, achavam-se realmente os três sujeitos sentados à mesa, da maneira seguinte: o barrigudo tenente Pantaleão à cabeceira ao lado direito deste o velho Tibério e ao esquerdo o Sr. Alfredo.

Conversavam, mas logo que me avistaram suspenderam a conversação para cumprimentar-me, como se costuma fazer aos recém chegados.

– Oh! meu caro amigo, diz-me o Sr. Pantaleão faça-me o obséquio de sentar-se ao lado ai do Sr. Alfredo e nada de cerimônias, suponha que está na sua casa!

---

<sup>44</sup> Significado: antiga moeda de prata de 400 réis (nome dado à peseta ou patacão argentino ou uruguaio).

Com efeito o tal Pantaleão era demasiado afável.

Aquele modo de tratar-me por caro amigo, isto pela primeira vez que nos víamos, e o ar sereno com que me mandava colocar-me à mesa, como se estivesse em minha casa, fizeram-me vontade de saltar-lhe ao pescoço, e num acesso de ternura dar-lhe três dentadas!

– Meu caro amigo e o Sr. Pantaleão, disse eu com um pouco de pedantismo oratório, muito grato sou às suas expressões afáveis e delicadas...

O Sr. Pantaleão levantou-se, fez-me duas formidáveis cortesias e numa destas, acompanhada de um sorriso protetor deixou ver duas carreiras de afiados dentes amarelos.

Depois puxou de novo a cadeira, sentou-se, e dirigindo-se a o Sr. Tibério, disse-lhe:

– E então, compadre Tibério? Pode falar, o nosso amigo não é de cerimônias, pelo que vejo, e poderá mesmo dar a sua opinião, que o Sr. Alfredo escutará com gosto...

– Oh! Com muito gosto, tornou Alfredo.

Ouvindo esta voz recordei-me do cantar da noite passada, e reparando com atenção no tal Sr. Alfredo reconheci o meu misterioso.

Contentíssimo fiquei por vê-lo de novo, e tão contente minha leitora, que vos prometo o seu retrato no próximo capítulo, pois daqui até lá irei conversando com meus companheiros, e tomando pouco a pouco alguns apontamentos fisionômicos.

– Pois visto que o Sr. não é pessoa suspeita, disse o velho Tibério encarando-me, poderemos continuar na nossa antiga conversação.

Sorveu duas pitadas formidáveis de rapé, assou-se e continuou:

– O compadre Pantaleão sabe que minha mulher, a Sra. D. Pulchéria Mergulheira, teria quinze anos quando me conheceu...

– Sim, sim, já eu me tinha barbeado três ou quatro vezes.

– Isto há 37 anos...

– Enganei-me, disse imediatamente o tenente Pantaleão há apenas 12 anos que me barbeio...

– Ah! Isso não obsta, há 12 anos minha mulher era fresca como um pero<sup>45</sup>...

Alfredo mordeu os lábios, para estancar uma torrente de riso.

– Ora bem, nesse tempo em que a conheci, em que eu a namorava, tinha ela tanta formosura no corpo como bondade na alma.

– E depois? Disse o compadre Pantaleão...

– Aqui para nós e sem falar da vida alheia... Minha mulher é uma tigresa<sup>46</sup>! ... Minha mulher mata-me com seus estúpidos ciúmes!

– Ciúmes! Brada o Sr. Pantaleão atirando comum prato em terra.

– Ciúmes! Diz-me o nosso Alfredo dando expansão ao riso.

– Ciúmes! Disse eu aterrado, com medo das mulheres, vendo que até o Sr. Tibério tinha uma, que por ele se enciumava.

E na verdade, qual a mulher que pudesse ter ciúmes de um velho de sessenta anos, calvo, sem dentes, tomador de rapé a ponto de faltar ao asseio, emporcalhando-se todo?

Só alguma centopeia do século passado!

Mas não, para que ir tão longe? Ela chama-se Pulcheria, é um nome adequado ao Sr. Tibério.

– Ciúmes, meu compadre, continuou Tibério, ciúmes tão excessivos que de dia me não deixa, e à noite tira-me o sono com as suas catilinárias<sup>47</sup>.

E a tudo isto eu ignorava ao que vinha a questão dos ciúmes.

– E, além disso, uma mulher que me não toma pontos nas meias, que não faz rol das roupas, que se consagra unicamente ao sensualismo marital!

– Meu Deus! Exclamou o Sr. Pantaleão virando um copo de vinho, é demais!

– E casa-se um homem para suportar um cativo eterno como o meu!

O Sr. Tibério calou-se e, embebido em tristes reflexões, deixava esfriar a sopa.

Alfredo e eu comíamos sem nos dar cuidado às lamentações do velho.

– É triste na realidade, diz o Sr. Pantaleão, metendo na boca meia libra de carne cozida, é bem triste!

---

<sup>45</sup> Em espanhol, significa mas, porém.

<sup>46</sup> “Tigra”, no original.

<sup>47</sup> Acusação ou denúncia feita de forma violenta e convincente, ou com retórica bem elaborada.

– É meu amigo, se me aflijo tanto com os ciúmes de minha mulher, não é já por mim, mas porque me recordo que essa criança, esse pobre Alfredo quer prender-se...

– É muito cedo, menino! disse o Sr. Pantaleão, esvaziando o copo pela segunda vez. – Não seja louco, o casamento é a morte do amor!

– O Sr. não vê, de cem maridos, três que, como eu, se possam julgar felizes.

– Pois se é feliz, meu caro Sr., como é tão oposto ao casamento!...

– Coisas particulares, meu menino, que o Sr. não pode saber... nem também pode o Sr. ter a certeza de encontrar uma mulher como a minha falecida Tomásia...

– Oh! O Sr. é viúvo? Disse eu.

– E é esse o motivo, meu caro amigo, porque digo que de cem maridos é difícil encontrar três tão felizes como eu, tornou o Sr. Pantaleão.

– A que tempo viuvou? Perguntei-lhe.

– Haverá um ano e ainda não tive um momento de arrependimento ou tristeza pelo meu novo estado.

– É pouco sentimental... nada parece pungir-lhe a alma...

– Ai! O que é lá? Pungir na alma? Meu amigo, fale-me o português velho, o português de nossos avós, e nada de francesismos, romantismos e poesias modernas, sob pena de não ser entendido.

– Oh! O Sr. não aprecia a linguagem moderna.

– Não, Sr., poetas e trovadores não me servem, sofrem todos da bola...

– Muito obrigado! Disse Alfredo.

– Idem meu caro Sr. Pantaleão, muito agradecido pela classe...

– É uma classe sem valor...

– Apoiado! Diz o Sr. Tibério.

– Aprecio mais um pedreiro, um carpinteiro, um ferreiro do que um poeta.

– Oh! Isso se vê muito claramente, disse Alfredo, o Sr. aprecia mais prato de carne cozida do que um manjar delicioso...

– Menino, brada o Sr. Tibério, olhe que o Sr. Pantaleão não é joguete, é um guerreiro experimentado, e além de tudo é compadre de seus tios.

– Oh! Meu tio, longe de mim a ideia de ofender ao Sr. Tibério!  
Defendo unicamente uma classe ultrajada...

– Nada de questões, meus Srs. nada de questões, não alarmemos a gente da vizinhança.

– É justo, é justo, tornou-me o Sr. Pantaleão, que começava a tremer vendo o rumo que levava a discussão, é justo, o Sr. mostra ser razoável.

– E demais, meu tio se desejo casar-me ou não isso é questão que pouco pode importar-lhes, tenho vinte anos de idade, não tenho pais...

Mas tem tutores... tem um curador nato, que é o seu tio Tibério, que lhe ordena calar-se nesse assunto.

Acabava-se de jantar.

Pantaleão comera por dois, o jovem Alfredo e eu satisfizemos o apetite, e o velho pouco ou quase nada comeu.

O crioulo Titor veio à mesa e trouxe o café.

Durante o café travou-se nova conversação.

Enquanto os velhos conversavam, Alfredo leu-me a seguinte poesia, que escreveu num momento de descrença:

Não gosto da mulher pelo que ela é,  
Mas pelo que não é, é que eu me abraço;  
Que tudo que é real é obra vã  
Do insano volver de estulto acaso!

Não amo na mulher esses sorrisos  
Que oculta num purpúreo e casto véu,  
Nem esse seu volver d'ingênuos olhos,  
Que parece ir a luz buscar do céu!

Não amo na mulher a diva forma  
De um corpo de nereida sedutora,  
Nem a boca de pérolas esmaltada,  
Qual d'estrelas se arreia a bela aurora.

Eu amo-a tão somente por aquilo  
Que ela de leve tem que é mais formoso  
Por essa luz divina, que lhe expandiu  
No santuário da mente um Deus bondoso...

Sem isso, para mim, não é mulher  
Mais que o frio cadáver congelado,



Ou pedaço de mármore esculpido  
Por mão de estatuário sublimado...

E se, qual Pigmaleão, incandescida  
Não tenho a mente p'ra adorar a estátua,  
A mulher sem espírito – eu só julgo  
De meteoro erradio a sombra fátua!

Acabada a leitura da poesia, a conversação tornou-se geral.

Tratou-se de uma reunião, como se pode ver pela conversação que segue:

– É hoje, infalivelmente a partida do Sr. Ricardo, que festeja o quinquagésimo aniversário do seu casamento, disse pantaleão.

– Vai a ela, compadre Tibério?

– Fui convidado, e, além disso, minha mulher para lá foi de manhã.

– Pois eu, tornou Pantaleão, como pessoa muito da casa, e encarregado dos convites nesta cidade, convido-o meu amigo, (e dirigiu-se a mim) para esse entretenimento...

– Oh! Muito obrigado, meu caro amigo, um convite desses agradece-se e aceita-se...

– Pois creia que terei muito gosto em apresentar meu antigo amigo, o Sr.... O Sr....

– Augusto, um seu criado.

O Sr. Augusto à família do Sr. Ricardo.

– São horas de partir, disse Alfredo, reparando no relógio.

– Quantos são?

– Quatro horas e três quartos.... Às 5 é o embarque.

– Sim, devemos seguir imediatamente, nada de fazer-nos esperados, disse o velho Tibério.

Bateram três badaladas em uma pequena campainha, e o moleque Titor apareceu.

– Quanto se deve? Disse Tibério.

– Quatro mil réis.

– Quatro mil réis!... Onde se viu isto? ... Se eu até nem comi...

– O Sr. Pantaleão comeu por ele e pelo Sr.

– Cala-te, patife, disse Pantaleão, senão boto-te as goelas de fora...

E entregue ao mais justo furor o aguerrido Pantaleão investiu contra o moleque.

Tibério, natural ou convenientemente pacífico, tratou de pagar o que o moleque exigia, porque ele tinha lá boas razões para crer que, dado o caso contrário, o seu compadre Pantaleão, que tinha pretensões a Ferrabrás voltasse à carga de socos contra o moleque, e quebrasse a louça da mesa.

Depois de paga a conta, retiraram-se os quatro companheiros da mesa do hotel e saíram para o caminho do porto da cidade, onde o pequeno vapor Guaíba os esperava, assim com os outros passageiros, para conduzi-los ao outro lado do rio.

Havia muita concorrência de convidados: velhas e velhos, moços e crianças, tudo afluía pressuroso ao convite do Sr. Ricardo Blumer.

Alfredo, sentado no tombadilho do vapor perto do moço do leme, notou minuciosamente cada um dos passageiros que chegavam, e foi distraído, quase triste mesmo, que viu o vapor sumir-se da margem da cidade em busca da margem contrária.

– Talvez não venha! disse ele com um som de melancolia, que em si traduzia a zanga de um namorado mal sucedido em seus projetos.

Seguiu-se a viagem sem o menor incidente que se torne digno de menção.

Já avistamos a casa do Sr. Ricardo, é um palacete, por assim dizer.

Contaremos o que virmos.

Descreveremos o que observamos, e até, falando a respeito das moças, seremos prolixos:

Se a tanto me ajudar o engenho e a arte<sup>48</sup>...

---

<sup>48</sup> Expressão presente no canto 2 de *Os Lusíadas* (1572), de Luís Vaz de Camões (1524-1580).

### III

#### **Sarau de aniversário**

Era a residência do Sr. Ricardo colocada numa bela colina, fronteando pelo lado do Norte com a pequena povoação da freguesia de \*, e orlada ao Sul por uma das muitas sinuosidades do rio..., que deslizava por uma corda de matos desde a sua nascente até sua foz.

Alta, espaçosa e varrida pelos ares a colina a moradia do Sr. Ricardo, os privilégios de uma aprazível vivenda.

A morada compunha-se de casas térreas pelo lado do Norte, e só na frente do sul havia um pavimento superior.

Pelas lanternas de diversas cores, que decoravam a frente desse pavimento, conhecia-se a primeira vista que era esse o ponto destinado para o sarau.

Era nessa frente do edifício que se achava o belo jardim, onde uma brisa continuada embaçava o ar com o aroma, que roubava sutil das lindas flores.

Era aí, nessa imagem da habitação do progenitor da raça humana, que deviam em pouco tempo vagar as mimosas donzelas convidadas para as festas do Sr. Ricardo.

Era aí, nesse paraíso terreal, que apareciam mais tarde, por entre as notívagas sombras, os bons ou maus anjos: as ilusões e os desenganos.

Era aí... mas, não é, porque agora só vemos quatro velhos, sentados ao redor de uma mesa, saboreando um copo de cerveja.

Atravessamos por entre a turma, que se apinha junto das grades de ferro, que cercam os jardins e seus canteiros; deixemos essa multidão de comparsas da nossa obra, e visto que a porta principal do edifício nos é franqueada, entremos por um grande corredor magnificamente iluminado, subamos as escadas do pavimento, e entremos no salão superior.

Fiquem os leitores cientes que o Sr. Augusto teve baixa de folhetinista, e entra em cena de agora em diante, como ator nesta comovia<sup>49</sup> social.

– Que belo salão! – Exclama o nosso valente Pantaleão, atravessando cheio de si, de um lado para o outro.

E nós concordamos com o nosso homem, porque na realidade achamos-lhe razão. É um salão de 40 palmos de extensão sobre 30 de largura, tem seis janelas, pelas quais se distinguem magníficas paisagens do lado do Sul.

Deixemos, porém, as paisagens, que como coisas inanimadas não podem prender-nos mais do que a vista, e passemos a tratar do que há por dentro do salão.

Num lado oposto à entrada, isto é, pelo lado leste, acha-se colocado um piano, papéis de música, dois aparadores com serpentinas, e em seguida a estes, cadeiras.

No centro do salão acha-se um grande lustro, donde parte grande quantidade de luzes.

Há muitas moças, matronas, roliças e velhas. Passemos a examinar algumas.

A primeira é respeitável senhora, que nesta festa apresenta-se na qualidade de representante do século passado.

Vestida toda de preto, denota ser viúva, e pelos olhares inquietos que lança a uma linda moreninha de 16 ou 18 anos, e pelas palavras que lhe dirige, dá a ideia de ser, já não digo mãe, ao menos avó.

A segunda é a moreninha de que vos falei, louquinha ao que parece, como uma... mulher, e bela como uma tentação.

A terceira é uma moça de seus 20 anos de idade, pálida, loura de olhos azul claros, magra, e poderemos, para não chamá-la feia, dizer simpática.

A quarta é uma senhora dessas cuja idade só pode saber o vigário que a batizou, porque, por estar entre o fim da primavera e o começo do outono da existência, foi esquecida pela dona.

---

<sup>49</sup> Palavra utilizada no sentido de alvoroço.

Clara, corada, bonitos olhos e cabelos castanhos, dão-lhe ainda direitos de uma beleza, de que ela se orgulha, e ainda se não sumiu de todo no passado.

A quinta era uma menina de seus 19 anos de idade, era o lírio gotejado pelo orvalho celeste no entreabrir de uma manhã de primavera.

Ela era bela!...

– Sim, ao menos uma vez em minha vida, é preciso que eu sorva o doce aroma que exalam os sorrisos de um anjo, ao menos hoje é preciso que, por entre a folhagem das brancas sedas que encobrem os seios da virgem, eu possa adivinhar os místicos segredos de um coração de fada!...

Isto dizia o nosso folhetinista Augusto, à jovem que se chamava Emília.

Emília ergueu de novo os olhos, fixou-os mais algum tempo nos de Augusto, e um doce sorriso lhe pairava nos carmíneos lábios. Depois uma passageira nuvem de tristeza apagou-lhe a púrpura das faces, e o amor teceu o brilho de seus olhos.

– São bem felizes!... disse ela mostrando um par que se achava ainda côncavo na janela, entretido em doces devaneios.

Emília ignorava o quanto poderiam exprimir as suas palavras, ela era inocente, e não podia por isso, para exprimir qualquer sensação de sua alma, servir-se das frases do Sr. Augusto.

Acabavam o passeio, e como não tardasse o baile, Augusto acompanhou Emília, para sentá-la.

Antes de sentar-se, Emília desprende do seu ramallete uma flor, sobre que casualmente firmara os olhos, e com um amável sorriso:

– Quer uma flor Sr. Augusto?, disse ela.

– Minha senhora... mil vezes obrigado!, disse este recebendo a flor...

– Oh! Seja esta flor singela que me oferece o talismã de um anjo!...

E cheio de si, alegre como o militar que derrotara o inimigo, Augusto atravessou entre as turmas de mancebos e foi procurar o tenente Pantaleão.

Emília tinha-o acompanhado com a vista, e conservou-se pensativa.

– Fui muito tolo! Disse muita asneira!... Fiz mesmo um papel de Jacques Pudding! ... dizia Augusto respirando as brisas dos jardins...

– Portei-me como um tolo, mas ganhei, um não me deixes! Oh! Inocentinha morena terás um capítulo especial no 1º romance que escreva...

Tomemos o privilégio de borboleta e vamos, sem ser pressentido, colocar-nos em frente do par, que se acha há mais de um quarto de hora entretido a conversar, no côncavo da janela.

O cavalheiro é um moço de regular estatura; claro, cabelos castanho-claro, e amarelo, olhos da mesma cor, é franzino de corpo; leve buço lhe encobre o lábio superior, e fina e macia penugem loura aponta-lhe dos lados da cara e no queijo.

Para uma imperfeição, como é o homem, pode colocar-se na classe dos menos imperfeitos, pelas formas.

A outra pessoa é uma moça, cujo vestido branco parece disputar-lhe o rosto a alvura; é uma moça, cujos cabelos, um tanto ondedados, têm a cor dos grandes e belos olhos, que roubam a noite à cor de seu manto.

É uma moça cuja cintura parece quebrar-se de flexível, cujo torneado e ebúrneo braço, descuido somente colocado no colo, cuja mãozinha comprida por pequena e fina luva de pelica branca, em nada são inferiores as das antigas náíades<sup>50</sup>.

Vendo-lhe o delicado pé, calçado com elegante botina azul, o mancebo valsador julgaria ter encontrado Euterpe<sup>51</sup> nos salões.

Disse Alfredo pesaroso.

– Mas, infelizmente conheço D. Marcino, que essas suas palavras não são mais do que um bálsamo improfícuo, que oferece aos meus sofrimentos, e por isso agradeço-lhe por elas.

Os dois moços contemplaram-se durante alguns instantes, e os seus olhares explicaram mais o que sentiam do que não teriam conseguido as suas palavras.

– Mas... se seu tio persistisse em oposição... (disse Marcina hesitando)

---

<sup>50</sup> No original “nagades”, provável erro tipográfico. Julgo mais pertinente, em meio ao contexto, a referência às filhas de Zeus, pela beleza, pela pele azulada, por serem ninfas.

<sup>51</sup> Filha de Zeus e Mnemósine, foi uma das nove musas da mitologia grega, conhecida como musa da música e da poesia lírica.

– Não sei o que faria, mas é provável que também me colocasse em oposição...

E um negro sorriso apareceu-lhe a flor dos lábios.

– Não, não deve opor-se! Não quero que seu tio a todo tempo possa lembrar-se de meu nome, em horas de amargor!...

– Minha senhora!, exclama o pobre Alfredo, como em delírio...

– E é assim que a fada protetora de meus sonhos, a mulher que idealizei divina, corresponde ao sentimento mais sublime de meu coração?... E é assim que essa Marcina sedutora corresponde ao mancebo, que não lhe tributou o amor terrestre e vulgar, mas o amor ideal e sublime?

– Oh! Não se exaspere, Sr. Alfredo!...

– Moças! Como ter confiança nelas, se nos atraíam todas?

– Nem todas, Sr. Alfredo...

Não sei o que houve então, vi apenas um terno olhar, que Marcina lançava ao mancebo; ouvi dois suspiros de parte a parte... depois olhares.

Alguns minutos passaram-se em segredo para mim, após os quais ouvi outro diálogo, mais animado, porém menos sentimental; outro diálogo mais familiar, e só mais tarde saberei os motivos dessa transformação de cena.

– Marcina, quanto te amo!...

– A julgar pelo que dizes...

– Sim, é este talvez a milésima vez que me declaro e, no entanto, nunca me canso de dizer que te amo!

– Por quantos meses?

– Vês? É aqui... no coração... é eterno; sim será eterno este sentimento, porque é divino... Marcina abaixou os olhos e não respondeu; mas, que resposta, por mais eloquente que fosse, poderia valer tanto aos olhos do mancebo apaixonado, como o ver e sentir os fortes palpites de um coração de virgem na sua décima nona primavera?

O tempo decorria, e ambos embalados nas asas do idealismo não se recordavam que estavam dando um espetáculo, a que todos assistiam gratuitamente.

Amavam-se..., eis a desculpa!

Mas que importa que eles se amem?

– Lá por isso não estão autorizados a vir pespegar-se ao côncavo de uma janela, tão unidos... falando tão baixo, que o tenente Pantaleão, que então passava de braço dado a um velho papai, que encontrara na escada, vendo-os, apontou para a testa e proferiu as sacramentadas palavras: Meu caro amigo, poetas e trovadores sofrem todos da bola!...

.....

Façamos um pequeno salto, e passemos despercebidos de duas agradáveis horas de conversação e dança, para só narrarmos a parte mais saborosa de tudo que há no baile. Dessa parte mais doce que os doces que os vovôs trouxeram, e que depois do baile os netinhos comem.

Passamos por alto tudo o que haja decorrido.

Um olhar ardente que uma moça lança a seu primo; uma cristalina gota de celeste orvalho, que aponta no supercílio de outra, despeitada; a troca involuntária de um anel de cabelo ou de uma saudade..., nada disso nos importará, porque tratamos da parte mais bela do baile, da segunda quadrilha, dessa que só se dá à pessoa amada, ou que ao menos se finge sê-lo.

Continua. <sup>52</sup>

---

<sup>52</sup> Não há continuação nos próximos números do periódico.



FOLHETIM

# MISTÉRIOS DO RIO GRANDE

## A MOEDA FALSA

Por Junius

Ao leitor

Não é um romance o que se vai ler. É simplesmente a narração de cenas íntimas, passadas neste Rio Grande, que muita gente julga ainda patriarcal.

Não é também por certo a sucessão de horrores que a imaginação fértil de Eugène Sue deu aos *Mistérios de Paris* e Ponson du Terrail ao seu *Rocambole*; não, aqui a cena é diversa, os atores medíocres, o teatro pequeno. Entretanto, nem por aí se julgue que os *Mistérios do Rio Grande* formem uma crônica de aldeia, escrita para desenfado de algum bojudo cura, entre a leitura do breviário e a digestão do almoço.

Não somos o autor da história, é ela o fruto dos apontamentos tomados por um bom velho, que consagra seus dias no estudo da espécie humana. Coligindo essas notas, tivemos simplesmente em vista tornar o trabalho mais regular. Dera-lhe o autor o nome a esta mui verídica história de – *Os homens de bem* –.

Achamos que a denominação não abrangia completamente o assunto, e mudamo-lo para *Mistérios do Rio Grande*.

É isto o que julgamos dever comunicar ao leitor, antes de levantar a cortina do teatro onde se vai representar mais um drama.

Disse.

JUNIUS.

## PRÓLOGO

### UM DRAMA NO PRNCÍPIO SO SÉCULO

#### I

Foi um verdadeiro dia de inverno, o dia 23 de junho de 1801. Os poucos moradores do Rio Grande tiritavam de frio às 5 horas da tarde, quando o vento assobiando atirava geada e areia ao rosto dos que se atreviam ainda a deitar a cabeça fora das rôtulas, ou que só então se chegavam para a casa.

O sol em seu ocaso não vê sequer um raio descorado. O céu estava sombrio; grossas nuvens se aglomeravam a leste, indicando uma noite chuvosa e triste.

Era uma má véspera de São João. As ruas desertas, o aspecto merencório do pequeno Rio Grande, tudo indicava que os moradores não se entregariam nessa noite ao velho divertimento das fogueiras, sortes e cantigas à guitarra.

Não estava no lugar o governador do Rio Grande do Sul, Sebastião Xavier da Veiga Cabral. Andava pelo interior dando suas providências para que coisa alguma faltasse à expedição que mandara a tomar o forte de Serro Largo, visto estar declarada a guerra entre Portugal e Espanha.

Já haviam sido rendidos e demolidos os fortes do Jaguarão, e tudo indicava que o ano seria de boa colheita de cabeças espanholas.

Anos antes, D. Pedro Cebalos<sup>53</sup>, governador de Buenos Aires, depois de ter sitiado e feito capitular a Colônia do Sacramento, sequioso de triunfos, invadira a 19 de março de 1763 a capitania do Rio Grande, tomando o forte Santa Tereza situado na angustura de Castilhos, e cujo comandante, o coronel Tomás Luiz Osório, foi depois justçado em Lisboa. Penetrando então pela campanha, Cebalos veio até à vila do Rio Grande, assenhorou-se dela, aprisionou algumas famílias que fez transportar em ferros para domínios espanhóis e só parou em sua correria quando teve notícia de um armistício entre os governos de Madri e Lisboa.

---

<sup>53</sup> Pedro Cebalos Guerra (1764-1840), estadista espanhol.

O governador do Rio Grande, Ignácio Eloy de Madureira, e a maior parte dos habitantes da vila, deveram sua salvação fugindo, uns para Viamão, outros para Laguna, etc., etc.

Ora a recordação de todos estes desastres e vergonhas, incendiava o ódio dos habitantes do Rio Grande contra os espanhóis, e fazia com que por toda a parte o governador Veiga Cabral encontrasse o maior apoio e dedicação para derrotar o inimigo comum.

Entretanto, como dissemos, era triste o aspecto da vila do Rio Grande, na tarde invernososa de 23 de junho de 1801.

Quase no fim da então Rua da Praia, pouco depois das *esponjas* (\*)<sup>54</sup>, havia uma pequena taverna, desprovida e imunda como quase todas tavernas desse tempo. A descrição de semelhantes casas é sempre a mesma: nada ali varia, desde o sebento lampião pendurado por corda no meio da casa, até a balança *infíel* com os pesos escavados no fundo.

A taverna era uma das mais afreguezadas da vila. Ali era ponto habitual de quanto marinheiro que desembarcava.

Pela manhã vendia café, durante o dia peixe frito e canjica, e à noite a *tia* Joaquina, crioula pernambucana, manceba do taverneiro, preparava alguma galinha de *cabidela*, encomenda dos frequentadores reservados, espécie de conquistadores *in-fólio* do nosso tempo.

O taverneiro era o Sr. Manuel Avintes, homem baixo e grosso, figurando ter boa saúde e quarenta anos de idade.

Torna-se necessário dizer que em 1801 os taverneiros não eram o mesmo que os de nossos dias. A taverna era uma espécie de estação telegráfica internacional. Sabia-se ali de tudo, e recebiam-se notícias de todos. Pela manhã o taverneiro indagava dos escravos o que ia pela casa dos senhores, à noite os senhores contavam-lhe o que se passava na casa dos vizinhos. O dia ficava limpo para as notícias trazidas pelos *lestos*.

*Lesto* era um termo da gíria do princípio desde século, queria dizer desabusado, decidido, sem reservas nem cerimônias, e que ouvia com tanta facilidade uma missa, como entrava na taverna para *matar o bicho*.

---

<sup>54</sup> Nota do autor edição original: “Esse ponto da povoação era chamado *fim da vila*. *Esponjas* eram três árvores plantadas na rua, quase em frente ao antigo palácio do governador”.

O taverneiro sabia mais do que um barbeiro e menos do que uma parteira. Falava muito da vida alheia, pouco de política e quase nada de religião. Na vila o homem maior era o padre, depois o governador, depois... qualquer outro. Acontecia às vezes que os dois primeiros nem sequer olhavam para o taverneiro, e que os últimos para descarga da bília tosavam sem piedade o corpo do bisbilhoteiro.

Isto, porém, era questão de um banho em salmoura ou em vinho cozido com alecrim, e não passava de dois dias de resguardo, passado os quais o taverneiro reaparecia por trás do balcão, junto à grande dos copinhos, vendendo o seu *ratafiá* saboroso e, de vez em quando, pedindo a algum preto ou marinho dez réis para as almas benditas.

O Sr. Manuel Avintes pertencia a essa classe de gente, com a diferença, porém, de que, como a tia Joaquina era perita na arte de obstetrícia, o Sr. Manuel sabia mais coisas do que qualquer morador da vila, do que o próprio confessor durante a quaresma.

Isto, os bons petiscos que se preparavam na taverna, o capitoso e áspero cascarrão com que enchia os copos de *caninhas abauladas*, cada um dos quais era o meio quartilho, faziam com que a casa do Sr. Avintes fosse o ponto de reunião de todos os que queriam tratar de qualquer negócio menos comercial.

Não admira, pois, que às 5 horas da tarde de 23 de junho de 1801, quando toda a cidade estava deserta, só a taverna do Sr. Manuel tivesse uma reunião de seis ou oito pessoas, umas encostadas no balcão, outras sentadas sobre sacos e barricas.

## II

– Olá, Avintes, dá-me daí um *chigalho* daquele nosso conhecido, disse um sujeito que estava sentado em um saco de milho e recostado sobre os feixes de lenha.

– Sempre *avinhado*, Mourão! respondeu o Sr. Manuel empunhando um copo com qual dirigiu-se para uma pipa, cuja torneira de pau abriu depois de bater para afugentar as moscas.

– Eu cá sou assim, tornou o outro. Dizem que meu pai era um frade, por isso não admira que beba. Fizeram-me marinheiro; foi um dia apareceu *gente da tropa* lá na aldeia, quiseram que eu fosse soldado não sei se para matar a mourama<sup>55</sup> ou se os franceses que andavam brigando com o general Bonaparte. Não quis ir para o quartel, e fui para o navio...

– Exatamente como eu, atalhou um velho marujo que encostado ao balcão saboreava o seu queimado cachimbo.

– Embarquei em Aveiro e andei para Madeira. Depois vim ao Brasil, fui ao Rio de Janeiro e aqui estou. Gosto da vida que é divertida, e por isso dizem que eu sou como Bocage, aquele improvisador que anda bêbado em Lisboa deitando versos às *cachoupas*.

– Pois olha, eu, disse outro, se pudesse não embarcava. Dizem que lá na terra há moeda *chanchão*, que se vende barato; se eu soubesse quem a vendia, olá se a comprava!

– Que diabo ias tu a fazer como cinquenta mil réis, Araújo?

– O que fazia, Avintes? Estabelecia uma casa de pasto e ganhava uma riqueza.

– Ora deixa-te disso; pois tu de moço de padeiro, que passastes para bordo, ias lá ser estalajadeiro?

– E por que não? A vida não é assim tão ruim. Eu cá por mim tinha bastante jeito em aprontar o caldo para a freguezada e dar-lhes dormida...

– Só? perguntou o Sr. Manuel Avintes, com um ar satírico.

– E guardar o que algum perdesse, respondeu Araújo semi-hipocritamente apalpando as algibeiras.

---

<sup>55</sup> Grande quantidade de mouros.

– Pois havias de enriquecer, disse Mourão, virando o resto do vinho. Olha, quando me vi obrigado a sair da terra, deixei a criada do Morgado de esperanças, disseram-me no Rio de Janeiro que ela tivera um alentado rapaz, o que muito estimo, porque já tenho a quem deixar meus conselhos.

– Quais são? perguntaram todos com disposição de riso.

– Quando o encontrar, e ele já estiver um pouco crescido, dir-lhe-ei: aprende um ofício filho, e procura trabalho; se com ele não enriqueceres, atira-te a tudo o que achares, porque hás de ser homem de bem desde que tiveres uns cem mil cruzados no fundo da caixa.

– E é verdade, respondeu um rapaz que até então estivera calado fumando seu cachimbo.

– Olha lá o taful, como saiu do sono, assim que lhe falaram em dinheiro, observou Araújo.

– Aquilo sempre foi extravagantão, disse Avintes limpando o balcão.

– São vocês uns brutos, tornou o moço; vêem-me assim trajado e pensam que lhes sou da raça! Enganam-se, meu pai era merceeiro no Porto, e eu estive três anos em Lisboa me preparando para a vir a ser nem sei o que...

– Um valdevinos, como pés, disse Mourão.

– És um tolo. Conheci Bocage, e muitas vezes tomamos o nosso copo de aguardente no Nícola. O tal setubalense é um demônio. Quanto mais bebe, mais fala. Foi ele quem me fez deixar os estudos, dizendo-me que o homem que só estuda não é digno de viver. Eu que pouca propensão tinha para os livros, abandonei tudo e atirei-me à vida. Falou-se muito em mim, depois tive de fugir e vim ter ao Brasil.

– Já acabaste?

– Ainda não. Hoje recebi uma carta do Porto. Um navio chegado do Rio de Janeiro trouxe-me ela, que ali fora ter levada por um patrício.

– E o que diz?

– Mais devagar. É um antigo companheiro que me escreve, e remete-me um papel que vale trinta mil cruzados.

– Como assim? perguntou o Araújo com interesse<sup>56</sup>.

---

<sup>56</sup> Os números posteriores do jornal e o restante do folheto não foram localizados nesta pesquisa.

## FOLHETIM

# UM TIPO DE MULHER

de Jorge de Andrade<sup>57</sup>

I

– O vapor vai largar daqui à uma hora. Venho despedir-me de ti, Celina.

– E não poderias, Jorge, retardar por mais um dia a tua partida? Serão tão exigentes os teus negócios que nos queiram roubar momentos de tanta felicidade?

– Pois não vês, querida, que a esta resolução estão ligados todos os projetos do nosso futuro?

– Do nosso futuro!... E não será ele uma ilusão rápida como um sonho?

– Sempre a dúvida, a cruel dúvida a sobressaltar-te o espírito! Criança! Finges não compreender a grandeza do meu amor para torturares assim!

– Oh! Perdoa, meu querido amigo; sempre acreditei na tua sinceridade; mas, não sei por que tenho receio do futuro...

– Diz-me o coração, que não mente, que veremos em breve realizadas todas as nossas esperanças. O negocio que me leva a Pernambuco promete desembaraçar-me completamente das dificuldades em que me tenho visto, e quando eu voltar a nossa ventura será completa.

E tomando amorosamente a mão dela entre as suas, disse-lhe sinceramente comovido:

– E tu durante a minha ausência. Ah!... Como esta separação me custa, como me angustia a alma este momento supremo!

– Pobre amiga! E acreditas que eu também não sofra que não me pesem na ausência as saudades dos serenos dias que passei aqui contigo? Para suavizar o doloroso isolamento em que vou viver, dulcificar as horas de

---

<sup>57</sup> Pseudônimo de João Damasceno Vieira Fernandes (1853-1910).

tristeza que longe de ti me esperam, hei de a mim mesmo repetir as agradas promessas do teu amor, que guardo dentro do peito imperecíveis e eternas.

– Mas és moço ainda, Jorge; tens a imaginação ardente e entusiasta, e eu temo que o teu coração não resistas às seduções do mundo em que te vais envolver. Longe de mim, sem que a minha presença lembre os teus juramentos, no meio do torvelinho de mulheres belas, elegantes e ricas, só violentando-te a um sacrifício poderás lembrar-te da tua infeliz Celina. Talvez alguma nova paixão te retenha, e este pensamento afetivo persegue-me como um pesadelo.

– Meu amor, disse ele estreitando-lhe convulsivamente as mãos, se não fora lembrar-me do quanto à verdadeira paixão é egoísta, zangar-me-ia contigo! Não me repitas estas palavras cruéis; bem vês o que estou sofrendo por ti. Por Deus te peço que tenhas confiança em mim! Pois me julgas capaz de mentir-te? Supões acaso que eu esteja representando aqui uma comédia?

– Perdoa-me, perdoa-me, Jorge, disse ela carinhosamente chorosa; a lembrança de que vou ver-me separada de ti, quem sabe por quanto tempo, é que me faz assim apreensiva. Acredito muito na tua sinceridade... Porém, meu querido noivo, desejo, em nome do nosso amor, que eu ainda uma vez me faças um solene juramento de nunca me esqueceres.

– Juro-te por alma de minha mãe, Celina, juro-te por todos os momentos de felicidade, tão santos e tão puros, que contigo tenho passado, que nunca me esquecerei de ti. Daqui a três meses estarei de volta, e então...

– Oh! Não me enlouqueças de felicidade, murmurou ela abraçando-o.

– E... então o nosso casamento coroará todas as nossas esperanças.

– Desculpa ainda uma criancice. O meu amor é tão exigente!

– Tudo farei por ti.

– É uma insignificância; desejo que me escrevas sempre, sempre; que dediques muitos momentos em conversar comigo dessa única maneira que nos é dado fazer. Terei assim visível prova de que meu querido noivo não tem esquecido aquela que tanto o adora.

– Serão satisfeitos todos os teus desejos, minha querida; nem precisavas que nos lembrasse; será um dever que cumprirei sempre com um infinito prazer.



– Como eu serei feliz tendo certeza que me dedicas todos os teus pensamentos, todos os instantes despreocupados que teus negócios deixarem!

– E tu, prometes responder imediatamente a todas as minhas cartas?

– Ah! Jorge, pois não será essa única alegria que poderei gozar durante a tua ausência? Hei de repetir-te sempre o juramento solene que me acabaste de fazer! Nunca seremos perjuros um ao outro, não é assim? Seria um sacrilégio, meu Deus!

E fitando-o de uma maneira estranha, atirou-se-lhe aos braços com estouvamento amoroso, exclamando;

– Jorge! Jorge! Eu amo-te muito, muito!

E sentando-se comovidíssima, o peito arquejante, os lábios rubros de febre, murmurou tão baixo que mal se percebia:

– Ah! Como este amor me enlouquece!

Jorge levantou-a pelos braços, vagarosamente fitando-a com embevecimento e disse, com a voz estrangulada por um soluço:

– Adeus, Celina!

E depois de um beijo úmido, longo, voluptuoso, separam-se aquelas duas almas destinadas a completarem-se na terra, ou no céu!

## II

Celina não era, nem nunca fora, uma moça bonita.

No colégio, as suas companheiras, em ocasiões de arrufos chamavam-na a sardenta.

Parecerá ao leitor que nos desviamos dos preceitos da arte não apresentando a heroína deste romance adornada das belezas efêmeras com que se atavam as Lauras e as Margaridas dos enredos fantásticos; porém é nosso fito descrever a verdade tal como ela se apresentou, sem curar de armar a imaginação com formas esculturais e divinas, que muito raro existem, e só comumente aparecerem nas novelas sentimentais que felizmente já caíram em desuso.

A noiva de Jorge podia, a custo, ser classificada entre as simpáticas. O rosto anguloso, a cútis grossa e amarelada, constantes olheiras, o andar

alquebrado e doentio, davam-lhe ao todo uma desarmonia de formas, cuja impressão desfavorável só convivência desvanecia pouco e pouco.

A primeira vez que Jorge a viu, quase a detestou.

E por que a amava agora e tão loucamente? Que revolução se teria operado em seu espírito para querer entregar o seu futuro àquela mulher desgraciosa e pálida, que um dia quase o enchera de terror?

É o que pretendemos esclarecer ao leitor lançando para o passado de Jorge um olhar retrospectivo.

Este mancebo era filho de um obscuro e honrado operário das oficinas do arsenal de guerra da corte. Tendo revelado, desde tenra idade, vocação para as letras e para as conquistas ousadas e nobres da inteligência, e não podendo satisfazer a essa ardente aspiração por absoluta carência de recursos, foi constringido pelo pai a empregar-se em uma casa de comércio. Era ajudante de guarda-livros da casa Bastos, Corrêa e Irmãos.

Contrariando nas suas esperanças de obter uma posição distinta, unicamente devida a estudos, o moço revestia-se às vezes de uma taciturnidade incompatível com os seus verdes anos.

Amava os livros de conhecimento úteis, e as produções literárias, especialmente brasileiras.

A sua biblioteca reunia-se em poucos volumes: *História Natural Popular*, de Anstett<sup>58</sup>, *Obras*, de Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Alencar e compêndios de história e filosofia de autores franceses<sup>59</sup>.

Nunca fora distrair as suas mágoas no alegre passatempo dos hotéis, nem aplaudir as lorettes que se exibem do Alcázar. Circunscrevia as suas relações a limitadíssimo número de amigos e parecia completamente alheio ao tumultuoso movimento do grande monte fluminense.

A constante leitura de versos sentimentais dos nossos primeiros líricos tinha-lhe desenvolvido a tendência para a poesia lacrimosa e cheia de tristeza.

O entusiasmo da nova escola realista, que fala do progresso em todas as suas brilhantes manifestações, não se tinha ainda comunicado a sua alma, por mais que para isso se esforçasse.

---

<sup>58</sup> Não encontrei dados biográficos do autor.

<sup>59</sup> Álvares de Azevedo (1831-1852) poeta romântico brasileiro, Casimiro de Abreu (1837-1860), poeta romântico brasileiro, José de Alencar (1829-1877) romancista e dramaturgo brasileiro. Todos esses escritores pertencem ao Romantismo brasileiro.

Lera as *Odes Modernas* de Antero do Quental, a *Morte de D. João*, de Guerra Junqueiro, as *Claridades do Sul*, de Gomes Leal, *O crime de Padre Amaro* e *Primo Basílio*, de Eça de Queirós<sup>60</sup>; porém achara as *Odes* por demais metafísicas e obscuras como o apocalipse, o *D. João* irreligioso e imortal, as *Claridades* enfatizadas, extravagantes e ridículas com o seu Satanismo, finalmente os livros de Queirós belíssimos na forma e no fundo, mas em muitos pontos obscenos.

Entendia para si, cheio de modéstia, que a elevação das novas ideias era tal, que ele não poderia atingir com os seus diminutos recursos intelectuais – como o pássaro cujo vôo débil não permite elevarem-se as eminências em que só pairam as águias.

Álvaro de Oliveira, caixeiro da loja de modas Hailot e Cia., era o seu íntimo, a quem confiava todos os seus segredos, todos os seus pequeninos planos, todas as suas esperanças aviventadas pela fé.

Esboçaremos, de passagem, o amigo de Jorge, para que, seguindo a norma do nosso programa, possamos dar ao leitor perfeita ideia desta verídica história.

Álvaro era um rapaz vivo e folgazão, grande estofador de cavalos aos domingos à tarde, namorador das costureiras a quem tratava por tu, apaixonado de todas as mulheres bonitas, e tendo por cima de tudo isso a grande qualidade de nunca querer casar!

O velho Hailot, em muitas conversações a respeito do caráter de Álvaro, louvava-lhe as excelentes qualidades e acabava sempre dizendo com um sorriso malicioso:

– Il est un garçon d'esprit<sup>61</sup>!

Ganhava cem mil reis mensais, e parecia gastar o duplo com a despreocupação de um lord.

Saber aparentar fausto para ser feliz em amorosas conquistas, e não sofrer grandes desfalques na bolsa era o sistema seguido por ele com grande aproveitamento para o seu amor próprio de dândi<sup>62</sup>.

---

<sup>60</sup> Referência a obras realistas portuguesas: *Odes modernas* (1865), de Antero de Quental (1842-1891); Guerra Junqueiro (1850-1923), *Morte de Dom João* (1874); Antonio Duarte Gomes Leal (1848-1921) as *Claridades do Sul* (1875); e Eça de Queirós (1845-1900) *O crime de Padre Amaro* (1875) e *Primo Basílio* (1878).

<sup>61</sup> Expressão francesa cujo significado é: É um homem inteligente...

Divertia-se, e julgava-se completamente feliz.

Era, finalmente, dotado de muitas qualidades simpáticas ao sexo feminino; bonito, elegante, bem trajado, sempre espirituoso na conversação, muito lido em romances, e padecendo fortemente da febre amorosa, denominada eteronamina<sup>63</sup>.

Jorge achava um que de estranho na natureza nervosa e revolucionária de seu amigo; mas amava e com estremecimentos de irmão porque via nele uma qualidade apreciável: a sinceridade.

Galhofeiro, satírico algumas vezes, Álvaro sempre pronto a rir de qualquer incidente, sabia respeitar um sentimento, sabia respeitar um sentimento profundo, que o tempo já tinha santificado: a amizade de Jorge. Conhecia-o desde criança; foram companheiros no colégio do barão de Tautphoeus<sup>64</sup>; sentavam-se sempre no mesmo banco e corrigiam mutuamente os temas.

A vida do comércio que ambos tiveram que abraçar estreitou ainda mais a intimidade dos dois moços.

Álvaro, em retribuição a franqueza de seu amigo, fazia-o sempre confidente das suas travessuras de rapaz, sem omitir a mínima circunstância, e aquela alegria buliçosa e palradora dava à vida sedentária e contemplativa de Jorge uma feição sempre nova e risonha. Era como que um sol brilhante, surgindo a espaços por entre nevoeiros e espalhando luz a benfazeja que abre o cálice das flores.

Isolados no quarto de Jorge, aos domingos, os dois amigos falavam sobre infinitos assuntos, comentados quase sempre com risadas expansivas.

Álvaro, que era de humor inexorável, tinha sempre historietas picantes para adubar a conversação.

Era um namoro com uma menina pálida e interessante que vira no S. Luiz<sup>65</sup>, no camarote da 1ª ordem nº 10. Representava-se a *Culpa vinga a culpa*. A mocinha, dizia Álvaro, com uma enorme pirâmide de cabelos na cabeça em forma de torre e um pincenez de ouro preso ao narizinho mostrava-se muito

---

<sup>62</sup> Homem com bom gosto e senso estético.

<sup>63</sup> Eteromaria é a intoxicação pelo éter tomado em inalações, bebidas ou injeções!

<sup>64</sup> O Barão de Tautphoeus fundou em Petrópolis o renomado "Colégio dos Meninos", que dirigiu até 1851.

<sup>65</sup> É um teatro conhecido da época.

comovida ao ver a paixão desesperada e louca de Sara. O castigo da mulher adúltera, desprezada pelo amante e pelo marido, impressionava-a profundamente. E depois a Emília Adelaide representava o papel com todas as cores da realidade: pálida de pó de arroz, com ricos escuros a fingir olheiras, os cabelos caídos, o olhar incerto e vago, a voz murmurada em soluços, e os violinos a vibrar baixinho uma espécie de réquiem! Lágrimas furtivas deslizavam-se pela face da gentil desconhecida, e davam-lhe uma graça tão poética tão romanesca, que o caixeiro sentira ímpetos de lhe ir furtar um beijo, exatamente como nos romances de Paulo de Kock<sup>66</sup>!

Era um colóquio amoroso que ele ouvira ao subir sutilmente a escada, entre Mme. Haillot, sua patroa, e o guarda-livros da casa, um francês gordinho de olho azul e lábio sensual.

– Combien je t’aime, mon petit... Peut tu venir aujourd’hui? Je t’attendrai<sup>67</sup> ...

– Qui. Taisez-vous, madame...

E cochicharam coisas que ele não percebera!

Era uma pateada que se deu no Alcázar a Joanete, uma alsaciana loira, de pés admiráveis, seios bem contornados, excelente voz, e que fazia de ingênua nos melodramas.

Era um embuçado que vira rondando a porta do Cassino, sem dúvida algum ridículo Otelo<sup>68</sup> que se valia das trevas para vingar a honra ofendida por meio de algumas energéticas chicotadas.

E quantos, quantos episódios burlescos não saíam a lume para entreter e variar conversação dos dois íntimos!

Jorge algumas vezes chegava a ter inveja do temperamento de seu amigo; aprazia-lhe aquela constante hilaridade, tão descuidosa e tão feliz!

Irritava-se outras vezes por não poder vencer aquela habitual tristeza, que lhe dava a fisionomia uma aparência de morbidez moral.

Esforçava-se por acompanhar o seu amigo na ruidosa alegria, no estouvamento caustico que tantas vezes o distraía nos seus instantes de dorida concentração.

---

<sup>66</sup> Autor francês (1793-1871) de folhetins românticos.

<sup>67</sup> – O quanto eu te amo, meu menino ... Hoje você pode vir? Eu vou esperar ...

– Quem. Segure sua língua, Madame ...

<sup>68</sup> Personagem da obra homônima de Shakespeare, marcado pelo símbolo do ciúme.

Álvaro era uma gargalhada, um epigrama vivo a zombetear do desventurado Jorge. Cujo espírito afeito a imaginar tristezas, a custo conseguia vencer-se a si mesmo para não zangar-se.

Da natureza diversamente oposta daquelas duas almas, nasceu talvez a mutua simpatia que as ligava estreitamente e prometia perdurar, a despeito das mais amargas vicissitudes da vida através das tempestuosas lutas que nos surpreende neste revolto mar a que chamamos mundo.

Encontraram-se crianças, transpuseram juntos os pórticos da vida social e só a brônzea mão da fatalidade poderia quebrar o laço que delicadamente unia aqueles grandes corações.

### III

Placidamente corria o destino dos dois amigos sem que ocorrência alguma perturbasse aquela doce serenidade; Álvaro sempre satisfeito com as suas aventurosas conquistas, e Jorge afeito a sua sorte, entregando-se sempre a leitura de bons livros e entretendo-se nas costumadas palestras com o seu infatigável companheiro.

Em um domingo radioso, de um claro sol resplendente, temperatura ótima havia festa na igreja da Candelária<sup>69</sup>.

Concordaram os dois amigos que haviam de ir assistir a festividade e foram.

Despreocupados, sem negócios a tratar, libertos da preponderância de seus patrões, que melhor fariam do que ir espairecer a Candelária, ouvir a música do regimento fazer soar um dobrado marcial e a voz de um padre jesuíta fazer desabar do púlpito as cóleras celestes?

Achava-se a igreja literalmente cheia; um sussurro de leques palpitando compassadamente dava ideia do bater de asas de borboletas enormes; chapéus multicores, de palhinha e de fazenda atravessados de orgulhosas plumas, faziam lembrar o penacho invencível dos heróis prussianos; havia no ambiente um fortíssimo cheiro de incenso queimado; vários sacristães, fazendo reluzir a alvura de bordadas sobrepelizes, acendiam as velas do altar-mor por

---

<sup>69</sup> Construída no século XVIII, a Igreja de Candelária ainda existe no Rio de Janeiro.

meio de compridos caniços; mulheres magras e velhas, amortalhadas nas suas mantilhas esverdeadas pelo tempo, rezavam baixo desfiando rosários; entre moças trocavam-se olhares um pouco profanos e significativos; e o alto de um trono constelado de velas bentas um Cristo lívido ensanguentado, agonizava tristemente na sua cruz.

Lançavam os dois moços um rápido olhar em tudo isso, quando viram entrar uma senhora idosa, de óculos de ouro, com uma capa de veludo preto cintilante de vidrilhos, acompanhada de uma menina de vestido levemente decotado, as tranças soltas com laços azuis nas extremidades.

Álvaro, depois de olhá-la atentamente, reprimindo um sorriso, tocou no braço de seu amigo e murmurou baixinho, ao ouvido:

– Ó Jorge, repara na cara daquela rapariga; o que te parece aquilo?

Jorge depois de observá-la, não pode deixar de sorrir e respondeu-lhe no mesmo tom:

– Parece-me uma cara bem feia.

– Horrível, meu amigo, horribilíssima! Podia muito bem fazer de remorso vivo do drama de Furtado Coelho<sup>70</sup>!

– E tu a conheces?

– Oh! Muito! É uma preciosidade que não perco de vista! Chama-se Celina de Albuquerque; é pensionista no colégio de Mme. Arnisaud; aquela velha que a acompanha é uma tia muito carola e muito rica que mora nas Laranjeiras. O pai é o engenheiro Albuquerque que trabalho na estrada de ferro Pedro II; deixou a filha entregue a diretora e foi empregar-se em Sergipe.

Por aqueles dias começara Jorge a jantar no hotel das DUAS COROAS, situado na rua Misericórdia.

Sucedeu que em uma tarde, estando ele e Álvaro a janela, fazendo o chilo<sup>71</sup>, divisou alguém que de um mirante fronteiro olhava-o com interesse.

la fazer notar este fato a Álvaro, quando este exclamou:

– Ora querem ver que a mocinha das sardas apaixonou-se por ti Jorge! Estás arranjado! Se ela consegue agarrar-te não será com facilidade que te livraras de semelhante sanguessuga!

Jorge recolheu-se discretamente, e disse-lhe ligeiramente amuado:

---

<sup>70</sup> Autor português radicado no Brasil.

<sup>71</sup> Descanso.

– Que lembrança! Pois tu me julgas capaz de semelhante asneira?

– Que queres rapaz? Seria uma extravagância como uma outra qualquer! Há paladares para tudo! Não tens ouvido dizer que os chineses comem ratazanas? E depois não seria fato virgem na historia contemporânea! Conheço rapazes que se tem apaixonado por mulheres muito piores do que aquela! Piores digo bem, porque ao menos se a Celina nunca poderá servir de modelo de estatua, tem sido sempre apontada como uma rapariga instruída, inteligente e espirituosa. Dizem que sabe corretamente o francês, geografia, música, desenho e não sei se matemática! Já vês que podia ser uma boa doutora se a cara dela não matasse os doentes de susto!

–Não sei quando deixarás essa veia satírica, esse endiabrado gênio de ridicularizar a todos e a tudo.

– O meu ermitão compreende que é um desfeito grave; porém já agora é tarde para corrigir-me! Nem por isso deixarei de ter entrada no céu, graças a Deus! E depois, quem não há de ter vontade de rir olhando para aquela cara sarapintada e feia como um dia de jejum?

– Mas não me disseste a pouco que era inteligente, instruída...

– E que tem isso? Se te parece namora-a! Oh! Que vontade tenho de me rir! Olha, garanto-te que não serei eu que quem te dispute a gloria da conquista! Podes dormir descansado!

– Tens lembranças!

E riram ruidosamente.



#### IV

Desse dia em diante dava-se uma circunstância que não podemos deixar de relatar ao leitor.

O amigo Álvaro que anteriormente não se demorava no hotel senão o tempo indisponível para jantar começou a não retirar-se para o escritório sem primeiro aparecer à sacada de onde avistava o colégio de Mme. Arnisaud.

Isto fazia-o ele distraidamente, sem móvel algum que o atraísse ali.

Este fato arrastou também uma coincidência notável: todas as vezes que Jorge aparecia à sacada, ao dirigir casualmente a vista para o colégio, percebia, na janela do mirante, a criaturinha que tão acerados epigramas provocará a Álvaro. Ela olhava como uma tenacidade provocadora e isso não podia passar despercebido a Jorge.

Se algumas vezes desviava dele os olhos por um momento, era para de novo fita-lo com mais insistência.

O moço notou um dia que um gracioso sorriso se desenha nos lábios de sua vizinha, e digamo-lo fracamente, aquele sorriso fugaz como deslumbramento de um relâmpago iluminou-lhe um pouco as trevas da existência.

Jorge nunca tinha amado; nunca esse sentimento grato, indefinível calor suavíssimo que eletriza a alma dos moços lhe havia palpitado no coração.

Voltado essencialmente ao estudo aproveitável, e as ocupações da vida mercantil, sem tempo para engolfar o espírito no torvelinho das paixões, vivia estranho ao mundo das conquistas fáceis, para onde Álvaro debalde procurava arrastá-lo no louvável empenho de dissipar-lhe aquela tristeza doentia.

Sentia que alguma mudança se operará em si depois que via Celina. Muitas vezes, ao dobrar matinalmente a página do livro que relia sem que a leitura o impressionasse, demorava-se horas e horas a lembrar-se dela e construir na imaginação maravilhosos castelos, como aqueles que se fazem e desfazem à luz cambiante da fantasia dos poetas.

Seu espírito turbava-se à ideia de um amor impossível e mil encontrados pensamentos desalentavam-no de todo.

Celina estava muito longe de satisfazer plasticamente as suas exigências exaltadas; porém tinha dotes de espírito apreciáveis, era inteligente

e dada ao estudo como ele, e esta circunstância, tão rara entre moças da sua idade, ignorantes e frívolas, tornava-a altamente simpática ao seu coração.

Além disso, Jorge de mulher alguma havia recebido afagos.

Bem jovem ainda, perdera os carinhos maternos, únicos que poderiam derramar bálsamos consoladores nas aflições em que vivia.

Às vezes, recolhido consigo mesmo, perscrutando o seu coração, achará nele um vácuo profundo; uma necessidade veemente de amar, de ser amado, de enlouquecer de paixão aos pés de uma mulher, de sentir-se envolto em um turbilhão de sensações violentas, perturbava-lhe noites de sono e o fazia revolver-se no leito, febricitante, pálido, esforçando-se por abraçar uma visão que fugia...

Era a sua mocidade, os seus vinte anos, que semelhantes à borboleta, esforçavam-se por despedaçar a crisálida que lhes impedia os vôos para a amplidão.

Recatadamente honesto, nunca fora entregar-se às carícias mercenárias e crapulosas, das *Aspacias*<sup>72</sup>: tinha a necessária força moral e dignidade bastante para olhá-las sempre com um asco que se convertia em compaixão.

A vida miserável dessas infelizes criaturas que ostentam uma grandeza efêmera a sua custa de todo o seu pudor, era encarada por Jorge como o último degrau a que pode descer um ente racional, que prefere à desonra as provações da pobreza.

Cheio de uma virgindade infantil, nunca os seus olhos encontraram-se com os de uma mulher sem que se sentisse corar.

E, no entanto, possuindo em tão elevado grau tantos tesouros de sentimento, nunca os dera a perceber a mulher alguma; guardava-os no coração com um cuidado religioso e avaro; a nenhuma conhecia capaz de poder avaliá-los.

Através das conversações de Álvaro, via que o mundo estava corrompido e gasto, e que prostituição tinha subido da lama das ruas para invadir e profanar o lar doméstico.

Os raptos, os adultérios, os estupros, as crianças torpemente lançadas à roda dos expostos; todas essas baixezas, tornando-o pessimista, tinham-no

---

<sup>72</sup> Cortesã grega (440 a. C.), amante de Péricles, que estendeu seu nome à profissão.

levado a admitir como uma verdade que era tal o rebaixamento moral a que a sociedade fluminense tinha chegado, que lhe seria absolutamente impossível encontrar uma mulher honesta, capaz de fazê-lo feliz pelo casamento!

Oh! Como ele ambicionava viver longe daquela atmosfera mefítica, perdido na obscuridade pacífica de uma aldeia, desfrutando ao lado de uma menina ingênua e meiga, todas as delícias de um matrimônio feliz!

Mas, coisa admirável, apesar de todas as suas prevenções contra o mundo que cercava, ia pouco a pouco, irresistivelmente, sentindo-se impressionado com a insistência com que era olhado por Celina.

Uma vaga curiosidade de saber em que misterioso se envolvia aquela existência preocupava-lhe muitas vezes a imaginação. Era talvez uma pobre órfã, desamparada pelo pai, vivendo tristemente com exíguos recursos, suportando enfados de uma mulher que não era a sua mãe, sentindo absoluta falta de afetos, sem uma irmã para suavizar-lhe as tristezas do coração.

Via-a quase sempre só, recostada cismadoramente a branca janelinha do mirante, olhando distraidamente para o lado do mar, seguindo talvez alguma vela que se perdia na linha azul do horizonte.

Era infeliz sem dúvida.

Quando alguma companheira vinha faltar-lhe e sorria-lhe ameigando-a na face, nem assim a despertava de seus melancólicos pensamentos.

Jorge adivinhava ali uma luta heróica, quanto ignorada, algum martírio pungente, descorando ainda mais aquelas faces pálidas.

Começou a simpatizar com o sofrimento de Celina.

Nunca ouvirá alguém gabar-se de tê-la requestado, nem por mera extravagância.

A fealdade dela não era de tal forma repelente que afastasse de todo as vistas de quem por ela se interessasse: seus olhos certificavam-no disso.

Foi acostumando-se a vê-la diariamente, à hora de jantar, e quando ela deixava de aparecer sentia-se desassossegado e nervoso.

Em que daria aquela afeição tão platônica e tão misteriosa? Em nada provavelmente.

Sentiria ela alguma coisa por ele? Por ele que também não era famoso, nem trajava com apuro, nem tinha uma colocação social digna de reparo? Poderia acaso pensar em um desconhecido, sem família, reconcentrado

sempre em uma tristeza reservada, e na aparência um ente sem sociabilidade, que parecia evitar a convivência ruidosa dos companheiros de hotel? Ignorava-o.

Aprazia-lhe viver assim, alimentando aquela puerilidade que ele considerava uma pequenina distração.

Que mal lhe poderia resultar dali?

E depois, senti-se inteiramente regozijado de merecer os olhares daquela mulher, cuja frente ele cingia com a dupla coroa da inteligência e do estudo.

## V

Egoísmo de namorado! Quis um dia certificar-se de que não era ilusão o que se dava consigo. Uma hora antes da em que costumava jantar, subiu ao 2º andar do hotel, sob pretexto de ver jogar, e colocou-se de maneira a poder ver, sem ser visto, e através da vidraça, o que se passava no mirante fronteiro.

Pôs-se em observação fingindo completa indiferença; mas com o coração sobressalto, o pulso febricitante.

Logo que às três horas soaram, a janela de sua vizinha não tardou a abrir-se; era quando ele vinha do escritório! Viu assomar imediatamente o vulto de Celina, que começou por olhar com avidez para o lado esquerdo, exatamente por onde ele costumava a vir! Não desviava o olhar, esperando vê-lo, e com que ansiedade! Jorge, porém, não aparecia; a moça impacientava-se visivelmente; mudava de posição na janela; fazia estalar as falanges dos dedos em uma excitação nervosa; mordida levemente o lábio inferior que se tornava rubro... Ele decididamente não vinha!

O moço teve pena daquele desassossego tão lisonjeiro para si e apareceu na sacada, fitando-a com uma curiosidade toda feminina. Queria ver a impressão que lhe causava!

Celina, ao avistar Jorge onde não esperava vê-lo, surpreendeu-se vivamente, um sorriso de inefável satisfação esboçou nos lábios, e, ruborizada como uma rosa, recolheu-se da janela!

Oh! Como Jorge sentiu-se verdadeiramente feliz naquele momento!

Era esperado com interesse por uma mulher; ela tinha sorrido com toda a candura de uma alma virgem, e corado ao vê-lo! Amava-o, amava-o de certo! Não deveria duvidar mais!

Com o coração banhado em um bem estar indescritível, parecia-lhe que novos horizontes se abriam diante de si!

Debruçou-se na sacada, e deixou por momentos que a fantasia de poeta desdobrasse as azas pelos plainos luminosos de um futuro de delicias...

Celina amava-o! Não era bela, é certo, porém por isso mesmo seria modesta, laboriosa, cheia de afabilidade, sem pretensão nem orgulho, capaz de partilhar com ele todas as decepções de uma vida precária, rodeando-o de confortos, de mil solitudes, adivinhando-lhe o menor desejo! Trataria dele, quando doente, com desvelos de mãe; dar-lhe-ia consolo nos seus desalentos, coragem nos seus infortúnios; constituiria para ele a família que nunca tivera!

Que belos e venturosos quadros não lhe desenhou a imaginação impressionada pelo amor de Celina!...

Quando desceu para jantar, Jorge, com a alma a transbordar de emoções, achava-se tão abstrato como se houvera feito imoderado uso de licores fortes.

Amava aquela criança com todo o delírio da sua mocidade! Que lhe importava que o mundo, fátuo e licencioso, que só se deixa seduzir por aparências encantadoras, indagasse mais do rosto dessa mulher do que das qualidades que lhe enobreciam a alma, elevando-a acima do comum? Sentia-se com forças para arcar contra o preconceito, e a sua simpatia por Celina aumentava de vigor.

Ele seria bastante forte para defendê-la dos remoques da inveja.

Poetizava-a com todas as qualidades que distinguem uma mulher perfeitamente educada, e a imagem dela acompanhava-o como uma sombra.

Por muitas noites de febre e de exaltação, surpreendia-se, em sonhos, deitado nos seus joelhos, beijando-lhes as mãos com delírio, murmurando-lhe ao ouvido as mais ternas palavras que a paixão pode inspirar. E como ela retribuía o seu amor, com que carinho apertava-o nos braços, aconchegando-o ao calor do seio, que arfava ofegante sob o corpete entreaberto! Muitas vezes acordou-se sobressaltado, ao estalar de um beijo, supondo realidade o que era sonho; mas a visão desaparecia como desaparece a miragem... Deixava-o

imerso nas trevas de seu quarto, abatido, desalentado, cheio das tristezas do isolamento!

## VI

Passadas as primeiras impressões causadas pelo novo sentimento que se lhe tinha apoderado do coração, Jorge, que era moço, mas dotado de espírito eminentemente pensador, começou a refletir nas consequências da sua paixão.

A imaginação desataviou-se de todas as suas louçanias e deu lugar à razão fria, calculada, positivista.

Possuía ele recursos pecuniários para garantir a felicidade da sua união com Celina? Poderia proporcionar-lhe todos os cômodos de uma vida modesta?

Era a questão que se lhe apresentava implacavelmente desanimadora.

O seu ordenado não lhe fazia nutrir esperança alguma de prosperidade; cento e cinquenta mil réis mensais, que lhe eram de sobejo como solteiro, seriam insuficiente para obviar as dificuldades com que teria de lutar quando marido.

Encarado sob este ponto de vista, o seu casamento era irremediavelmente impossível, a menos que não quisesse arrastar a mulher que lhe confiava o futuro a uma vida cheia de privações e de desgostos.

Tal nunca faria.

Seria uma indignidade baixá-la das regiões em que tinha colocado para vê-la arrepende-se um dia de se ter ligado a um homem que não lhe podia dar uma felicidade perfeita e duradoura.

O moço não ignorava que o casamento traz consigo uma infinidade de pequeninas exigências, que só o dinheiro satisfaz.

Mas, como mudar de sorte, como trocar de posição, de que maneira levantar-se a altura de seus desejos? Era pobre; o seu modesto salário repartia-se com um velho amigo, seu pai, que alquebrado pelos anos e por uma vida demasiado laboriosa, muitas vezes era levado ao leito, sem forças, vergado ao peso de constantes fadigas.

De pessoa alguma podia esperar proteção; a si mesmo confessava a nenhuma vocação que tinha a vida mercantil, que fora obrigado a abraçar; por consequência considerava-se inapto para poder granjear fortuna por esse meio.

Que gênero de vida seguiria para formar as bases de um futuro sólido e garantido?

Nada podia fazer, nada!

Oh! Como ele revoltava-se contra a tirania de seu destino!

Poderia viver daquele amor ideal, puerilmente platônico, sem aspirar à posse daquela mulher que loucamente o fascinará? Poderia vê-la sempre, sem lhe ser dado estreitá-la um dia nos braços com o entusiasmo de amante, a adoração de esposo?

Que luta gigantesca travava-se naquele espírito! Que martírio despedaçava-lhe a alma!

Ante o poderoso obstáculo que se interpunha a realização de suas esperanças, tão estremecidas e tão caras, Jorge sentia-se profundamente abalado. A realidade esmagava-o com uma impassibilidade estóica e cruel.

Natureza nervosa e apreensiva, sem poder quebrar as cadeias que lhe recheavam os pulsos, o moço, em uma hora em que o abatimento de suas faculdades foi mais doloroso, sentiu passar-lhe na mente um pensamento sinistro: a ideia do suicídio...

Lembrou-se, porém de seu pai, de quem era único arrimo e que de certo não resistiria à tamanha desgraça... Cumpria-lhe ser homem... Era uma covardia indigna de si procurar na morte um lenitivo inútil.

Retemperou as suas forças na crença, e a fé deu-lhe inesperado conforto a tantos sofrimentos.

Compreendeu que só havia um partido a tomar: a resignação.

Álvaro notou no seu amigo visível transformação; indagou a causa de tanto abatimento; porém Jorge alegou simplesmente alguns ligeiros incômodos de saúde.

O caixeiro fingiu acreditá-lo; mas entendeu para si que o caso era grave e que devia empregar todos os esforços para arrancar o seu amigo daquela profunda prostração moral.

Percebeu que havia na existência de Jorge um recente mistério, que convinha desvendar para que a cura da enfermidade fosse radical e completa.

Tencionou espreitá-lo em todos os seus atos.

O poeta, porém, portava-se com tal artifício, temendo uma surpresa, que conseguia esconder o seu segredo a vigilância assídua de seu companheiro.

O fato de não comerem ambos no mesmo hotel, nem morarem na mesma rua, nem poderem a todo momento falar-se, contribuía para que Jorge guardasse o seu amor tão profundamente recolhido, que Álvaro, por maior que fosse a sua perspicácia, não poderia surpreendê-lo

Se Álvaro um dia soubesse!... Pensava o jovem namorado cheio de tímido receio.

De quanta ironia não seria ele assunto! Quantos epigramas não teria de ouvir! Quanta sátira pungente não lhe atravessaria o coração, cobrindo-o de ridículo, e profanado cruelmente a santidade pura, imaculada, de seu amor!

Este pensamento afligia-o singularmente.

Cumpria-lhe dissimular sempre, mostrar-se menos taciturno, rir com Álvaro das suas extravagâncias, acompanhá-lo a todos os passeios.

E quem sabe? Talvez aquela paixão infeliz pudesse ir desaparecendo como uma nuvem que o vento arrasta e some no horizonte... Talvez conseguisse esquecê-la...



## VII

Um domingo a tarde, saíram ambos a passeio, a cavalo, em direção ao Botafogo.

Álvaro, como sempre, encarregou-se de desenvolver uma loquacidade que causaria inveja a um deputado provinciano.

– O Jorge, sabes? Na quinta-feira à noite fui o herói de uma aventura toda romanesca e sentimental: recebi uma carta da Leonor, minha antiga namorada, que é hoje a amante do Bossio, aquele sujeito de bigode grisalho que faz de Tenor nas zarzuelas; a pequena pedia-me insistentemente que a fosse ver, a meia noite, hora em que se via só sem ter com quem trelar, fechada no seu primeiro andar, na rua da Quitanda! Faze ideia da insipidez em que vive a galante espanhola que teve o mau gosto de deixar-se levar por um homem que a encarcera entre quatro paredes quando sai! Aquilo é pior que o mouro de Veneza<sup>73</sup>, ciumento como um velho que é!

– Fica então a rapariga metida em uma fortaleza inexpugnável?

– Na opinião dele de certo; porém Leonor para libertar-se um pouco daquele predomínio brutal e faminto, mandou fazer uma chave falsa! Já vez que é uma mulher de espírito cheia de expedientes! Para te orientares completamente de todas as peripécias da minha historieta, começarás por ler o bilhete dela.

E tirando do bolso do fraque uma cartinha cor de rosa, crivada de uma letrinha fina, redonda e aprumada, passou-a para as mãos do moço dizendo-lhe:

– Não vale à pena criticar a ortografia; porém repara que a coisa está escrita em genuíno espanhol! Aí é que é o chique! Foi por causa do sotaque madrileno de Leonor que me senti arrastado para aquele abismo. Tanto pior para o Bossio!

Jorge fez andar o cavalo a passo, e leu:

Álvaro mio!

– Olá, começa logo por um “mio”!

– É que ela é amorosa como uma gata! Prossegue!

---

<sup>73</sup> Referência ao personagem Otelo, de Shakespeare.

“Bossio ha salido, dejando-me aqui emparedada. Por medio de esta llave podrás venir al sonido de las doze de la noche de hoy. Tengo mucho que decirte!... Rompe al momento este billete, amor mio.

Yo enviote una dezena de besos... Por Dios, no tardes! Hasta Luego!  
Tuya estremosa<sup>74</sup>

L.

– E foste?

–Boa dúvida! E eu então que morro por uma entrevista amorosa! Oh! Tu não fazes ideia das comoções que senti ao subir à escada, com passos ligeiros e leves, o coração saltitante, a respiração apresada, entre amor e o receio, desejando com frenesi ser enlaçado pelos braços da espanhola, e temendo... Uma coisa prosaica... Vais rir de certo!

– Temendo o que?

– A bengala do Bossio, aquela maldita bengala de ponteira de ferro e castão de chumbo! Aquilo é capaz de desancar um homem e mandá-lo de presente a eternidade!

– Mas sucedeu-te alguma?

– Nada, meu amigo! Tudo estava preparado às mil maravilhas! Subi lentamente à escada de Leonor, a meia noite em ponto, e num momento cai nos braços dela como nos de uma noiva! E ela estava tão formosa com seu roupão branco bordado a *soutache*, os cabelos soltos na espádua de uma alvura de jaspe, sorrindo tão maliciosamente! O Jorge, tu não avalias o que é que a gente entregar-se como um doido a uma paixão delirante, ocupar o lugar de um terceiro zeloso e egoísta, beijar uma mulher como quem beija uma relíquia! E depois é tão bom morder-se o fruto proibido, infringir-se um pouco as regras de etiqueta, quebrar o capricho de um tenor estúpido!... Devo dizer-te que o leito tinha um perfume de sândalo, um perfume todo nupcial; ostentavam-se nos travesseiros as mais bordadas fronhas; o linho dos lençóis

---

<sup>74</sup> O bilhete, escrito em espanhol, pode ser traduzido por: “Bossio já saiu, deixando-me aqui presa. Por meio dessa chave poderás vir ao som da meia-noite de hoje. Tenho muito que dizer-te... Rompe ao momento este bilhete, meu amor. Eu te envio uma dezena de beijos... Por Deus, não demore! Até logo! Tua estremosa L.”

era de uma frescura deliciosa e atraente; o cortinado fofo, alvíssimo, parecia feito de espuma; os nossos bustos abraçados, aos beijos, refletiam-se no grande espelho do toucador como sombras de Paulo e Virgínia<sup>75</sup>!

Jorge sentia-se vivamente impressionado com a descrição tão minuciosa da entrevista de Álvaro: escutava-o com curiosidade, com sofreguidão; como se necessitasse também de um colóquio assim, vivo animado, comovente!

Era uma profanação lembrar-se de Celina naquele momento; porém, apesar seu, lembrou-se; tinha-a ali, retratada na imaginação, e parecia-lhe vê-la desfalecida em seus braços, apaixonada e louca como Leonor!... É que ele amava-a também com todo o arrebatamento de um amor insensato!

Álvaro continuava.

– Garanto-te que Leonor é uma ótima mulher reúne ao bem proporcionado das formas um temperamento sanguíneo, cheio de transportes violentos: à braveza de leoa sabe juntar a meiguice de pomba. Quando se zanga é inexorável, capaz de fazer saltar os miolos de quem for objeto de seu rancor; porém quando a paixão a domina, quando o amor a subjuga, transforma-se em um ser ideal, admirável de sentimento como uma Consuelo! Às vezes, quando a vejo desfalecer em meus braços, em um delíquio amoroso, os olhos meio serrados e úmidos, a boca balbuciando frases desconexas<sup>76</sup>, chego a supor que sou perfeitamente um personagem dos romances de Alexandre Dumas<sup>77</sup>, um Antony, estreitando convulsivamente ao peito o corpo enlanguescido da mulher adúltera! Porém acabo o delírio representado o nosso drama, desço das regiões empíricas e continuo a ser prosaicamente Álvaro de Oliveira; empregado da casa Hailot & Cia! E aí tens meu rapaz, como eu compreendo a existência!

Jorge não pode deixar de acompanhar a hilaridade de seu amigo e riu-se com a melhor vontade da interessante aventura.

Palestrando agradavelmente; dirigiram-se ao Café Fluminense, no Botafogo, onde se foram refrescar da calma do dia.

---

<sup>75</sup> Personagens títulos do livro de Bernardim Saint-Pierre, famoso no século XIX.

<sup>76</sup> No original inconexas.

<sup>77</sup> Autor de diversas obras românticas famosos no século XIX, Antony é uma de suas peças teatrais.

Álvaro via com prazer que tinha conseguido desanuviar o semblante pensativo de seu amigo e o seu gênio galhofeiro tomou por isso maior desenvoltura.

De certo fatigaríamos a complacência do leitor que nos lê, se intentássemos descrever com minuciosidades todas as historietas contadas pelo espirituoso caixeiro naquela tarde, em que tomara sobre si a louvável tarefa de arrancar o seu amigo do abatimento em que o via.

À volta, para mudar de itinerário, concordaram em vir pelas Laranjeiras.

A tarde começa a declinar.

As leves tintas do crepúsculo, com a aproximação da noite, davam a paisagem um fundo melancólico.

O suavíssimo aroma que se desprendia das chácaras, saturava o ambiente e mergulhava a alma em um banho de perfumes.

Viam-se, voltando para a cidade, cavalgadas de ingleses vermelhos e suados, denunciando, no apuro das vestes, negociantes que tinham ido desafogar-se dos trabalhos da semana nos alegres passatempos daqueles pitorescos arrabaldes: na desfilada em que iam, perfeitamente arregimentados, deixavam atrás de si espessa nuvem de um pó fino e sufocador.

Não tardaram os moços a avistar uma graciosíssima chácara situada à margem da estrada e que se distinguia das outras pelo bom gosto que mostrava na disposição dos jardins e alamedas de cajueiros que se abriam em vastíssimas ruas.

Defronte do portão de ferro, guardado por dois leões de bronze, sentadas em um comprido banco de pedra, viam-se duas mulheres que se entretinham em uma conversação animada.

Álvaro, avistando-as inclinou-se na sela e disse baixo a Jorge, sorrindo-se maliciosamente:

– Prepara-te para cumprimentar a moça mais feia do Rio de Janeiro.

– Quem é?

– Ora quem há de ser? A célebre pensionista de Madame Arnisaud, a imortal Celina!

E Álvaro, mal contendo o riso, ao defrontar a moça, fez-lhe um irônico cumprimento; Jorge imitou-o, comovido da surpresa.

Celina sorriu-se retribuindo-lhes a delicadeza; e todo o sangue pareceu-lhe afluir ao rosto.

Jorge, sobressaltado com este inesperado encontro, compreendeu que era necessária toda a presença de espírito para não trair-se: resolveu submeter-se ao sacrifício enorme de acompanhar o seu amigo nos epigramas que a presença de Celina despertaria: tudo sofreria por ela!

Nunca Álvaro percebeu tanto espírito nos remos de Jorge como nessa tarde! A pobre educanda de Madame Arnisaud, se ouvisse um só dos epítetos com que seu namorado a criticava, desmaiaria de horror!

E, no entanto, o moço naquela comédia que era obrigado a representar aparentemente risonho e despreocupado, sentia despedaçar-se o coração!

Colocar em um altar o ídolo a quem dirigia as suas mais sinceras orações, incensá-lo ao fogo de seu amor; e ver-se obrigado a fazê-lo de ser depois, transpassado de injurias, cuspidado de ultrajes: era uma profanação satânica, um sacrilégio.

Quando chegou a casa e se viu só, atirou-se de bruços sobre o leito e chorou convulsivamente; as lágrimas remiram-no do monstruoso atentado.

Pela intensidade de seu sofrimento, compreendeu então que decididamente aquela mulher apossara-se de seu destino, e que não havia como fugir a desvairada fascinação em que se via em volto.

Qual era o futuro que os esperava?

Só Deus o sabia!

## VIII

O acaso encarregou-se de descortinar, aos olhos de Álvaro, o mistério em que se envolvia a alma de seu amigo.

Em certa ocasião, procurando não sabemos que objeto entre os papéis de Jorge na ausência deste, com pasmo deparou com um bilhete cor de rosa, bordado nas margens, tendo no alto as seguintes palavras: “A ti.”

Eram versos, versos sentimentais por certo, alguma banalidade amorosa, cheia de lirismo e tristeza. Como tantas que o poeta já havia dado a publicidade em pequenos jornais da capital, e que ninguém perdia tempo em reparar nelas! Leu com uma sofreguidão toda curiosa as seguintes quadras:

A ti Celina, a ti consagro inteiro  
Meu porvir de ilusões e de esperança!  
Entrego meu batel aventureiro  
Ao perfumado vento da bonança!

Que importa que a procela do destino  
Ao mar do meu viver levante as vagas;  
Se o teu olhar é astro peregrino,  
Se a minha vida de fulgor alagas?

Por entre as incertezas do futuro  
Eu sinto estranha luz tão fulgurante,  
Como ao longe o fanal sereno e puro  
Que mostra amigo porto ao navegante!

De meu ser no mais íntimo sacrário  
Tenho a tua alma levantado um culto,  
E vejo sempre, louco visionário,  
Por minha mente perpassar teu vulto!

Não suspeitas sequer o fogo ativo  
Da sincera paixão que me devora!  
Não saberás jamais qual o motivo  
Da funda palidez que me descora!

E a ti que consagro o meu futuro,  
Ó virginal Celina! Tu podias  
Lançar ao meu viver triste, obscuro  
Um dilúvio de eternas harmonias!

Mas não devo turbar-te a doce calma  
Com louca aspiração toda irrisória!

Guardarei no mais fundo de minha alma  
Está ardente paixão fatal, inglória!

A verdade era aquela! Jorge amava a pensionista da madame Arnisaud, amava Celina! Não havia como duvidar da veracidade do fato; ali estava a prova evidente!

O primeiro ímpeto de Álvaro foi soltar uma gargalhada e apoderar-se do papel para servisse de assunto a conversação que iria ter com o apaixonado poeta. Oh! Tinha descoberto o mistério; tudo estava explicado! O circunspecto Jorge, que parecia inacessível a todos os assaltos femininos, tinha-se afinal rendido! Mas o que fazia rir, o que parecia inacreditável, era ver quão pouco escrupuloso fora na escolha do objeto de seu amor! Desprezar todas as moças do Rio de Janeiro para amar Celina, a das sardas! Amar a Celina, a ponto de produzir versos cheios de lirismo e de metrificacão! Isto era um absurdo, uma extravagância só própria de um verdadeiro pândego! Quanto motivo de riso, quanta pilheria não diria a Jorge, felicitando-o pela brilhantíssima conquista!

E o caixeiro tornando a ler os versos, ria-se a bom rir daquela excentricidade!

Passados momentos, após a hilaridade sem saber por que, começou a refletir que caráter melindroso e suscetível de Jorge talvez se revoltasse com indignação contra o ridículo de que ia ser alvo.

Jorge que tudo lhe confiava, que tudo lhe dizia com mais franca sinceridade, tinha recalcado no coração aquele segredo, como quem esconde um tesouro; não desejaria certamente vê-lo devassado e muito menos escarnecido. Não, não abusaria da sua intimidade para cobrir de doestos<sup>78</sup> o sentimento profundo de que via possuído o seu companheiro de infância. Aquele amor tão intenso como ignorado incutia-lhe um sentimento de respeito: era uma coisa sagrada que cumpria não profanar com a rudez dos epigramas. Não é por meio da sátira veemente que se consegue desarraigar do coração o afeto divino que chamamos – primeiro amor. E era o primeiro amor, profundamente imaculado e santo, que envolvia o moço poeta no seu sendal<sup>79</sup> de estrelas! Aquela alma até ali saturada de provações e de vicissitudes

---

<sup>78</sup> Doestar significa injúria, insulto.

<sup>79</sup> Tipo de véu.

começava a banhar-se em uma luz esplendida: sentia-se viver, porque sentia que amava!

Álvaro, que dedicava ao seu amigo uma amizade verdadeiramente sincera, refletindo em tudo isso, mediu a profundidade do abismo em que o seu estouvamento iria desempenhar aquele espírito que começava expandir-se em tantos devaneios, e compadecido de Jorge, guardou o bilhete no lugar em que o tinha encontrado.

Desse dia em diante, não pronunciou mais uma palavra a respeito de Celina.

O caixeiro quis ser generoso assim para com o seu estremecido amigo de infância.

Permita-nos agora o leitor que, usando da nossa liberdade de romancista, invadamos por momentos o aposento de Celina, para sabermos o que pensa ela a respeito do nosso sentimental poeta.

A enamorada moça perdia-se em vãs conjecturas procurando avaliar o caráter de Jorge. O melancólico recolhimento em que sempre o via causava-lhe estranha apreensão.

Sentia pelo destino dele uma curiosidade compassiva e ao mesmo tempo dolorosa.

Dir-se-ia que a tristeza do inseparável companheiro de Álvaro refletia-se na sua alma como a imagem de um objeto na polida superfície de um espelho.

O contraste que ele formava dos rapazes de sua idade, afeitos aos exageros caprichos da moda, imerso nas paixões daquela moderna babilônia; ressaltava-lhe agradavelmente ao espírito; predispondo-a a simpatizar de uma maneira irresistível com o caráter de Jorge, por mais excêntrico que lhe parecesse.

Ocorria poderosamente para prenunciar-se assim o fato de viver ela quase sequestrada ao bulício da sociedade. Ao prazer das novidades atraentes, e a vida dissipada dos salões, onde muitas vezes se prostituem as mais sagradas crenças ao estourar do champanhe, entre as sonoras gargalhadas dos dândis orgásticos.

Celina, recatada e inexperiente, só conhecia a sociedade pelo que suas companheiras lhe diziam, compreendia que era um torvelinho de intrigas, nas quais pedia a Deus nunca se ver envolta.



Afeita, pois, a uma solidão pacífica e consoladora, a que se entregava com delícias, sentia-se misteriosamente inclinada para o amor de Jorge, cujo temperamento, predileções e desejos pareciam-lhe perfeitamente iguais aos seus.

Cora, uma de suas discípulas, a quem se havia afeiçoado de coração e para quem não tinha a mínima reserva, começou a notar no espírito de Celina uma abstração de todo fora de natural.

Às vezes uma nuvem de melancólico cismar entristecida profundamente o semblante de sua amiga, a ponto de vê-la quase chorar; outras vezes, porém, via-se apoderar-se de uma alegria expansiva, buliçosa, inquieta, e estas evidentes provas de perturbação moral excitavam-lhe em extremo a curiosidade.

Tinha, essa interessante colegial, jurado levantar a ponta do misterioso véu, que lhe escondia alguma coisa de novo e de inesperado, quando um incidente imprevisto descobriu-lhe a verdade.

## IX

Era uma manhã de domingo, fresca, impregnada de orvalho, alegre como não há muitas sob o ardente sol do Equador.

A atmosfera, de uma transparência suave, deixava ver ao longe as cordilheiras avultarem, como colossos enormes, na linha do horizonte.

As companheiras de Celina e de Cora haviam abandonado o colégio como um travesso bando de borboletas a procura de luz e de perfumes.

Cansadas da reclusão colegial, iam procurar nos carinhos da família a recompensa de uma semana de enfado e de trabalhos.

Felizes criaturas! Naquele dia conquistavam a sua liberdade, fugindo do ar frio e pesado do colégio, e das repreensões da diretora, rigorosamente austera.

Ficariam só as duas infortunadas crianças sentindo o amargo pungir daquela tristeza que lhes recordava os carinhosos desvelos da família que não tinham.

Só raras vezes saiam: Celina para a chácara de uma velha tia que morava, como já sabemos, nas Laranjeiras, e Cora para a casa do Dr. Castro Pinto, correspondente de seu pai; nesses dias em que se viam livres da monitoria do colégio, pareciam transformar-se em pássaros, corriam, cantavam, desejando talvez desprender as asas no infinito... Mas só de tempos a tempos podiam gozar de tanta felicidade. Resignavam-se a esperar.

E mais lhes doía ainda a solidão ao lembrar que suas companheiras naquele momento divertiam-se com as suas antigas conhecidas e com seus pequenos irmãos.

Partilhavam sempre do mesmo isolamento e por isso se simpatizavam aquelas duas almas habitualmente tão sós e tão doloridas.

Celina tinha-se ido sentar junto à janelinha do mirante, sentindo um desassossego, uma tristeza que quase a fazia chorar.

Eram 3 horas. Jorge não podia tardar. Só a presença dele, a quem amava com toda a energia de seu coração, podia desanuviar-lhe a funda melancolia.

Efetivamente, não tardou muito Jorge aparecesse a janela fronteira.

Um sorriso de inefável contentamento transpareceu nos lábios de Celina.

A fisionomia tomou aspecto de expansiva jovialidade, como se um raio de sol tivesse desfeito de momento as sombras de sua alma.

Que milagrosa transformação tem sempre o amor o dom de operar!

Toda entre a contemplação da imagem que fitava com amorosa avidez, indiferente a tudo que a cercava; nem se apercebeu da presença de Cora, que se havia ao acaso se aproximado da janela.

Jorge, ao avistar a amiga de Celina sentiu-se corrido de vergonha e afastou-se visivelmente contrariado.

– Bravos! Exclamou Cora rindo estrepitosamente. E eu que não ouvia o arrulhar dos pombos namorados! Magnífica surpresa, ótima descoberta! Ah! Ah! Ah! Quem havia de supor? A Celina!... A menina mais vergonhosa que tenho conhecido!... Mas isto é impossível, é um verdadeiro fenômeno! Um namorado! Tu teres um namorado! Nada, isto não pode ser! Ah! Lá está ele; foge todo envergonhado! Que timidez! Que candura! Eu vos abençôo, almas predestinadas! E tu, minha sonsa, não me dizias nada! Egoísta, não me

querias fazer confidente dos teus amores, como se eu não pudesse guardar um segredo! Ele já te pediu em casamento? Quando é o noivado? Quando? Fala, já agora me conta tudo! Quando começou o namorinho? Oh! Como me hei de rir amanhã! Querias ocultar-me a conquista? Pois bem, eu me vingarei denunciando tudo a Luiza, a Isabel e a Helena! Oh! Sim a Helena, essa te fará as contas!

E ria-se, ria-se com o melhor humor do mundo!

Celina estava como petrificada, a comoção de se ver surpreendida vendava-lhe até o uso da fala.

Sentia uma dor viva, profunda, dilacerante, transpassar-lhe o coração, e o esforço desesperado que empregava para reter o pranto aumentava-lhe mais o sofrimento mudo, silencioso... Por fim, não se pode dominar: as lágrimas represadas por momentos correram-lhe abundantes pelas faces... Torturava-a tanto aquela ironia de Cora!

Se outra que não ela, a quem considerava a sua amiga, ao surpreendê-la na inocente distração, a escarnecesse assim, Celina não se ofenderia tanto, talvez risse também para ocultar o sentimento que lhe havia nascido espontâneo no coração; porém Cora, a quem amava com enternecimento de irmã, a única companheira dentre tantas, a quem confiava todos os seus prazeres, todas as suas tristezas, todas as suas alegrias, ridicularizá-la de tal forma... Oh! Era demais!

– Como és cruel! Disse por fim com a fala cortada pelos soluços! Que mal te fiz para te merecer o ridículo com que me estas a ofender? Se eu te ocultava isto era... Nem eu sei mesmo por que era.

– Falta de confiança, Celina.

– Não, não era! Eu tinha medo que zombasse desta criancice que nasceu não sei como.

– E o que mais isso senão prova da pouca confiança que depositas na sua amiga? Amiga! Já o não sou; se o fora, não me esconderias esse pequeno segredo. Ingrata! Eu não te merecia isso. Surpreendi-te? Que queres? Não foi intenção minha roubar-te o prazer de contares os teus amores as nossas companheiras; a Isabel talvez; é a mais digna das tuas confidências. Pois bem; imagina que eu nada sei, nada vi. Lamento que acaso aqui me tivesse trazido; desculpa-me, disse a moça revestida de seriedade e indo retirar-se.

– Ó Cora, perdoa-me, perdoa-me! Exclamou Celina; e atirou-se chorando aos braços de sua amiga, sufocada por soluços, ferida pelo remorso do grande delito que tinha cometido, a pobre criança!

Cora sentiu-se comovida, compreendeu o motivo da emoção de sua amiga: era o seu primeiro amor, tímido, desconfiado, egoísta que lhe fazia derramar aquelas lágrimas...

Acariciou-a, pois com afetuosa ternura, e um beijo firmou a paz entre ambas.

Cora desculpou-a sinceramente porque sabia compreender que o primeiro afeto que nos visita a alma vive de si para si; concentra-se com as suas ilusões, com as suas esperanças, com os seus desejos caprichosos e loucos, como fugindo ao contato profano dos objetos exteriores: se oculta como a crisálida, até que um dia possa agitar em pleno azul as suas asas de borboletas.

– Não me peças perdão, Celina; nada tenho que te arguir. Fui eu a culpada; mas agora me arrependo da minha leviandade que tanto te ofendeu. Desculpa-me tu aquele gracejo foi uma criança. Se eu soubesse que tanto te magoava, acredita que seria menos cruel.

– Cora, minha boa amiga!

– Perdoas-me, não é verdade? Olha, eu quero-te muito, muito: estimo-te como se foras minha irmã. Dize que não estás zangada comigo.

– Não, não estou. Eu tinha tanta vergonha de confessar-te este amor!

– Vergonha! Pois não é natural teres um namorado? Quem há que o não tenha? Queres que sinceramente te diga uma coisa? Antes moça alguma o tivesse! O namorado, as mais das vezes, é uma criatura exigente, caprichosa, incomodativa até! Rouba-nos o sossego, a tranquilidade da alma, a paz do coração e quase sempre o sono! Faz-nos andar sempre em sobressaltos, em continua agitação! Bem vês que falo por experiência própria...

– Amas a alguém?

– Namoro simplesmente; é uma historiazinha que te contarei com todas as suas particularidades! Oh! Os namorados! Os namorados! Foram sempre o remorso vivo da nossa diretora! Porém, descansa que de ti ela nunca desconfiará; julga-te incapaz de deixares conquistar! Tu és afinal de contas uma ditosa criatura!

## X

Celina, cujo ânimo sua amiga já havia disposto favoravelmente, achava-se inclinada a contar-lhe tudo.

– Vamos agora entrar em explicações, já que as pazes estão feitas, disse-lhe Cora sorrindo, com os olhos brilhantes de curiosidade; senta-te a meu lado; mais perto... assim. Consulta bem o teu coração, só o coração, entendes? E dize-me como se faltasse a ti mesma. Sentes que o amas?

– Não sei.

– Adeus, já tu estas a mentir. Ninguém nos ouve; não deves ter acanhamento algum. Desde quando namoras?

– Vi-o uma manhã na igreja da Candelária, há dois meses. E há alguns dias vi-o passar nas Laranjeiras.

– E nunca mais o esqueceste?

– Nunca mais.

– Que sabes dele?

– Nada.

– Nem se gosta de ti?

– Nem isso.

– Então é um amor platônico, abstrato, ideal? Mas tu o estimas?

Celina não respondeu.

– Não te bate o coração quando o avistas, a imagem dele não te perturba o sono? Fala, diga! Olha que eu zango-me!

O mesmo silêncio.

A namorada de Jorge não pode deixar de sorrir-se da curiosa insistência.

– O que queres que eu te conte, Cora, se nada sei! Vi-o naquela manhã; depois ao passar nas Laranjeiras, e algumas vezes em uma das janelas do hotel em companhia de um rapaz que não conheço...

– De Álvaro, adiante.

– Sabes o seu nome?

– Quem não conhece aquele estouvado! É o companheiro inseparável de Jorge.

– Jorge?

– Sim, de Jorge! Querem ver que nem o nome lhe sabia? Ó divina ingenuidade! Vamos, prossegue.

– Depois, vejo-o todos os dias, a mesma hora, naquele mesmo lugar onde o avistaste.

– E nunca se falaram?

– Nunca.

– Nunca se escreveram?

– Estás doida? Isso é coisa que uma moça faça?

– Ah! Ah! Ah!

– Quem não te fez diretora de um recolhimento de freiras não sabe o que perdeu! Como isto é interessante! Então nunca se falaram, nunca se escreveram, nunca se apertaram as mãos? Não sabe se ele te ama e sentes-te apaixonada! Que coisa divertida!

– Mas eu não te disse que estava apaixonada!

– Há de ser mesmo muito preciso que m'ó digas! Pensas então que sou cega? Vou ser-te inteiramente franca. Há alguns dias para cá tenho notado em ti uma extraordinária mudança. As tuas habituais seriedade e circunspeção transformavam-se às vezes, repentinamente, em uma alegria tão fora do comum que imediatamente suspeitei a existência de um segredo. Vê lá se me enganei! Nada te dia para ter o belo gostinho de surpreender-te o mistério! Pobre Julieta, apanhei-te mesmo com olhos fitos nas faces pálidas de Romeu! Quando me arrependo de ter perturbado o silencioso colóquio, o namorado arrulho de duas pombas pousadas no peitoril de duas janelas fronteiras! E ninguém, ninguém suspeita a paixão destas duas criaturas que encontraram-se um dia a porta de uma igreja e logo compreenderam que Deus as havia aproximado para pertencerem-se uma a outra! A porta de uma igreja! Como isto é sentimental e romanesco! Mas não pode continuar assim é necessário descer um pouco desse idealismo. Sei que o amas; ele... Suponhamos, é um louco por ti...

– Cora!

– Não se assustes; bem vês que estou falando por suposição. Ele é um doido por ti; porem tímido com uma pomba; tu, isso então não se fala! De forma que se não houver uma intermediária que vos faça aproximar um do outro, são vocês capazes de levar nessa vida contemplativa até a consumação dos

séculos; confia-me plenos poderes e fica certa que hei de tratar da questão com toda diplomacia. Oh! Se hei-de!

– O que vais fazer, Cora?!

– Por enquanto, nada. Esperarei que os acontecimentos me auxiliem na empresa. Mas não tem aflijas por tão pouco! Não te darás mal com a minha proteção! Deixa o rapaz a minha conta e verás! E demais, esta vida do colégio é tão fria, tão monótona! Tu deves concordar que é absolutamente necessário ter a gente alguma coisa com que se distraia! A diretora é por demais vigilante e exigente, os livros enfadam, os professores aborrecem, o colégio todo transpira insipidez e tédio! Que horror, santo Deus, que horror!

Celina, admirada daquela loquacidade, ria-se com a mais expansiva disposição de espírito.

– Uma coisa, porém, me importuna, continuou Cora.

– Que é? Perguntou-lhe a amiga surpreendida do tom sério da moça.

– Aquele companheiro inseparável de Jorge!

– Não compreendo.

– É um endiabrado pelintra<sup>80</sup> que talvez se oponha aos meus planos.

– Pois ele é assim?

– Aquilo é o demônio, não é rapaz! Ah! Tu não o conheces! Se ele consegue descobrir o segredo, não respondo por Jorge!

Celina ficou visivelmente contrariada.

– Mas não te assuste continuou Cora, quanto mais porfiada for a luta mais glorioso será o triunfo.

– Mas o que sabes de Álvaro?

– A história dos seus primeiros amores, travessos e brejeiros como as heroínas dos romances do Macedo<sup>81</sup>.

– Então, casaram?

– Que lembrança!

– É que as heroínas desse autor nunca ficam solteiras.

– É um modo de dizer. Eulália porém se não casou-se com ele, não foi por sua vontade nem pela do pai! Álvaro é que lhe pregou mesmo! Oh! Que

---

<sup>80</sup> Pessoa pobre, com pretensão a exhibir-se e desejo de ostentação, pretensioso.

formidável logro! Foi uma lição de mestre! Fazia-lhe as confissões mais ternas e apaixonadas quando a encontrava nos bailes...

– Ah! Namoravam-se?

– Muitíssimo com todas as forças de sua alma! Vai ver como a paixão dele era ardentíssima!

– Fala seriamente!

– Seriamente.

– Encontro um não sei que de irônico nas tuas palavras...

– Escuta-me e verás.

## XI

– Álvaro é um estróina<sup>82</sup> como tu não podes imaginar.

O seu maior prazer é ter um infinito número de namoradas, balda de todo moço bonito.

Conta as conquistas pelos dias da semana; apenas consegue revolucionar o coração de uma pobre moça a que finge amar, abandona-a com a incrível indiferença e volta-se a procura de outra que lhe proporcione novas sensações.

Não há amor que o farte – É um abismo; sôfrego como a sede insaciável como a fome.

– Que gênio! Exclamou Celina muito admirada.

– Não creio que pratique tantas extravagâncias por espírito de maldade; conheço-o de perto e sei que tem uma alma tão generosa como volúvel! Vê se podes conciliar estes dois predicados! O que acho nele é um defeito de temperamento, uma natureza incompreensível, incapaz de sujeitar-se a uma análise! Álvaro e Eulália viram-se pela primeira vez uma noite, no S. Luiz. Olharam-se a princípio com indiferença, depois com interesse e mais tarde com amor.

Ela, lisonjeada em sua vaidade de namoradeira, findo o espetáculo, ao entrar no carro, deixou cair uma flor que prendia aos cabelos e que Álvaro apanhou rapidamente.

---

<sup>82</sup> Estróina é aquela pessoa boêmia.



Não penses que estou inventando todas estas minuciosidades, pois que as ouvi da própria boca de Eulália.

Depois, viam-se, encontravam-se, falavam-se nos passeios, nos teatros, nos bailes, até que ele, audaz como todos os namorados à exceção de Jorge, começou a frequentar a casa da moça, não sei sob que pretexto.

Para Álvaro todos os meios são bons contanto que possa com eles satisfazer os seus caprichos de dândi. As suas visitas à casa de Eulália não tardaram a ser o objeto das conversações entre as amigas da filha do comendador Cerqueira. Aplaudiam-lhe o arrojo, admiravam-no e tacitamente tinham até ciúmes dela. Houve mesmo uma que sinceramente o amava, sem que o moço suspeitasse sequer!

Pobre moça, murmurou Cora com recolhimento e tristeza.

– É nossa conhecida?

– Oh! Muito!

– Como chama?

– Estás hoje muito curiosa! É uma segunda história, que mais tarde te contarei. Vamos ao que importa.

– Porém noto que ficaste um pouco triste, disse Celina reparando na leve palidez que se denotava no semblante de sua amiga.

– É que esta segunda história podia ter consequências desagradáveis; mas não te dê isso cuidado; um dia saberás tudo. Como te dizia, Álvaro começou a frequentar assiduamente a casa do comendador Cerqueira e este a alimentar esperanças do próximo casamento da filha. Conto-te esta história com todas as minudências e com toda a fidelidade, porque, por esse tempo, como amiga íntima de Eulália, estava sempre a par de todos os acontecimentos. Em casa do bom do comendador, crédulo como todos eles, não se falava se não em casamento, coisa que, a meu ver, nunca passara pelo espírito de Álvaro!

– Então, que pretendia ele?, interrogou Celina surpreendida com observação de sua amiga.

– Eu sei! Divertir-se com a credulidade do pai e da filha!

– Realmente!

– Admiras-te! E outros? Lêem todos pela mesma cartilha, minha querida ingênua! Sou mais velha do que tu e tenho compreendido bem este assunto!

Não quero com isso dizer-te que duvides da sinceridade do teu namorado; Jorge parece um moço circunspecto; porém é bom que fiques prevenida a respeito dos Álváros que são inúmeros! Tenho para mim que o companheiro de Jorge fazia a corte à Eulália por achar nisso uma distração que não lhe era de todo desagradável. Ela, pobre tontinha! Acreditava-o apaixonado e perdido de amores por si, e ele divertia-se alimentando-lhe, cada vez mais, aquela inocentíssima ilusão! Pura comédia, minha Celina! O comendador Cerqueira (devo declarar-te que é o homem mais simplório do mundo) exultava com o prazer com a perspectiva de um ótimo marido para a filha que já começava a irritar-se com a ideia de ficar solteira.

O namoro progredia...

Por último, não se passava uma só noite sem que o companheiro de Jorge se apresentasse em casa de Eulália, onde era recebido com expansivas mostras de alegria.

Reuniam-se ali, ordinariamente, algumas famílias de intimidade. Os velhos jogavam prendas.

Bem agradáveis eram aqueles serões! Conservarei sempre deles bem gratas saudades! Era um rumor, um burburinho, de que não podes fazer ideia! As horas passavam-se com uma rapidez incrível!

Álvaro era, como bem deves supor, a alma daquelas reuniões. Contava histórias interessantes e tinha sempre pronta uma anedota espirituosa para cada dito. Muitas moças aplaudiam-no, e ele, encantado da predileção que mostravam por si, esquecia-se muitas vezes da presença de Eulália já lhe havia dado indiretas palpáveis acerca do desejado consórcio...

Começou Álvaro a espaçar as visitas até ali tão frequentes à casa do comendador.

A vista de tão insólito procedimento, uma suspeita importuna esvoaçou no espírito do velho, resolveu ir entender-se com Álvaro. As instâncias de Eulália foram.

Depois de confuso preâmbulo cheio de reticências que o moço conseguiu ouvir sem desfechar uma tremenda gargalhada, entrou na exposição do motivo que havia determinado semelhante conferência. Foi uma verdadeira comédia. A menina estava irresistivelmente apaixonada, dizia o pai, e se o

casamento não se realizasse com a precisa brevidade, muito receava pela saudade dela.

O moço opôs alguns embaraços; fez ver que só agora estava principiando a sua carreira, cheia de dificuldades e incertezas; pelo que nada podia definitivamente resolver, a menos que não quisesse embaraçar mais o seu futuro e o de Eulália, a quem amava com todas as forças de sua alma. Garantiu que as suas intenções eram as mais puras, que aquela união era o seu maior desejo, pois que via nela sua felicidade; afirmou sob palavra que desde que mudasse de posição, o que breve se realizaria, não espaçaria por mais tempo esse enlace que tão ardentemente ambicionava. Neste ponto teve o comendador uma luminosa ideia: propôs-se a remover todos os estorvos, aplanar todas as dificuldades, contanto que a coisa se abreviasse!

Álvaro, que não contava com esta lembrança, ficou aterrado! Quis ainda resistir; mas não pôde: seria uma grosseria recusar; resignou-se, e, aparentando alegria, declarou que aceitava a honrosa e delicada proposta.

O velho exultou de contentamento, atirou-se-lhe aos braços com um entusiasmo capaz de quebrar uma costela, e partiu a levar a grata notícia à filha. Ia radioso, tinha conseguido um triunfo!

– Mas como pudeste saber de todos estes pormenores?

– É que tudo que acabo de relatar-te foi contado pelo próprio Álvaro a uma prima que mora na Rua da Carioca, e que não tardou muito a fazer-me sabedora da ocorrência.

Daí a seis dias embarcava o namorado com o destino a Montevidéu, onde devia tratar de negócios pendentes à Casa Haillet & Cia, de que é empregado!

Vês? Partiu contentíssimo da peça que havia pregado ao comendador Cerqueira e a sua interessante filha! E ainda mais, para portar-se como um perfeito leão da moda enviou ao comendador uma carta, que Eulália mostrou-me toda banhada em lágrimas e que dizia pouco mais ou menos o seguinte:

“Parto obrigado por um motivo grave, uma circunstância imperiosa. Dizer-lhe que levo alojada de sua filha é um fato que já caiu no domínio público. Sigo para Montevidéu; Hei de um dia voltar; quando não sei, nem adivinho. Se D. Eulália a despeito do tempo e da distância, conservar-se fiel a minha louca paixão espero vir resgatar a palavra honrada que empenhei

naquela sempre memorável manhã! Não tive coragem para resistir às emoções da despedida, respeitável senhor. Deus não me fadou para as comoções violentas; tive receio de cair morto aos pés de sua adorável filha, a quem vossa senhoria dará de minha parte muitas lembranças!”

Aí tens termos em que o rapaz fez suas despedidas à noiva!

– Com que ironia zombou da pobre moça! Disse Celina revoltada contra a inconstância do caixeiro.

– Queres saber quando voltou ele de Montevidéu? Logo que Eulália, desenganada inteiramente dele, tinha se casado com um 2º oficial da secretaria do Ministério da Guerra. Aqui tens a razão por que receio muito Álvaro venha um dia a prejudicar os meus planos.

## XII

Devemos explicar ao leitor em que consistiam os planos concebidos pela interessante colegial para estreitar a simpatia dos dois namorados.

Como já dissemos, Cora ia às vezes à casa de seu correspondente, o Dr. Castro Pinto, com cuja família dava-se.

Sucedera que uma ocasião, indo a casa dele, encontrara Jorge que saía, tendo-se despedido de D. Rachel, mulher do doutor, com muita familiaridade.

– É seu parente?, perguntou Cora.

– Não, respondeu-lhe D. Rachel; é filho de uma pobre senhora que conheci em Angra dos Reis<sup>83</sup>, há sete anos quando o Castro foi ali juiz municipal. Morreu-me nos braços e pediu-me que velasse por seu único filho. Jorge então era uma criança de doze anos, meigo e dócil como ainda hoje. Trouxe-o para nossa companhia e o Castro, que gostava muito dele, colocou-o em um colégio, onde aprendeu o pouco que sabe.

Revelou desde logo muita aplicação ao estudo e bastante inteligência; porém éramos muito pobres para poder dar-lhe melhor educação. Está hoje

---

<sup>83</sup> Então um bairro carioca.

muito bem empregado em uma casa de comércio. Estimo-o com se fora meu filho. É uma pérola aquele rapaz.

Ora, frequentando Jorge a casa do Dr. Castro, podia naturalmente encontrar-se com a Celina em qualquer ocasião que Cora ali a levasse.

Fazê-los aproximar um do outro por esse meio e não deixá-los entregues ao acaso dos acontecimentos eram os planos da graciosa colegial.

Vejamos que meio empregou ela para conseguir o seu fim.

É certo que Jorge amava a inteligente discípula de madame Arnisaud e sentia-se amado, essa dupla satisfação bastava-lhe para considerar-se verdadeiramente feliz.

Tendo, porém, reparado que Celina por várias vezes lia à janela um pequeno jornal ilustrado, concebeu o desejo natural e ardentíssimo de colaborar para esse periódico... Queria ter a ventura de ser lido por ela um pensamento seu... Por esta forma poderia vagamente escrever-lhe sem que pessoa alguma suspeitasse. Escrever-lhe o quê? A coisa mais inofensiva do mundo: versos que ninguém leria, a não ser ela talvez!

Uma semana levou a ruminar esta ideia; ora considerava louca temeridade, estulta profanação, ir expor à luz da publicidade aquele afeto tão recatado e tão santo; ora ansiava por quebrar as cadeias que lhe tolhiam a imaginação de poeta e tencionava decididamente escrever-lhe.

Afinal a pequenina glória que desejava ter triunfou de todos os seus escrúpulos.

Publicou no *Mosquito* a poesia “A ti” de que demos notícia à página 45<sup>84</sup>, depois de lhe haver feito as seguintes modificações.

O primeiro verso da primeira quadra, em que aparece o nome dela, foi alterado convenientemente por: “A ti, donzela a ti consagro inteiro...” e o segundo verso da sexta quadra, pela mesma razão, foi mudado em: “Ó virginal criança! Tu podias...”.

Celina leu os versos, possuída de inefável alegria, compreendeu que se referiam a si e agradeceu-os ao autor em um sorriso cheio de felicidade...

---

<sup>84</sup> Na edição original, o poema consta realmente na página 45. Aqui, está no início do capítulo VIII.

Nunca escritor algum se sentiu mais lisonjeado do que o nosso lírico poeta ao receber aquele sorriso, que para ele tinha o inestimável valor de uma coroa de imarcescíveis louros!

Por maiores que fossem as cautelas guardadas por Celina para que as demais companheiras ignorassem as poéticas relações que mantinha com Jorge, não pode esconder aos olhos delas a amizade que votava ao simpático moço.

Os versos foram lidos, comentados e decorados por todas, especialmente por Helena que no colégio tinha foros de literata.

Os românticos amores dos dois namorados conseguiram dar às educandas de Madame Arnisaud extraordinária alegria.

Passados alguns dias, recebia o moço das mãos de alguém um bilhete assim concebido: “Pessoa que lhe é muito afeiçãoada pede-lhe ao obsequio de ir amanhã ao baile do Cassino. Gostei muito dos versos que publicou no *Mosquito*.”

Calcule o leitor o efeito extraordinário que estas linhas causaram no espírito de Jorge!

A princípio, julgou impossível semelhante fato se desse! Celina escrever-lhe! Ocupar-se dele tão pronunciadamente! Desejar que ele fosse ao Cassino, provavelmente para ter ocasião de conversar com ela! E além de tudo, elogiar-lhe os versos! Estava deslumbrado, nunca havia experimentado uma comoção semelhante.

Sentia que o seu amor ia passar por uma nova fase... Como recusar satisfazer ao desejo manifestado por ela? Para que desprezar a oportunidade de avaliar-lhe a inteligência e os dotes morais? Não havia outro partido a tomar, foi.

Obrigado ainda pelo egoísmo da sua paixão, que desejava encobrir aos olhos de todos, não manifestou a Álvaro a deliberação que havia tomado... Se tal fizesse, daria, sem dúvida, ao caixeiro o fio que o levasse a descobrir todo o seu segredo.

Antes tivesse o moço procedido com lealdade para com seu amigo...

Mas poderia Jorge prever o futuro?

### XIII

No decorrer do baile, sem que se afoitasse a dançar com a moça em quem resumia todo o seu futuro, resolveu ter a grande audácia de ir pedir uma quadrilha à Cora, para assim acostumar-se pouco e pouco a aproximar-se de sua namorada. A amiga de Celina, ao satisfazer-lhe o pedido, exultou de regozijo! Surtiam efeito todos os planos que tinha concebido!

Durante os passeios que precederam e sucederam à quadrilha, Cora soube de tal arte encaminhar a conversação que ela recaiu no ponto que deseja.

– É a primeira vez que vem ao Cassino, Sr. Jorge?

– É verdade, minha senhora. A minha vida tem sido de tal forma reconcentrada, que eu mesmo me admiro de poder ter a honra de dançar hoje aqui com vossa excelência. Até agora não sei como explicar semelhante milagre.

– D. Rachel me tem dito que o senhor sempre foi pouco amigo de distrações. Porém, quer saber de uma coisa? Sou capaz de adivinhar que imã conseguiu trazê-lo aqui.

–Oh! Estimarei imenso ser esclarecido nesse ponto!

–Não foi o seu amigo Álvaro.

– Não, por certo; não lhe participei coisa alguma. Foi uma deliberação que tomei, toda espontânea.

– Espontânea? E exatamente o que eu lhe vou contestar.

– Com muito prazer me darei por vencido se vossa excelência conseguir o seu fim.

– Quer então saber o que o trouxe aqui? Um bilhete de três linhas que recebeu ontem. Decifrei ou não o enigma?

– Realmente... Quer me parecer que tem razão. Mas então...

– Então é que eu sou amiga íntima de Celina e não temos segredo uma para a outra. O senhor não sabe que imenso prazer deu-lhe vindo ao baile! Há tanto que ela desejava esta felicidade! O senhor não se zanga com um procedimento que vou ter?

– De forma alguma, minha senhora.

– Por mais extravagante que seja?

– Pode ter certeza de que me não zango, disse Jorge, rindo-se da pueril insistência.

Finda a quadrilha, após o passeio pelo salão. Cora ainda pelo braço de Jorge, dirigiu-se para um grupo de senhoras.

O moço, ao divisar Celina entre elas, quis instintivamente recuar; porém já era tarde para o fazer, cumprimentou-a respeitosamente, e na perturbação em que estava, mal pode perceber estas palavras:

– Celina, aqui o Sr. Jorge deseja dançar contigo a quadrilha que se segue. Podes ceder-lhe a?

A namorada de Jorge corou vivamente, e murmurou sorrindo, baixando os olhos:

– Posso...

Momentos depois dançava Jorge com a moça que, por tanto tempo, o havia subjugado e prendido nas feiticeiras tramas do amor.

Descrever a comoção profunda que palpitou nos dois corações amantes, as ideias encontradas que tumultuaram na mente de ambos durante o tempo em que se viram juntos, aconchegados um ao outro, envoltos na mesma irradiação. Celestial é tarefa superior as forças do novel romancista.

O rubor que purpurizava a ambos como a duas crianças, o tremor das mãos quando se tocavam, o arroubamento dos olhares quando se surpreendiam, tudo denunciava a deliciosa perturbação que lhes ia na alma.

Foi um colóquio todo espiritual aquele.

O sentimento que alimentavam era de tal forma divino que não encontraram uma única palavra para exprimi-lo.

Olhavam-se com embevecimento e compreendiam-se. Que pensamento os preocupava? Nenhum talvez; gozavam a suprema de se verem em contato, e eram felizes assim. O que poderiam ambicionar mais?

Aquelas duas almas pareciam estar fora dos acanhados limites das regiões mundanas...

Sentiam-se em plena felicidade, ou como disse Stendhal<sup>85</sup> no seu curioso livro *De l'amour*, em plena cristalização.

---

<sup>85</sup> Referência ao autor francês (1783-1842), conhecido principalmente pela sua obra *O vermelho e o negro*.



Só um espírito materializado pelas preocupações positivas da ciência pode definir o amor com palavras cruéis de que usou Jouffroy nas suas *Melanges philosophiques*<sup>86</sup>: “L’individu d’un sexe plait à l’individu de l’autre par cela seul qu’il est d’un sexe différent; de là une passion bienveillante, qui a pour fin la conservation de l’espece, et qu’ on nomme amour”<sup>87</sup>.

Isto, com referência aos indivíduos de nossa espécie, desculpe-o o ilustre sábio francês, discípulo e êmulo de Royer-Collard<sup>88</sup> e de Cousin, quer-nos parecer um pouco baixo e degradante.

O que os dois jovens sentiam naquele momento estava muito longe de ser esse amor brutal e sensualista, que, ao apoderar-se do homem, fá-lo descer do pedestal em que Deus o colocou para nivelar-se torpemente ao ínfimo e racional.

O leitor, se alguma vez amou verdadeiramente, compreenderá a sublimidade do afeto que unia os extremos corações e que nós embalde temos tentado descrever em tantas páginas que aí ficam escritas, deslembrados de que não possuímos o talento de uma George Sand<sup>89</sup>.

A quadrilha expirou, despertando-os do sonho embriagador em que se viam; separam-se descontentes por terem perdido a preciosa ocasião em que tantas confidências poderiam ter feito, e felizes por se verem amados.

Jorge, antes de retirar-se, não pode deixar de ir agradecer a Cora a feliz ideia que pusera em prática a graciosa moça pediu-lhe, em retribuição, que fosse no dia seguinte a casa D. Rachel, porque desejava falar-lhe.

Jorge prometeu satisfazê-la com todo o prazer.

No dia seguinte à tarde, o moço, conforme prometera, apresentou-se em casa do Dr. Castro. D. Rachel mostrou-se admirada da visita de seu pupilo, visto que havia um mês que não lhe aparecia.

– Tu por aqui, Jorge? Que novidade foi esta, não me dirás? Supus que já tinhas morrido. Há tanto tempo não nos visitas!

– Os meus afazeres...

---

<sup>86</sup> Referência ao filósofo francês Théodore Simon Jouffroy (1796-1842), publicou no *Le Globe*, um artigo que se tornou célebre: *Como terminam os dogmas*.

<sup>87</sup> Trecho em francês que pode ser traduzido como: “O indivíduo agrada o indivíduo do sexo oposto, simplesmente porque é um sexo, é outra paixão de cuidar para esse fim de conservação das espécies e é chamado de amor.”

<sup>88</sup> Royer-Collard (1763-1845) é um político e filósofo francês, que atuou durante a Restauração de Bourbon (1814-1830).

<sup>89</sup> Pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin, escritora francesa (1804-1876).

- Não te desculpes, dize antes que já não te lembrava de nós.
- Pois acredita?...
- O teu procedimento autoriza...
- A que me considerem um ingrato, não é assim?
- Não direi tanto; porém, na verdade, tens mostrado ultimamente pouca simpatia para com as pessoas desta casa.

Se o Castro não me desse amiudadas vezes notícias tuas, acreditaria que te tivesses ausentado da Corte.

- Sem participar-lhe?
- Pois então?

– Que ideia forma de mim! Confesso que tenho procedido mal; porém, perdoa-me, não é verdade? Prometo que daqui em diante hei de ser mais assíduo.

– Sabes o que eu supunha às vezes? Que desses distraído com algum namorzinho... Mas, como confessas o delito, estás perdoado, com a condição de vires sempre aos domingos almoçar e jantar conosco.

- Comprometo-me a não faltar.

– E acertaste em vir hoje, Jorge; espero uma mocinha a quem pretendo apresentar-te. Hás de por força simpatizar com ela, por causa do gênio alegre e divertido.

- Como se chama?

D. Rachel não teve tempo de responder; nesse momento cessou à porta da rua o radar de um carro e pouco depois a campainha anunciava a visita esperada.

- É ela, exclamou a senhora, correndo a abrir a porta.

Jorge ficou na sala esperando com visível ansiedade.

Aquela visita não podia ser senão de Cora.

Que confidências teria a moça a fazer-lhe?

Um minuto depois sentiu o ruje-ruje de vestidos e viu assomar à porta da sala duas moças: Cora e Celina.

Jorge, admirado, surpreendido, estremeceu como sacudido por uma corrente elétrica...

Celina, que também não supunha encontrá-lo ali, perturbou-se visivelmente, foi-lhe necessário grande esforço para conseguir dominar o

constrangimento que naquela ocasião a dominava. Cora, reparando na comoção dos dois namorados, não pode deixar de sorrir-se da peça que lhes pregara.

D. Rachel, que de coisa alguma sabia, fez com a maior ingenuidade a apresentação das duas moças a Jorge...

#### XIV

Cora tratou depois de cientificar à senhora do doutor a amizade que existia entre os dois namorados, não se esquecendo de exaltar as qualidades de Celina, a quem considerava o modelo das amigas, contou mesmo a conversação que tivera com Jorge no Cassino; e manifestou-lhe o desejo de vê-los casados, se possível fosse.

D. Rachel louvou muito o interesse da moça em querer protegê-los assim, e prometeu auxiliá-la da melhor vontade no desempenho de tão agradável tarefa.

– E não me dizia nada aquele sonso! Como sabe fingir! Disse a senhora depois de se inteirar de todas as ocorrências.

No decorrer desse dia foram os dois jovens pouco e pouco se familiarizando a ponto de, após o jantar, folheando ambos um álbum de retratos na sala terem a seguinte conversação:

– Admirei-me muito de vê-lo ontem no Cassino.

– Foi só o cumprimento de um dever que ali me levou.

E calaram-se perturbados, sem saber como prosseguir a conversação.

Jorge animou-se a acrescentar:

– Se me permite, direi que não tinha razão para supor que eu faltasse.

– É que o senhor é tão reconcentrado...

– Mas isso de forma alguma impede que saiba cumprir as ordens que me são dadas.

– Ah! Disse ela distraída como não compreendendo o que queria ele dizer.

– Pois ignora de que ordem falo?, perguntou Jorge levemente contrariado da maneira fria e indiferente com que Celina o escutava.

– Sinceramente, não sei o que dizer.

– Tenha então a bondade de ler este bilhete, disse o moço passando para as mãos de Celina o pequeno escrito que na antevéspera tinha recebido.

Celina, após a leitura das três linhas, enrubesceu como se todo o sangue lhe refluísse às faces; restituiu o bilhete ao moço que lho exigiu e levantou-se para ir chamar Cora, quando esta, que a não perdia de vista, entreabriu o reposteiro e lançou-se nos braços rindo-se ruidosamente:

– Perdoa-me, Celina; perdoa-me, Sr. Jorge!

– Mas o que significa isto?, perguntou o moço admirado.

– Significa simplesmente que a pessoa que lhe escreveu o bilhete não foi a minha amiga, como o Sr. Jorge como o senhor supõe, fui eu!

Jorge, surpreendido, quis ainda duvidar, mas bem depressa se convenceu da mistificação de que fora objeto e não pode deixar de rir-se da lembrança. Celina, envergonhada pelo procedimento de Cora, chamou-a para perto de si.

O moço, que se tinha recostado no vão de uma janela, pode ouvir a conversação das duas amigas.

– Cora, que leviandade a tua! Escrever a um homem, e de mais a mais em meu nome! Que loucura!

– Pois censuras o meu procedimento?

– Censuro, sim, e muito. Devias ter-me consultado.

– Não sei para quê!

– Para que proibisse a ação que ias praticar.

– Falas seriamente, Celina?

– Seriamente.

– Não creio. Obedeces certamente a algum capricho. Queres amofinar-me. Bem sabes que não tive nessa resolução outro interesse que não fosse o de proporcionar-te alguns momentos de prazer.

Cora, assim falando, tornava-se cada vez mais séria, de ressentida com a exprobração que acabava de ouvir.

– Não sabia, continuou ela, que pondo em prática os planos de que te falei, desse motivo a tua recriminação. Acredita, Celina, que se eu previsse este resultado, se adivinhasse que o interesse que tomo pela tua felicidade merecia-te censura, nunca teria praticado a grande leviandade de que me

acusas. Mas, nesse caso, por que não me proibiste envolver-me nos teus amores? Serias mais coerente.

– És uma criança.

– Sim; nada me devia ter dito; poupavas o dissabor de presenciar tanta leviandade minha. Farei esforços para aproveitar a lição que me deste.

Jorge ouvia atentamente o diálogo, aparentando perfeita indiferença.

– Cora, disse Celina procurando desembarcar-se da situação difícil em que se via colocada, minha querida amiga, não tinha ideia de ofender-te; porém não posso aprovar o procedimento que tiveste escrevendo em meu nome um bilhete ao Sr. Jorge, porque creio que ele mesmo já me terá censurado e com razão.

– Perdão, minha senhora, disse o moço intervindo e dirigindo-se a Celina: o bilhete que supôs ter sido enviado pela senhora despertou em mim tanto alvoroço que, longe de tornar-se digno de censura, fez-me cumprir imediatamente o desejo que ali se manifestava e que eu considerava uma ordem, como a pouco lhe disse. Aquilo que a senhora qualifica de leviandade recebi como prova de que eu não lhe era inteiramente indiferente; foi uma suposição falsa, compreendo bem, e agradeço-lhe o ter-me agora desiludido.

E dirigindo-se à Cora:

– Em toda caso, devo à senhora os instantes de felicidade que intentou proporcionar-lhe o seu amável bilhete para que por suas próprias inutilize o ponto da discórdia.

E como D. Rachel tivesse vindo à sala naquele momento, Jorge com o coração despedaçado pela decepção que sofria, tomou o chapéu, e disse-lhe:

– Há de permitir que me retire já.

– Como vais embora?, perguntou a mulher do doutor surpreendida da brusca resolução. Que extravagância é esta? São apenas quatro horas!

– Porém lembro-me que tenho hoje muitos afazeres...

– Apesar de ser domingo?

– Certamente, vou responder algumas cartas para Pernambuco.

– Ora deixa isso para a noite. Então já te aborreceste das minhas amigas, em tão pouco tempo?

– Pelo amor de Deus, D. Rachel, não me julgue tão pouco dedicado... Sou-lhes muitíssimo grato pela afabilidade pouco delicado... Sinto infinitamente

não poder demorar-me por mais tempo para gozar tão agradável companhia. Minhas senhoras... Disse em seguida o moço cumprimentando-as com respeito. E retirou-se.

Cora dirigiu então á sua amiga um olhar que equivalia dizer-lhe:

– Vês o que fizeste?

– Mas o que quer dizer isto?, perguntou D. Rachel dirigindo-se às duas moças. Parece-me que o rapaz vai contrariado. O que sucedeu, D. Cora?

– A Celina, como me explica isto?

A moça nenhuma palavra pôde articular, envergonhada e arrependida do papel que havia feito, sentidíssima com a precipitada saída de Jorge, sentou-se, e, não podendo resistir à comoção que a agitava, começou a soluçar...

Cora então, sensibilizada com aquele sofrimento, teve pena dela, e depois de explicar toda a ocorrência à senhora do Doutor, procurou tranquilizá-la.

– Perdoa-me, disse-lhe Celina, enxugando as lágrimas; perdoa-me se te ofendi, minha querida amiga. Não te lembres mais do que te disse, eu é que fui a leviana em destruir a felicidade que tu me preparaste.

– Estás perdoada, querida amiga.

E abraçaram-se comovidas, firmando a amizade, na forma do costume, com um amoroso beijo.

## XV

Como ficaram ambos os namorados, após o inesperado incidente daquela tarde?

Jorge sentia-se oprimido com o que ouvira de Celina o procedimento dela, repreendendo a sua amiga por proporcionar-lhe ocasião de encontrar-se com ele por intermédio de um simples bilhete, fazia-o conceber a dolorosa ideia de que a moça não o amava.

– Hei de esquecê-la, pensava ele, hei de converter em fria indiferença este sentimento que a meu pesar me subjuga... É forçoso arrancar do coração esta comoção que me aflige... E como eu seria feliz se aquela mulher, por um momento, compreendesse a adoração que lhe consagro! Mas é uma criança, que não sabe avaliar este amor, rir-se-ia de mim talvez, se eu tivesse um dia a loucura de confessar-lhe que é tal a fascinação em que vivo, que chego a esquecer-me de Deus para só lembrar-me dela! Porém, compreendo que estão mortas as minhas fantasias todas, sei qual é o meu destino: devo esquecê-la!

Não voltou mais ao hotel da Rua da Misericórdia, donde costumava vê-la.

E Celina?

Depois do que se passara em casa de D. Rachel, a jovem sentiu grande mudança operar-se em si: o amor casto e ideal que concebera por Jorge tomava proporções de que ela própria se admirava.

Via-se constantemente em sonhos e, muitas vezes, acordava sobressaltada e trêmula, supondo tê-lo ao pé de si, de joelhos beijando-lhe as mãos com apaixonado transporte.

A sua fantasia, sempre ardente, desenhava-lhe os mais comoventes quadros de amor e de recriminação.

E que ela amava pela primeira vez, com todo o desvario dos dezessete anos, com todo o entusiasmo da imaginação exaltada, e só a custo podia conter a violência de seu temperamento.

As mulheres jovens e sanguíneas, quando se possuem de um sentimento forte como o amor, de tal forma impressionam-se pelo objeto que as fascina, que para obtê-lo seriam capazes de desprezar todas as

conveniências sociais se o natural pudor as não contivesse nos limites da honra.

Era impossível que tudo estivesse acabado para ela, e que não o visse mais. Seria tamanho o seu delito para que merecesse uma pena tão cruel?

Uma tarde estava ela e Cora, na janela do mirante, quando tiveram a seguinte conversação:

– Quanto me tenho arrependido do que fiz, minha amiga! Em um minuto destruí uma felicidade de tantos meses!... Como é ingrato aquele moço; nem procura ver-me!

– É porque supõe que tu não o ames.

– Antes nunca o tivesse amado tanto, murmurou a pobre moça com lágrimas na voz; não passaria pelo trance de ver-me agora desprezada por ele de uma maneira tão cruel. Sabes como eu interpreto o procedimento que ele, por sua vez, está tendo? Não procura ver-me porque não me tem verdadeira amizade.

Nesse momento trazem uma carta à Cora. Esta, após a rápida leitura, exclamou com alvoroço:

– Alvíssaras, alvíssaras! Estão feitas as pazes!

– O que queres dizer? Perguntou Celina em sobressalto.

– Lê isto!

Celina leu o seguinte:

Cora.

Mandei ontem chamar Jorge; veio; tivemos uma longa conversação a respeito do que houve aquela tarde. Compreendi que o rapaz ama sinceramente a sua amiga, porque, ao contar-lhe que ela, chorara de arrependida de tê-lo magoado, comoveu-se muitíssimo. Declarou-me que se sentia deveras arrependido de se ter mostrado tão susceptível naquela ocasião. Entendi que, se amando ambos extremosamente como presumo, não deviam por mais tempo martirizar um ao outro com insignificantes arrufos. Pode dizer à D. Celina que o melindroso rapaz deseja fazer as pazes no próximo domingo; por consequência, é preciso que ambas nesse dia cá venham jantar.

Rachel.



Celina, no auge de contentamento, abraçou à sua amiga com os olhos rasos de lágrimas...

la vê-lo enfim!

Era verdade o que a mulher do Dr. Castro mandara dizer a Cora.

Jorge, cuja existência andava atrozmente flagelada pelo doloroso pensamento de extinguir o seu grande amor, tendo sido interrogado por D. Rachel a respeito de Celina, tudo lhe confessara, desafogando o coração do peso que o oprimia.

Ao saber que a moça havia chorado de arrependimento, sentiu um abalo profundo transformar todos os seus planos de vingança, e, cego pela paixão, não opôs relutância em manifestar à D. Rachel o ardentíssimo desejo de uma entrevista com Celina.

Reacenderam-se no peito as chamas que procurara abafar, e mais uma vez certificou-se de que o seu destino estava fatalmente ligado ao daquela mulher, cuja imagem intentara debalde arrancar do coração.

Ela amava-o; tinha Jorge exuberantes provas disso, restava saber se era com a mesma exaltação, com o mesmo delírio que o arrebatava.

Após o jantar em casa de D. Rachel, esta e Cora, disfarçadamente tinham-se afastado para o interior, deixando a Jorge e Celina ocasião de reconciliarem-se.

Estavam ambos na sala, o constrangimento em que se viam obrigava-os a um silêncio acanhado e recolhido.

Jorge foi o primeiro a encetar a conversação:

– A senhora sem dúvida reparou na maneira pouco delicada com que me despedi à primeira vez que aqui nos encontramos.

– Teve razão de proceder assim, a minha leviandade merecia o castigo que me infringiu.

– Então, confessa-se arrependida?

– Confesso-me sim, e com muito prazer, porque, a julgar pela impressão que o meu procedimento causou-lhe...

– Amo-a, não é assim?, interrompeu Jorge com arrebatamento. Amo-a com a louca veemência de uma paixão que embriaga. E tenho a ventura de ler no rubor de suas faces, na agitação que a sobressalta que me ama, um afeto

igual ao meu, tem compreendido que não podemos viver indiferentes um para o outro? Oh! D. Celina, diga-me uma só palavra!

– Não o posso negar: amo-o, Sr. Jorge.

– Obrigado, Celina! Exclamou o moço desvairado de alegria e tomando-lhe uma das mãos que ela não retraindo. Deixa que eu te fale assim; é esta a linguagem que me salta do coração aos lábios; é minha alma que se enlaçasse à tua em um amplexo divino. Devo dizer-te tudo... Desde que a tua imagem povoa os meus olhos, tenho tentado, em uma luta desesperada, esquecer-te para não arrastar-te um dia aos martírios do meu destino; mas debalde! Vejo-me cada vez mais fascinado por ti, mais cego deste amor sem poder fugir à sedução com que me prendes!

Na exaltação com que eram ditas estas palavras, Jorge comprimia com força as mãos de Celina, que enleada, surpreendida, parecia entre uma doce embriaguez.

Nunca suspeitou ela que, sob a aparência gélida do mancebo, se ocultasse um coração tão entusiasta, uma alma tão cheia de apaixonada energia.

Sem poder explicar o que sentia, foi pouco e pouco se deixando arrastar por aquela vertigem, e quando Jorge, pela segunda vez, perguntou-lhe se verdadeiramente o amava, fitou no mancebo um olhar em que transluzia delírio, e, comovida, apertando-lhe as mãos, exclamou, em um anseio febril:

– Amo-te, pertenco-te, sou tua, idolatrado Jorge!

O moço, cheio de louco transporte, enlaçou-a então pela cintura, e beijou-a apaixonada e freneticamente nos lábios.

Estavam ligadas para sempre aquelas duas almas, só Deus as poderia desunir interpondo a morte entre ambas.

## XVI

Encontravam-se os nossos namorados quase todos os domingos em casa de D. Rachel e conversavam longamente acerca do futuro.

Para orientarmos o leitor do que ordinariamente se passava nessas apaixonadas entrevistas, descrevermos, quando tiveram a seguinte conversação.

Abramos um parêntese: não se admire o leitor do procedimento de D. Rachel deixando entregues a si mesmos os dois jovens. A muita intimidade que tinha com Jorge habilitara-a a considerá-lo um moço honesto e ponderoso, incapaz de praticar inconveniência alguma digna de censura; conhecia também Celina e julgava-a uma menina recatada e circunspecta, com suficiente bom senso para resistir a toda espécie de sedução menos decorosa que por ventura lhe fosse proposta. Nada, pois, havia a temer das entrevistas de ambos. De mais, Jorge tivera já a franqueza de comunicar-lhe o amor profundo que votava à moça, a quem desejava ardente esposar; contara-lhe todos os seus projetos, todas as economias que fazia para realizar o casamento dentro do prazo de um ano. Eram noivos. Lembrava-se a boa senhora que eles passavam por aquela luminosa fase da vida, que parece desprender-nos a um mundo superior, todo cheio de comoções e de arrebatamentos. Deixava-os saborear com tranquilidade toda a sua ventura, porque sabia, por experiência, que após o casamento, a vida é inteiramente outra, complicada de afazeres domésticos, atribulada às dificuldades e sempre agitada pelo o trabalho cotidiano. Casada com o Dr. Castro, havia quinze anos, não poderá ainda acostumar-se aos hábitos de seu marido, a quem deveras amava, um profundo pesar entristecia D. Rachel era não vê-lo sempre perto de si, entretendo-se em conversações familiares; o magistrado, habitualmente, só demorava-se em casa o tempo necessário para alimentar-se e para dormir; como promotor público, advogado e político extremado, entregava-se todo a mil ocupações que forçosamente o arredavam do lar.

Às vezes, quando D. Rachel os via entretidos em uma conversação íntima, intercalada de significativas reticências, murmurada baixinho com a confiança de um segredo, recordava-se com saudade do tempo em que

também vivera envolta naquela atmosfera de ilusões, e por isso, só a custo é que ia arrancá-los do embevecimento amoroso.

Julgando ter justificado o procedimento da mulher do Dr. Castro, prosseguimos a nossa história.

Os dois amantes, tal como Bernardin de Saint-Pierre<sup>90</sup> os teria imaginado num graciosíssimo grupo, pareciam estranhos a tudo que os rodeava. Por aquele ambiente suavemente tépido, impregnado de um perfume brando e delicado, pairavam os dois espíritos amantíssimos, estreitados em um simpático amplexo... Estavam em pleno idílio!

Jorge, estreitamente aconchegado a sua noiva, comprimia-lhe as mãos com amoroso transporte, repetindo-lhe as mais doces frases que só a paixão inspira.

Ela, rapidamente de amor e de alegria, sentia no peito o coração pulsar com alvoroço e as faces abrasadas em uma deliciosa febre...

– Como te adoro, Celina!, dizia-lhe o moço com voz trêmula. Nestes momentos de febre e de vertigem, perdoa-me a profanação, acode-me o louco desejo de me perder contigo! Esta paixão veemente absorve-me todas as faculdades! Não tenho outra vontade que não seja a tua, outra ambição se não a de possuir-te! Oh! Meu querido amor, que seria de mim se um dia pudesses esquecer-me?

– Esquecer-te, eu, Jorge? Pois não vês que a minha vida concentra-se na tua, que me tens presa como escrava, submissa ao domínio da tua vontade?

– Amas-me então com toda loucura de uma paixão sem limites?

– Jorge! Meu idolatrado noivo! Não sei o que sinto! Oh! O teu amor seria uma fatalidade para mim se um dia quisesses da fascinação que sobre mim exerces! Sim, para que negá-lo? Calcaria aos pés todos os deveres afrontaria todos os ultrajes da maledicência para seguir-te! Que me importava à sociedade, os deveres da família, os preconceitos, se a minha única ventura, se todo o meu desejo é viver de ti e para ti somente? Tudo me seria estranho! Em ti resumo família, amor, aspirações, és o meu presente e o meu futuro, a

---

<sup>90</sup> Escritor francês (1737-1814), autor do romance *Paulo e Virgínia*, publicado originalmente em 1787.

alegria da minha alma, a felicidade da minha vida! É assim que eu te amo, Jorge, é com todo esse desvairamento, meu querido amor!

E alucinada pela paixão apertava convulsivamente as mãos do moço, como se temesse perdê-lo...

– Não me enlouqueças assim!, balbuciava o moço comovidíssimo com a veemência das palavras que acaba de ouvir.

– Sim, Jorge, meu extremoso amante, sinto-me com forças para seguir-te por toda a parte! Serei sempre dócil a todos os teus caprichos, à tua vontade, aos teus menores desejos; mas não me abandones nunca! Nunca! Murmurava com voz chorosa eu morreria de desesperação!

– Criança! Deixar-te, eu? Eu que te adoro com toda a energia de minha alma, que não tenho um pensamento que não se prenda a ti? Bem vês que é absolutamente impossível! Se eu de alguma forma te perdesse, quem te substituiria? Onde encontrar uma alma generosa e apaixonada que preenchesse o vácuo que me deixarias no coração? Oh! Não devemos pensar nisso.

– Dizes bem Jorge, não devemos martirizar-nos com tão extravagantes apreensões, nunca elas poderão realizar-se. Amas-me e eu saberei corresponder com intensidade ao teu afeto, nunca te serei perjura; ofenderia ao próprio Deus que nos vê se um dia te pudesse ser infiel! Como seremos felizes, Jorge! Hão de correr suaves e tranquilos os dias de felicidade que nos esperam. E como eu desejo o momento delicioso em que possa chamar-te: meu marido! Meu esposo! Apertando-te idolatradamente nos braços!

Celina, pronunciando estas palavras, tinha as faces incendiadas de rubor, os seios túmidos e ofegantes, olhos úmidos e voluptuosos... Comprimiu com força a mão do noivo que tinha entre as suas, fitou-o com enlevo, com adoração, e, sedento a um louco transporte, atirou-se-lhe aos braços, exclamando:

–Oh!... Deixa-me beijar-te!

Um murmúrio vago e prolongado, semelhante à veia d'água que se deslize sobre um leito de pedras, fez-se ouvir depois... Era a música dos beijos, solenizando o enlace das duas almas!

## XVII

Dias depois se encontraram os dois amigos e tiveram a seguinte conversação:

– Ó Álvaro, sabes? Fui ao último baile do Cassino, pela primeira vez.

– O que me dizes?!

– É exato.

– Andas então com algum namoro?

– Não; o Joaquim [era o nome do guarda-livros da casa] convidou-me para que fosse, dizendo que o baile estava soberbo e que eu precisava distrair-me. Opôs-lhe alguma resistência; mas afinal o demônio venceu; arrastou-me para lá.

– E gostaste?

– Queres que te fale com franqueza? Achei aquilo insípido.

– Pois enquanto tu te aborrecias entre a aristocracia Fluminense, divertia-me eu em um esplendido sarau em casa do desembargador Urbano Freire. Lá encontrei inesperadamente a viúva Amélia, e por consequência nadei em um mar de rosas. Foi uma verdadeira surpresa! Nunca ela disse que entretinha relações com a família do desembargador. Dançamos escandalosamente. Nas valsas inglesas ela apertava-me com tanto vigor ao seio, que quase perdíamos a respiração. É uma organização aquela!...

– Mas não me contaste ainda detalhadamente a história dessa conquista. Sei somente que te apaixonaste por ela, ou ela por ti, em Niterói.

– Emendaste bem, ela por mim. Vou contar-te tudo em duas palavras. Como sabes, há um mês fui à cidade vizinha a cobranças. Sempre que se passava pela porta da simpática viúva, e tinha o prazer de cumprimentá-la (como faço sempre a todas as moças bonitas), notava que ela me dirigia olhares e sorrisos um pouco significativos. Compreendi logo que desejava que eu lhe fizesse a corte... Não sei se tens notado que eu nesta matéria sou um pouco perspicaz...

– Muitíssimo!

– Pois bem, correspondi a todos os sinais de simpatia com imensa delicadeza, como se estivesse completamente alucinado, cheguei mesmo a tornar-me audaz; escrevi-lhe um bilhete eloquente, cheio de pontos de

admiração, descrevendo uma paixão sincera e ao mesmo tempo desalentada pela incerteza... D. Amélia respondeu-me imediatamente com muitos erros de ortografia e péssima letra, dizendo que eu não tinha razão alguma para desaminar, visto que ela simpatizava muito comigo! Fiquei doido de alegria! Estava ganha a vitória! Afinal de contas, consentiu em ceder-me uma entrevista! Ah! Ah! Ah! Lembro-me como se fosse ontem! Era num sábado; à meia noite, quando em S. Domingo não havia um só vivente acordado, a não ser eu ela, fui recebido com todo mistério... A viúva, que é grande apreciadora dos romances de Ponson Du Terrail<sup>91</sup>, tinha trajado um vestido de veludo preto demasiado decotado, fazendo sobressair divinamente à alvura de uns ombros de alabastro. Parecia uma princesa da corte de Luiz XIV, Jorge, só faltava-lhe o cabelo empoadado! Depois de haveremos saboreado uma ligeira refeição, entregamo-nos a toda efusão do nosso amor. Aconchegada a mim, na mais suave intimidade, falou-me. D. Amélia nas delicias do casamento, desenhou-me a felicidade conjugal com as suas cores mais vivas, e pediu-me depois, chorosa, que fizesse feliz pelo matrimônio. Estive a ponto de comover-me! A uma dúvida que apresentei, declarou-me que possuía haveres que nos garantiam perfeita tranquilidade. Prometi anuir a todos os seus desejos, e confessei-me loucamente fascinado pela sua beleza. Graças a alguns cálices de excelente Madeira, consegui desenvolver uma verbosidade apaixonada e patética, sentia-me fora de mim mesmo, embriagado de amor e de vinho, com as faces abrasadas de extraordinário calor, as mãos ardendo em febre! Falava como um Demóstenes! Pudera! A viúva não estava menos comovida, a languidez do olhar e os lábios rubros como uma romã denunciavam que não era só a paixão que a sobreexcitava naquela ocasião; mas também o delicioso sumo da uva! Em conclusão, meu Jorge, no dia seguinte acordei-me amante da viúva Amélia!

– E a tua promessa de casamento?

–Tens às vezes lembranças! Hei de então trocar esta vida despreocupada e aventureira pela tremenda responsabilidade de marido, numa época destas e no Rio Janeiro? E se a viúva, depois de casada comigo, tivesse o natural desejo de distrair-se um dia?

---

<sup>91</sup> Pierre-Alexis Ponson du Terrail (1829-1871), escritor francês do famoso folhetim *As Proezas de Rocambole*.

- Com o amor que diz ter talvez nunca o fizesse...
  - Não quero tentar a experiência! Sei perfeitamente o que são as mulheres: amorosas, apaixonadas, mas um pouquinho hipócritas... Adeus!
- E separaram-se rindo.

## XVIII

Alguns meses decorreram.

Jorge continuava a frequentar a casa de D. Rachel, onde encontrava às vezes ao domingo, a inteligente colegial a quem amava.

Com pequenas variantes reproduziam-se as mesmas cenas descritas nos capítulos antecedentes em relação às suas entrevistas. Como, porém, nem sempre podiam encontrar-se como desejavam, tinham adotado o expediente de todos os namorados: escreviam-se, ao principio tímidos bilhetes, ligeiramente traçados, a lápis alguns; porém bem depressa se foi estabelecendo grande familiaridade e confiança, a ponto de dirigirem-se extensas e apaixonadas cartas, tais havia que perfaziam cadernos de papel! Nem se esqueceram de mutuamente mimosear-se com retratos, flores, fitas, madeixas de cabelo, lembranças dedicadas e misteriosas, lenços bordados... Assim viviam entregues a mil devaneios, suspensos entre o céu e a terra como o túmulo de Maomé, quando um acontecimento veio alterar um pouco a felicidade dos dois noivos.

O moço devia ir a Pernambuco, pois fora encarregado de liquidar contas entre a casa de seus patrões e a dos negociantes Graça & cunha, estabelecidos no Recife.

Não se entristeceu com este incidente porque o animava a esperança de, conseguindo bom êxito nas transações, auferir lucro que o compensasse da penosa viagem e do doloroso apartamento em que se ia ver de sua noiva; o gerente da casa, confiando no seu zelo e inteligência, prometera-lhe a gratificação de dois contos de réis logo que a sua comissão fosse finda.

Mediante essa quantia poderia fazer face às primeiras despesas de seu casamento sem dificuldade alguma, e este pensamento alegrava-o em extremo.



Acostumado à mediania, não era exigente de confortos e comodidades, não despenderia um real que não lhe trouxesse proveito prático e útil.

No dia da partida, Celina achava-se em casa de D. Rachel, aí foram feitas as despedidas entre lágrimas e beijos, firmando-se os mais sinceros protestos de fidelidade e de amor.

É dessa interessante cena que trata o primeiro capítulo de nosso romance.

Jorge partiu, pois para Pernambuco com a alma cheia de saudade e de esperança.

Depois de cinco dias de viagem chegou ao Recife, e, conforme prometera à Celina, o seu primeiro cuidado foi escrever-lhe uma longa carta, relatando-lhe as impressões que a ausência dela lhe causava.

Dizia-lhe:

Querida noiva.

Há seis dias que te não vejo, Celina, e mal podes avaliar o meu desassossego durante esta longa ausência que já me parece eterna! Oh! Quanto me é penosa esta separação; como são longos os dias, monótonos e enfadonhos, distante do ente que adoramos!

Tu sentirás também esta tristeza que me aperta angustiosamente o coração? Estarás neste momento a recordar os instantes felizes que passei contigo? Pensaras no teu noivo? Quero persuadir-me que sim. Este pensamento é como um raio de felicidade no triste isolamento em que me sinto.

Tudo me enfada e me contrista. Nem o prazer da novidade tem ligeiramente quebrando a adorada memória de teu nome.

Aquele beijo ardente, longo, indefinido, que me deste no derradeiro instante da partida, ainda o sinto nos meus lábios e senti-lo-ei até ao último trance da existência!

Há memórias inapagáveis que o tempo e o infortúnio não conseguem enfraquecer sequer.

Oh! Que ventura aquela, meu querido amor, minha idolatrada noiva! Era como que um delírio! Tu comprimias-me arrebatadamente ao seio febricitante, a tua voz era abafada e trêmula, a face desmaiada pela intensidade da dor

dominava-te uma emoção sincera e profunda. Parecia-me ver instante em que te sentiria desmaiar nos teus braços...

Foi então que, cedendo a um desejo louco, os nossos lábios se tocaram... Oh! Delicioso momento! Horas inteiras me demoro a recordá-lo num embevecimento de íntima consolação!

E tu, lembras-te sempre desse saudoso dia?

Vou contar-te um sonho que tive ontem.

Sonhei que uma noite estávamos na Candelária assistindo a uma grande festa. De repente chegou-se para mim um padre, colocou-se a meu lado e começou a ler a ler orações em um livro que trazia, não podia saber o que significava aquilo; ia perguntá-lo a alguém, quando te vi ao pé de mim, toda risonha, vestida de branco e cingida a frente de flores de laranjeira. Foi então que reparei que eu próprio estava também vestido de noivo! Casamo-nos e atravessamos depois a grande multidão de povo que enchia a igreja; todos os olhares estavam fitos em nós, invejando a nossa felicidade! Embarcamos em um carro com intenção de gozar a nossa ventura na chácara de tua tia, nas Laranjeiras. Eu considerava-me tão feliz que supunha enlouquecer. Mas, que fatalidade! Ao dar-te o primeiro beijo de marido, esse beijo que tanto ambicionarias, acordei-me, contrariadíssimo por não ter continuado a sonhar.

Se tudo isto se realizasse!

Tenho fé em Deus que sim.

Alegra-me a esperança de que em breve estarei contigo e para nunca mais, oh! Para nunca mais deixar-te!

Que feliz existência nos aguarda, que futuro modesto, mas tranquilo, nos espera!

Como eu anseio o momento em que te apertarei ao seio, doido de felicidade, chamando-te minha idolatrada esposa! Minha esposa!

E quem me diz que isso não é um sonho, uma ilusão, uma formosa mentira como tantas que nos douram a existência na quadra feliz da nossa juventude?

Mas não; se assim fosse...

Oh! Não devo pensar em semelhante fatalidade!

Adeus, minha adorada noiva; pensa muito no teu idolatrado

Jorge.

Dias depois, recebia, cheio de contentamento, a seguinte resposta.

Antes, porém, de apresentarmos a carta da noiva do moço poeta, devemos prevenir o leitor de que essa peça literária, como tantas outras que exibiremos, nada tem de invenção nossa. Se o estilo não lhe agrada por ser n'alguns pontos sedição, e cheio de lugares comuns em outros, só deverá pedir contas disso à autora, que, em sua defesa, alegará que nunca aspirou aos foros de literata com Madame de Sevigné<sup>92</sup> nem jamais sonhou poder alguma de suas missivas ver um dia a luz da publicidade.

A necessidade de sermos em tudo fiel, força-nos a dar inserção a epístola sem lhe alterarmos uma vírgula.

Como é muito possível que um exemplar da presente obra vá ter às mãos da heroína dela, Celina não poderá protestar contra a autenticidade de seus escritos, tal é a maneira com que pretendemos reproduzir as suas amorosas cartas.

Que nos revele a temeridade.

## XIX

Meu querido Jorge. Foi possuída de imenso júbilo, que recebi a tua carta datada de Pernambuco. Não esperava receber notícias tuas com tanta brevidade: fiquei surpreendidíssima com o recebimento dela. Se pudesses avaliar a alegria que me causaste! Sabes que horas são, queridinho? Está dando neste momento meia noite. Só agora pude principiar a escrever-te e pretendo alongar-me bastante.

Todas no colégio estão dormindo; só eu velo, com o coração cheio de saudades tuas.

Nunca supus poder de tal modo impressionar-me por um moço a ponto de me ser difícil conciliar o sono, tudo por teu respeito, meu invejável noivo!

Quando virmos realizado aquele sonho que me constaste, quando podermos viver um para o outro, a nossa ventura então será inteiramente completa!

---

<sup>92</sup> Marquesa de Sevigné cuja principal obra é composta pelas suas próprias cartas que foram publicadas sob o título de *Memórias* em 1696.

Ah! Meu Jorge, não se passa um só dia sem que eu peça a Deus que nos proteja, e tenho tanta fé que as minhas súplicas sejam ouvidas como não imaginas. E tu tens também muita esperança, meu amor? Tenhamos sim! Havemos de trabalhar muito para o nosso futuro; sinto-me com forças para tudo, contanto que a tua amizade nunca me falte. Viveremos modestamente e muitos invejarão a nossa felicidade.

É certo que não pretendes demorar-te muito.

Estas já tardando tanto!

Lembras-te ainda daquela tarde em que estivemos por muito tempo no jardim. Com as mãos enlaçadas, falando do nosso amor?

Vem, meu amado noivo, para que se reproduzam as cenas daquelas daquele dia feliz, cuja lembrança tenho religiosamente gravada no coração.

Que dia, meu doce amigo! ... Foi uma loucura...

Disse-te as maiores inconveniências; e hoje quase me arrependo de tanta leviandade...

Ainda experimento as emoções daqueles momentos... Sinto ainda o calor dos teus lábios úmidos aos meus; tudo, tudo vejo como naquele ditoso dia!...

Só o que não posso sentir mais é a alegria desses momentos porque tu naquele ditoso dia!...

Só o que não posso sentir mais é a alegria desses momentos porque tu m'a levaste. Ainda ontem, em casa de D. Rachel, estive sentada naquele venturoso banco, onde se nos ligam tão doces recordações... Fiquei aí por muito tempo lembrando-me de ti, e finalmente, chorei de saudades!

Recordas-te do baile do cassino, onde pela primeira vez nos juntamos? Era tal a nossa comoção que nem uma palavra podemos pronunciar. O que poderíamos dizer um ao outro que exprimisse toda a nossa ventura? Quantas lembranças felizes, amado Jorge! E quando passaste pela Laranjeiras, em companhia de teu amigo? Como fiquei orgulhosa por me cumprimentares! E tu conservarás de tudo isto umas recordações profundas, nunca te esquecerão de mim?

Quando me lembro que cheguei a zangar-me com a Cora por ela escrever-te um bilhete de três linhas e agora não tenho vergonha de escrever-te cartas de inço seis folhas de papel, admiro a mudança que tenho feito no

meu modo de pensar. Quem diria que tão de pressa havia de pagar os meus escrúpulos! O amor que te consagro é que me obriga as maiores loucuras, por ti eu seria capaz de tudo...

Queres saber onde muitas vezes guardo as tuas cartas, para que não m'as roubem? É bem comigo, bem chegada a mim, mas não te digo aonde... Adivinha!

Não sei esta carta como está; sem dúvida muito mal escrita. Não seria capaz de consentir que outra pessoa que não fosse tu a lesse, escrevi tantas inconveniências! Sou sempre uma louquinha por ti!

Mas dize-me, meu amor, é verdade que me tens lembrado muito? Que não me tens esquecido um só instante durante essa ausência que me é tão penosa?

Como eu me julgaria feliz se tivesse certeza do que me dizes!

Porém longe mim, longe de tua extremosa Celina que te traz fielmente gravado no coração, rodeado de novos prazeres, atraído por novos prazeres, atraído por novas seduções, hás de acabar por não me querer. Perdoa-me; eu já não sei o que te digo; faço-te uma atroz injustiça.

Tu amas-me, não é verdade? Amas-me muito, e nunca te esquecerás de mim, por mais longo que seja esta separação? Creio na tua sinceridade, para nunca duvidar de ti.

Adeus, meu amor, meu adorador noivo, adeus!

Escreve sempre a tua querida.

Celina de Albuquerque.

Esta carta lacrimosa, cheia de saudades, transpirando amor e esperança, levemente chorosa e suplicante, entonteceu de alegria o poeta: considerava-a ele um talismã precioso, uma relíquia santa. Não sabia onde devia guardá-la com segurança, longe das vistas de todo o mundo, tinha-a decorado, a força de lê-la; recitava sozinho, em seu quarto, os tópicos mais sentimentais.

Jorge conservava as cartas de sua noiva cuidadosamente emmassadas, pela ordem das datas, era o mais precioso manuscrito que possuía; não queria, em troca dele, todas as riquezas da terra!

Quando se recolhia à noite ao seu aposento, receoso do bom êxito dos negócios de que fora incumbido e nos quais fundará todas as suas esperanças, sentia-se cheio de uma tristeza indefinível... Apoderava-se então com estranha avidéz do maço de cartas, e horas inteiras demorava-se na leitura daquelas páginas repassadas de apaixonada exaltação. Esquecia-se de tudo, engolfado com febril ansiedade naquela leitura que parecia abrasar-lhe a alma.

Depois, com a imaginação cheia dos mais poéticos devaneios, perdia-se em um mar de cismas.

Não raras vezes o claro sol da manhã veio surpreendê-lo abstrações...

Alguns meses decorreram sem que as suas operações comerciais se ultimassem.

O moço, entristecido com a demora, prevendo mal resultado nos negócios, escrevia à Celina cartas desalentadas e apreensivas.

A que se segue dará ao leitor ideia do estado de seu espírito.

## XX

Querida Celina.

Tenho passado horas amarguradas nestes últimos dias. A tua carta veio encontrar-me triste, desalentado, cheio de receios acerca do nosso futuro. Chego a duvidar da nossa felicidade. As tuas palavras esvaeceram um pouco as trevas que se aglomeravam no meu espírito...

Senti-me transportado aqueles instantes venturosos que tão rápidos passaram em tua companhia.

Permita Deus que eu não tenha ainda de recordá-los com muita tristeza, com muita saudade!

Tu, pobre criança! Confias demasiadamente no futuro que vejo tão incerto, hoje mais do que nunca, porque a desventura precede perseguir-me desapiadadamente. A minha posição cada vez torna-se mais difícil.

Mas, por Deus, não te assustes, talvez que isto não de vãs apreensões.

Contudo, os negócios de que estou incumbido, tem-se complicado e vejo-me cada vez mais embaraçado em liquidá-los.

Já escrevi neste sentido para a corte, e meus patrões contestaram-me contrariados pelas probabilidades que lhes deixei ver de má solução.

Vou tentar um último esforço e se dele não lograr o resultado que desejo, não sei, Celina, minha querida noiva, não sei a sorte que nos espera!

O teu amor que tanto me encorajava, que me dava forças para arrostar todas as dificuldades da vida, faz-me agora tímido e receoso como uma criança.

É que temo que ele me abandone no meio de tantas contrariedades...

Mas não; tu não me deixarás nunca; serás, a despeito de tudo, fiel ao teu querido noivo que tanto te idolatra.

Nunca pensei que se pudesse amar assim.

Já não posso admitir a vida sem os afagos do teu amor.

Que seria de mim, se tu me abandonasses, Celina, se um dia me esquecesses por outro? Como preencher o vácuo que me deixarias na existência?

Oh! Eu sei, morreria de dor e desespero se te perdesse, meu estremecido amor.

Mas não devo pensar em semelhantes loucuras, tenho muita confiança em ti.

Nunca me serás perjura, não é assim, adorada Celina?

Espero escrever-te pelo primeiro vapor, dando-te agradáveis notícias acerca dos meus negócios.

Adeus, minha adorada noiva, meu amor, aceita um longo beijo do teu estremoso e sincero.

Jorge.

E fez acompanhar a carta das sextilhas seguintes:

“N’ Ausência”

Neste degredo sozinho,  
Qual andorinha sem ninho,  
Batida do vendaval;  
No mais triste isolamento,  
Sinto n’alma o sofrimento  
D’ uma sina bem fatal!

Numa saudade sombria  
Profunda melancolia  
Me vem o peito enlutar;  
Cercado sempre de abrolhos,  
Sem ser a luz de teus olhos  
No meu futuro a brilhar!

Quando à tarde a natureza  
Numa dorida tristeza  
Mergulha-se em negra cor:  
Quando a saudade mais funda  
De prantos a face imunda  
Exacerbando-me a dor;

Triste então, na fantasia  
Desprendo a alma sombria,  
Vai contigo conversar,  
Vai dizer-te, meu anjinho,  
Nestas paragens sozinho  
Como é triste o meu cismar

Vai recordar-te os mistérios  
Daqueles sonhos aéreos,  
Que a alma sente e não diz,  
Vai recordar os enleios



De amorosos devaneios  
Que nos fizeram feliz!

Na tristonha soledade  
É mais pungente a saudade,  
É mais profundo o sentir,  
É mais viva a dor latente  
No coração a pungir!

Enquanto na noite escura  
Desta funda desventura  
Eu padeço tanto assim,  
Talvez tu, de mim ausência,  
Vivas feliz e contente,  
Nem te recordes de mim!

## XXI

Celina não tardou a responder-lhe com a seguir-te carta:

Adorado Jorge.

Estou de posse de tua última carta que tanto me entristeceu. Não imaginas como ela me fez chorar... Deus queira que não se realizem os teus pressentimentos. Por mim nada deves temer: nunca te serei infiel; jamais encontrarás uma mulher que te seja mais constante e que te dedique mais afeto do que eu.

Ainda te convencerás disto e então lembrar-te-ás destas minhas palavras e conhecerás que elas são verdadeiras.

Nunca hei de esquecer-me de ti, abandona-me muito embora, hei de chorar sempre por aquele que foi o meu primeiro e último afeto na vida. Desde que te conheço, até agora, tenho-te dado provas de que não existe em meu coração outro sentimento que não seja um amor sincero, desinteressado, que me fará sofrer toda a sorte de sacrifícios antes do que esquecer-te. Nunca olhei para essa falta de recursos com que tanto me tens martirizado e hoje é que julgas eu possa assim pensar? Se eu reflexionar desta maneira em qualquer tempo, serei indigna do teu amor. Tens em teu poder tantas cartas que me podem comprometer; pois em qualquer ocasião que eu desminta o que hoje te digo, recorre a elas, mostra-as a todos, para que conheçam a minha hipocrisia,

a minha infâmia. Bem vêes que se não te fosse sincera, não te daria a liberdade de fazer o que eu mais poderia temer.

Não me seduz outro futuro que não seja o gozado em tua companhia; abandonaria qualquer posição brilhante para seguir-te, embora soubesse que Deus me reservava um futuro de atrozes infelicidades. Contigo eu suportaria os maiores males, contanto que não me faltasse o teu amor. Creia em mim, Jorge, não me julgues dotada de um sentimento que não possuo – a Hipocrisia.

Aqueles lábios que tantas vezes uniram-se aos teus nunca poderão exprimir senão o que sinto no coração, que é muito amor, muita paixão por ti, meu extremoso amante.

Eu sou a mesma que tenho sido para ti e jamais mudarei. Viverei de lembranças tuas e tu finalmente hás de abandonar-me. Mas enquanto tiveres por mim algum afeto, enquanto sentires por mim algum amor, conserva as minhas cartas e escreve-me sempre; porém quando te vier o aborrecimento desta infeliz, a única coisa que eu te peço, Jorge, é que m'as devolvas, ou queimes... Se tu visses o quanto sofro agora, se pudesses aliviar-me esta dor, se eu te tivesse a meu lado para enxugares as lágrimas que tenho vertido ao escrever esta carta, como eu seria feliz! Não sejas mau, Jorge, não sejas cruel a ponto de martirizar-me tanto com essas desconfianças que eu quase afirmo não te saírem do coração. Olha, meu idolatrado noivo eu juro-te por Deus, por tudo quanto há de sagrado, que sou e serei sempre a tua extremosa Celina. Por longo tempo que dure essa ausência, nunca descreias de mim, porque a separação do corpo não pode desunir as nossas almas ligadas pelos laços de um amor tão profundo, tão verdadeiro.

Se ainda te mereço alguma consideração, atende-me que te peço para não conservares em teu coração a menor dúvida contra mim.

Tua sempre dedicada e fiel.

Celina de Albuquerque.

P.S.

Não tive tempo de reler esta carta; é provável que tenha muitas incorreções: desculpa-as. Não quero que me mandes poesias tristes; porém bem amorosas, bem apaixonadas. Sim?

Esta carta toda cheia de vestígios de lágrimas, palpitante de emoções, inspirada por uma paixão veemente, arrebatada e louca, impressionou profundamente o noivo de Celina.

– Como esta mulher me ama! Exclamou ele, que fogo, que entusiasmo, que delírio, que amor sente por mim! Seria capaz de quebrar todos os preconceitos sociais para lançar-se em meus braços como tantas vezes m’o disse! Não quer outro futuro que não seja o gozado em minha companhia! Ama-me com todos os transportes de sua alma, com todos os arrebatamentos de sua imaginação! Oh! Eu hei de compensá-la dignamente! Hei de adorá-la de joelhos como se adora a Deus! Como seremos felizes!...

Vieram-lhe então à mente abrasada todos os episódios ocorridos em casa de D. Rachel, lembrou-se de todos os colóquios que tivera com Celina, de todos os abraços e beijos que com ela trocara, e sentiu arfar o peito de paixão e impaciência. Seria possível que nunca mais gozasse instantes de tanta ventura como aqueles?

Como ele desejava ultimar com rapidez elétrica todos os seus negócios para volver aos braços de sua amada e estreitá-la ao peito, tivesse embora de morrer de comoção a seus pés em uma explosão de loucura!

Nesse dia, com o coração vivamente agitado, escreveu algumas estrofes dedicadas à Celina.

Se fora o nosso romance como tantos de pura fantasia, concebido em horas de desenfado por mero passatempo, e não a fiel história de um acontecimento da atualidade, por certo que não daríamos à luz publica versos cujo lirismo pode ir talvez ofender melindrosas suscetibilidades.

Porém o nosso fim é deixar delineado em todos os seus traços, com todas as suas cores naturais carregadas ou doces, um quadro da época, que infelizmente tivemos de apreciar em todas as suas minudencias.

Fazer ressaltar com fidelidade todas as loucuras a que o amor pode levar o espírito de dois jovens, a fim de que o leitor forme inteiro juízo da paixão que os unia, é a tarefa que nos ocupa.

Quando se trata de estudar caracteres, de avaliar sentimentos, de apreciar fenômenos do coração humano, entendemos que o pensador deve assumir a impassibilidade do médico, que não tem escrúpulo de descobrir e rasgar uma pústula, de dilacerar um membro, de patentear toda a miséria da

nossa organização física, para dar a ciência novos conhecimentos e demonstrar por fatos o quanto a imperfeição está longe de nós.

É por esta razão que não duvidamos estampar em nosso livro os versos a que aludimos.

Ei-los:

“A Celina”

Fui um louco talvez em ter sonhado  
Tantas crenças por ti, tantas venturas,  
Tão doce aspiração nos teus olhares  
Remontando-me às célicas alturas!

Sedutora visão do meu passado,  
Eu quero recordar-te inda um momento,  
E na seiva do amor sentir a vida,  
E nela dilatar-se o pensamento!

Eu quero recordar as tardes belas  
Invisíveis instantes de poesia,  
Quando te via graciosa e meiga  
Na branca janelinha ao fim do dia.

Oh! Deixa, meu amor, que eu possa ainda  
Ao meu seio te unir febricitante,  
Nos estos da paixão ver-te chorosa,  
Rendida nos meus braços delirante.

Bem como a borboleta que se abrasa  
No feiticeiro lume que a namora,  
Sedento de paixão quero abrasar-me  
Nas chamas deste amor que me devora!

Porque neste degredo condenar-me  
A tristeza letal duma agonia,  
Se devo, doce amada, nos teus braços  
Doçuras divinais fluir um dia?

Quero ouvir-te na febre dos sentidos  
Chamar-me esposo teu com voz chorosa,  
Entreaberto o roupão mostrando os seios  
No desalinho da paixão fogosa!

Quero todo banhar-me nos enlevos  
Dessa quadra de amor e de loucura!  
Venham depois as ramas do cipreste  
De sombras me cobrir a sepultura!

## XXII

Escreviam-se por todos os vapores com a mais perfeita regularidade.

O assunto de todas as cartas consistia invariavelmente, como bem de supor, em descrever a saudade e seus efeitos em corações verdadeiramente apaixonados: nunca ninguém escreveu mais sobre esse sentimento do que aqueles dois amantes, que pareciam infatigáveis.

Cartas havia que comportavam dois cadernos de papel, literalmente cheios!

Se toda a correspondência epistolar que entretinham fosse um dia publicada daria com certeza um forte volume de 600 páginas em 8° francês.

Alguns meses depois, caso notável! Começou Jorge a receber as cartas de sua noiva precedidas de longos intervalos.

A moça, para justificar-se, alegava absoluta falta de tempo, estudo de matérias difíceis, ocupações extraordinárias a que a diretora a obrigava. Era visível a frieza com que ela lhe escrevia – missivas de uma folha de papel somente!

Jorge não podia conformar-se com semelhantes evasivas e insistia para que ela não interrompesse a correspondência, único lenitivo que lhe suavizava a tristeza do isolamento.

Um dia recebeu ele, com alvoroço, uma carta de Álvaro. O que lhe mandaria dizer o travesso caixeiro? Fileiras sem dúvida.

A carta continha o seguinte.

Meu rapaz.

Ando aqui quase afogado em um maremagnum<sup>93</sup> de amor! Todo eu sou um idílio de Casimiro de Abreu! Nem olheiras rochas me faltam! Vivo em pleno romance, todo cheio de lances patéticos! Estou completamente apaixonado, o que é mesmo que dizer-te que estou doido varrido! Oh! Tu não imaginas como é uma rapariga bonita, bem proporcionada, elegante! Ainda ontem estive com ela em um baile! Que formosa criança! Se eu fizesse versos líricos e alambicados como tu, dedicava-lhe logo um soneto monumental, descrevendo-

---

<sup>93</sup> Maremagnum é uma expressão italiana de um trabalho caótico, grande como um oceano.

lhe o cabelo a Maria Stuart<sup>94</sup> com uma silva de flores em volta, o corpete de cetim escarlata modelando-lhe a cinta que Vênus invejaria, e deixando entrever... Ó Jorge, desculpa te faço corar! Uns seios lisos, redondos, palpitações como aqueles de que nos fala Varela<sup>95</sup>:

...teus seios,  
Alvos pombinhos que dormindo gemem!

Falei-lhe; conversamos largo tempo sobre mil futilidades encantadoras! Não me fartei de contemplá-la! É bela, é espirituosa, é travessa, é uma perfeição! Entonteceu-me tanto, que eu cheguei a dar-lhe indiretas de um casamento possível! Ela riu-se, e o caso não era para menos! Até eu riu-me do destempero!

Disse-me que te conhecia perfeitamente; cheguei a ter-te ciúmes, meu grande amigo! Calcula como não anda esta cabecinha desorientada com a nova conquista! Queres que te diga o nome da deusa? Quatro letras unicamente: Cora! Há nada mais interessante?

Mas, mudamos de assunto:

Participo-te que a viúva Amélia, cada vez mais apaixonada e mais ciumenta, continua a prender-me nas douradas teias de um amor a Werther<sup>96</sup>! Mudou-se de Niterói para aqui e eu, por enquanto, na falta de distração melhor, continuo a frequentar-lhe a casa, em risco de ficar tísico! Ainda alimenta esperanças de se ver casada comigo! Oh! Que pandega! Para que lhe havia de dar! Porém hei de ver se a vou dissuadindo de semelhante asneira. Casamento! O final ridículo de todas as comédias! A coisa mais prosaica deste mundo! O remate mais infeliz de todos os romances de sentimento! Creio que a viúva não está em perfeito juízo!

Espero que leias com lágrimas nos olhos a tristíssima notícia que vou dar-te, e é que... Fui obrigado a deixar a virtuosa Leonor, depois de dois meses

---

<sup>94</sup> Rainha da Escócia (1542-1587).

<sup>95</sup> Referência a Fagundes Varela (1841-1875), poeta romântico brasileiro, e a seu poema "Estâncias", cujos versos originais são "O que eu adoro em ti não são teus seios/ Alvas pombinhas que dormindo gemem!" (v. 17-18), publicado na obra *Cantos do ermo e da cidade* (1869).

<sup>96</sup> Referência ao protagonista do romance romântico *Os sofrimentos do jovem Werther*, publicado em 1774 por Goethe.

de deliciosa convivência! Expulsaram-me daquele paraíso, tal qual como o pai Adão, mas não nos trajes dele, valha a verdade!

Não sei que alma danada foi descobrir ao Bossio a maneira como eu iludia a sua vigilância, o que é fato é que uma noite...

Que noite aquela de celeste encanto!

Justamente quando eu e a espanhola ensaiavam um melodrama que tinha por palco o tálamo nupcial, sentimos... Horror de Shakespeare! Sentimos introduzi-se uma chave na fechadura do quarto... Era ele, o amante traído, furioso como um leopardo! Só tive tempo de rapidamente apagar a luz e... Ó contingências desesperadas dos Romeus desprevenidos! Deixar-me escorregar da sacada do primeiro andar à rua! Só depois de estar fora do alcance da bengala do Bossio é que refleti que podia muito bem ter partido uma perna!

Deus me dê juízo, Jorge!

Vi-me, por consequência, obrigado, muito a meu pesar, a abandonar as relações amistosas que entretinha com a interessante espanhola, e que talvez se prolongassem indefinidamente...

Muito tenho custado a conformar-me com semelhante desfecho, o que não impede que continue a ser o mesmo namorador incorrigível!

Aceita lá um enorme abraço do teu Álvaro.

P. S

D. Lucinha Eulália Pereira de Albuquerque faleceu a um mês, instituindo por sua herdeira universal a sua sobrinha Celina de Albuquerque (a do colégio). Calcula-se em cem contos de réis a fortuna deixada à menina. Não foi má lembrança!

A.

## XXIII

Após a leitura da carta que deixamos consignada no capítulo antecedente, sentiu Jorge um forte calafrio sacudindo-lhe os membros, o *post-scriptum* explicava claramente o motivo da frieza de Celina! Era rica, era possuidora da quantia de cem contos de réis!

Um pensamento cruel pairou-lhe no espírito como uma sombra: Celina procurava esquecê-lo, desejava talvez um pretexto para romper a amizade que lhe dizia votar, amava outro homem, finalmente! Estava decifrando o enigma: amava outro homem, que lhe cobiçava a riqueza, ia casar-se talvez!

Que momentos de amargura e de desespero não passou ele impressionado com essa suspeita! Que aflição e que martírio a lhe despedaçar a alma!

Ser traído por Celina! Por Celina, que era o seu primeiro amor, em quem resumia todo o seu futuro!

Relia com palpitante curiosidade todas as cartas dela procurando vestígios da traição e só encontrava frases apaixonadas, promessas sagradas e imorredouras, desejos veementes de felicidade ao lado dele, todas as loucuras de uma paixão sincera e exaltada!

Repassava na imaginação todos os momentos ditosos que fruía com ela em casa de D. Rachel: os abraços estreitados a furto, os beijos trocados em sobressalto, e sentia mil comoções, como labaredas de um incêndio, atear-se de novo no coração!

O ciúme e o despeito enlaçavam-lhe a alma com uma crueldade só comparável a das serpentes que arroxearam o corpo de Laocoonte<sup>97</sup>.

Após momentos de desespero frenético e das mais dolorosas indecisões, sentiu luzir por entre as trevas de seu espírito a esperança, tábua de salvação de todos os náufragos...

Era impossível que aquela mulher, com a alma cheia de tantas recordações saudosas, preza a ele por tantos juramentos solenes, o pudesse esquecer por outro! Como esquecê-lo, se ele era o seu idolatrado noivo, quase

---

<sup>97</sup> Referência ao personagem mitológico morto, juntamente com seus dois filhos, por duas serpentes.



o seu amante, que tantas vezes a possuiu nos braços, e que poderia, se outra fora a sua índole, arrojá-la com ela ao fundo de um abismo para reabilitá-la mais tarde a face da igreja? Não lhe havia ela dito nos acessos da paixão:

– Jorge, se algum forte obstáculo impedisse o nosso casamento; se meu pai se opusesse a ela, eu sentia-me com forças de fugir contigo.

Como é que uma mulher que prefere a desonra a sentir-se desligada dos braços do que ama; que é capaz de arrostar a cólera paterna e as murmurações da sociedade, para seguir o homem que a beijou pela primeira vez, pode reduzir as cinzas todas as folhas do livro do teu passado, e deslumbrada pelo ouro e pela sua nova posição, seduzida por uma ridícula vaidade, desprezar aquele que a adorava com cega idolatria?

Não, não! Era impossível que semelhante fato se realizasse, seria um inqualificável absurdo! Celina não desceria tão baixo que ele se envergonhasse de havê-la amado tanto!

Procurou tranquilizar a sua imensa agitação e só o pôde conseguir com um sobre humano esforço.

Desafogou coração atribulado escrevendo-lhe uma longa carta, contando-lhe todas as suas apreensões e perguntando-lhe timidamente se ela ainda era a sua querida e amorosa Celina; se o inesperado lance de fortuna a não teria mudado...

A moça respondeu-lhe laconicamente, recriminando-o pela temeridade da suposição, que ela reputava uma grave ofensa que lhe era feita, e declarando-lhe que tão cedo não lhe escreveria; era a pena que impunha ao delito cometido pelo desventurado Jorge.

Decorreram alguns meses.

Desesperado pela incerteza em que vivia, com o coração angustiado e aflito, pôde o moço afinal ultimar todas as negociações de que fora incumbido, e voltar imediatamente para a corte.

la receber o prêmio de tanto sacrifícios: ninguém lhe impediria o seu casamento, realizar-se-iam todos os seus sonhos.

Depois de desembarcar, antes de ir dar contas aos seus patrões da incumbência que lhe fora feita, correu a casa de D. Rachel para informar-se de tudo. Talvez lá encontrasse a sua noiva, cheia de impaciência e de amor, com

os braços abertos para estreitá-lo ao seio e perdoar-lhe a injúria com um beijo apaixonado...

Soube aí que Celina de Albuquerque, havia um mês, era esposa do Barão de S. Jerônimo.

## EPÍLOGO

Seis meses haviam decorrido quando o Cassino abriu as suas portas a um esplêndido baile.

O salão luxuosamente adornado, resplendente de luz, repleto do que sociedade fluminense tinha de mais distinto, prometia uma festa deslumbrante.

Dentre toda multidão confusa de homens e mulheres que ali se agitava, destacaremos dois moços, cuja conversação interessará ao leitor.

– Não supus poder esquecê-la tão breve, Álvaro. Acostumei-me a encarar o fato em toda a sua realidade e de tal forma vou compreendendo a comédia em que vivemos, que chegou até a envergonhar-me a seriedade com que representei o meu papel!

– Eu há muito sabia de toda a história dos teus amores, meu Jorge; porém nada te queria dizer para não molestar-te.

– E perderias o teu tempo, tal era a alucinação de meus sentidos, que me revoltaria contra todas as tuas ideias positivistas. Fui um desvairado, Álvaro. Levado pela minha doida fantasia, supondo realidade o que apenas era um sonho da minha imaginação, cheguei a conceber que aquela mulher compreendia perfeitamente todos os segredos da minha alma, toda a sublimidade do meu afeto, e poder-me-ia fazer feliz! Que loucura! Caro paguei as minhas exaltações! O desengano foi cruel, a decepção atroz; porém hoje, graças a tua intervenção, nada sinto por ela a não ser uma compaixão profunda. Nem é digna de outro sentimento a mulher que por suas próprias mãos avilta-se, fascinada por uma efêmera grandeza, renegando todo o seu passado e esquecendo-se de Deus, a quem tomava por testemunha de seus juramentos e que pode amanhã reduzi-la à miséria!

– E a tens visto alguma vez depois de casada?

– Ainda não; já me mostraram o marido; é um sujeito alto, esguio, de óculos azuis, fisionomia atoleimada, um excelente esposo que sabe unir às suas nenhuma qualidades intelectuais o título de Barão e de possuídos de avultada fortuna! Venturoso homem! É rico, por consequência tem em suas mãos a milagrosa chave que abre todos os corações!

– E cuidas que ele não seja feliz?

– Oh! Sem dúvida, imensamente feliz! Não pode aspirar a mais coisa alguma na terra! Aquelas duas almas ao de compreender-se às mil maravilhas! O mesmo sentimento as uniu: a ambição!

E queres saber a razão por que ela precipitou o casamento? Porque temia, segundo confessou a alguém, que eu pudesse prejudicar o seu futuro vindo lembrar-lhe o cumprimento de tantas promessas feitas! Chegou mesmo a ter a indignidade de dizer que era muito possível que eu, tendo notícia de sua riqueza, viesse imediatamente reclamar os meus direitos para usufruir a sua fortuna; porém que me despediria com desprezo, porque se achava agora em condição de escolher o marido que lhe conviesse!

Ah! Ah! Ah! Que ridículo pensamento!

– Suponha-te ambicioso! Garanto-te que se ela se referisse a mim, com certeza não se enganava! Há muitos anos que procuro um dote rico para casar-me!

– Mas que razão teria ela para emprestar-me tão baixos sentimentos? Como chegou a pensar que eu me deixasse fascinar pelo seu dinheiro? Era eu acusado culpado pela sua mudança de sorte? Tenho sentido os revezes da vida e passado por bem amargas provocações; mas o conceito que aquela mulher leviana formou de mim fez-me sofrer mais que tudo. Julgou-me um miserável, um ladrão que ambicionasse o seu ouro! É realmente uma criatura de espírito!

– E de sentimentos apurados; há de ser uma boa esposa e excelente mãe de família! Como o Barão de S. Jerônimo não deve estar orgulhoso com a posse de Celina de Albuquerque! Disse Álvaro com uma seriedade cômica, contendo o riso.

– Mas hás de concordar que há uma hora estamos a conversar sobre asneiras, sem nos lembrarmos da cerveja! Não posso admitir semelhante esquecimento!

Encaminharam-se para a copa; sentaram-se a uma mesa, onde os foi servida a excelente Christiania<sup>98</sup>.

Bebendo e fumando, alegres e satisfeitos, reataram a conversação:

– E o teu romancete com a travessa Cora?

– Dei-lhe remate antes que tomasse maior desenvolvimento. O namoro já ia com quatro meses de existência, estava a cair de velho! Abandonei-o, sem perda de tempo.

– Esqueceste-a como esqueceste a filha do comendador Cerqueira, a viúva Amélia, Leonor... E não sei quantas?

– Nem mais, nem menos! Se te parece hei de agora andar a casar-me com meio mundo! É coisa que não entendo! O galanteio para mim deve durar dois meses; do contrário morre por falta de alimento de minha parte! Eu não obrigo ninguém a querer-me! Amam-me? Sujeitem-se aos meus caprichos, aos meus arrufos, e deixem-me depois gozar da minha liberdade!

– E nada sentes no coração?

– Ora essa! Sinto que ele bate aí dentro como a pendula de um relógio! Mais nada!

– Estás então inteiramente em disponibilidade? Será isto possível, Álvaro?

– Seria o maior dos absurdos. Ó Eugênio, traze-nos outra garrafa! Compreendes que um rapaz do meu temperamento sem comoções fortes sem enredos amatórios<sup>99</sup>, morria incontinentemente como o peixe fora d'água!

– Então...

– Estou agora seriamente apaixonado, disse Álvaro enchendo de novo os copos. Peço-te que me ajudes a beber à saúde da minha nova conquista, vá lá, toca!

Os copos tilintaram, e pousaram-se vazios na mesa.

– Mas não me disseste ainda...

– É que a minha paixão data de uma semana somente. É uma coisa muito recatada!

– Alguma freira?

---

<sup>98</sup> Provavelmente referência a uma bebida assim nomeada em homenagem a Christian IV (1577-1648).

<sup>99</sup> Amatório, no contexto, revela-se relativo ao amor, à sexualidade.

– Daqui a pouco te mostrarei no salão o anjo que me seduz e atrai... Hás de admirar o meu bom gosto! Se eu sempre tive uma delicadeza de escolha, uma finura de tato!...

Depois de terem conformado agradavelmente o estômago, foram os dois amigos percorrer o salão.

De repente Álvaro deteve-se e murmurou quase ao ouvido de seu companheiro:

– Olha, vêes aquela mulher de ombros nus, com o rosto coberto de pó de arroz, que agita o leque com garridice<sup>100</sup>?

– A de vestido de veludo azul?

– Exatamente.

– Porém essa é a mulher do conselheiro A...!

– Que importa isso? Não vem nada ao caso!

Ama-me, recebe-me com toda a impetuosidade de um amor que afirma ser o primeiro, que hei fazer, se não pagar-lhe a delicadeza na mesma moeda? Que é verdade e que eu também sinto por ela um entusiasmo!... Desta vez sim; creio que estou perdido, louco de amores! A amizade dela por mim é tanta que já chegou a perguntar-me se me convinha um lugar na Secretaria do Estado, em que o marido trabalha!

– E o que lhe respondeste?

– Que havia de pensar nisso! Não faltava mais nada, do que eu servir de criado do marido! Mas espera Jorge; vêes quem vem entrando reclinada no braço de nobre esposo? Oh! Que agradável surpresa! Uma exclamação rompeu dos lábios do amigo de Álvaro:

– Celina!...

– É verdade: a baronesa de S. Jerônimo não quis deixar de vir abrilhantar a festa, e apresentar-se num chique!

– Que encontro feliz!

– Vais lhe fazer a corte, aposto!

– Adivinhastes! E não serei mal recebido, tenho certeza disso! Ela provavelmente não será tão desmemoriada que me esquecesse de todo! Bem

---

<sup>100</sup> Apuro excessivo no vestuário.

sabes que não há melhor passatempo para uma baronesa jovem e rica do que ter um amante, por exemplo, um ex-apaixonado como eu!

Celina tinha com efeito entrado.

Ao ver aquela mulher trajada com exagerado apuro, tendo no gesto desdenhoso a altivez de uma duquesa, ninguém diria que fora outrora uma colegial ingênua, tímida e vergonhosa.

O trato com a alta aristocracia fluminense, onde o vício oculta-se entre sedas como o áspide entre flores, a tinha em pouco tempo despido do natural pudor; e assim é que se apresentava no salão com os lábios rubros de carmim, os braços nus, e os seios, a meio descobertos, expostos a profanação de todos os olhares. À luz clara e resplandecente do gás, cintilavam-lhe os brilhantes do adereço: o diadema riquíssimo que prendia aos cabelos parecia coroar uma fronte de rainha! Era extraordinário o contentamento que deixava ler nos olhos! Elogiada pelos homens porque era inteligente e espirituosa, invejada pelas mulheres porque era rica e esposa de um titular, a baronesa exultava em plena glória! Era aquele o primeiro baile em que exhibia a sua riqueza! Como ela julgava-se completamente feliz! Que noite de triunfo ia ter!

De que maneira pôde aquela mulher ocultar por tanto tempo, sob uma aparência ingênua e cândida, os sentimentos que depois revelou em toda plenitude? Como pôde conservar-se hipócrita sempre, jurando um amor eterno, se nada sentia pulsar no coração por Jorge, a não ser talvez o degradante desejo da sensualidade?

O que nós supúnhamos o seu primeiro amor, miséria humana! Era unicamente excitação dos sentidos, febre de imaginação incandescida pela constante leitura de romances perigosos, onde a moral é desprezada como uma coisa inútil.

Tarde o soube o infortunado moço; mas rendeu graças à divina providência tê-lo afastado de desempenhar-se naquele lodacento abismo, que talvez um dia lhe manchasse a honra... Sim, porque a mulher que impudentemente falta a palavra jurada, que só traz a mentira nos lábios e a falsidade no coração, assim como enxovalha o amor que não compreende, pode também trair a fé conjugal que não sabe respeitar.

Jorge conseguiu ser apresentado ao Barão de S. Jerônimo, a quem pediu permissão para dançar uma quadrilha com a baronesa.

O barão, mostrando-se lisonjeado com a delicadeza do pedido, foi em pessoa rogar a esposa que dançasse como jovem que lhe apresentava.

Celina de Albuquerque, inteiramente senhora de si, como uma perfeita titular, aceitou o braço de Jorge sem relutância e sem emoção alguma que a traísse.

Atriz consumada, apta para representar todos os papéis, não recusou esse que o acaso lhe proporcionava.

Antes de formar-se a quadrilha, deram ambos um grande passeio pelo salão...

Extravagâncias do destino! Naquele mesmo lugar onde, dois anos antes, tanto se comoveram, deviam juntar-se agora, frios, indiferentes, separados por um abismo profundo!

Jorge, ao contato do braço de Celina, sentiu afluírem-lhe de novo lembranças meio apagadas, recordações pouco extintas; mas cumpria colocar-se acima do ridículo e não pronunciar uma palavra sequer acerca do seu passado. A mulher, a quem amara com tanta loucura, considerava-a morta; a que via ao seu lado era simplesmente a esposa de um titular, a baronesa de S. Jerônimo, a quem devia as honras de perfeito cavalheiro.

Seguindo à risca as regras que o uso tem admitido, procurou entretê-la, conversando com alegria, com volubilidade, sobre bailes, espetáculos, modas, passeios e finalmente sobre produções literárias, visto que a baronesa era instruída.

– Tenho a honra de noticiar a vossa excelência o próximo aparecimento de mais uma obra.

– Nacional ou estrangeira?

– Nacional, minha senhora.

– Poderei saber o nome do autor?

– Não vale à pena, senhora baronesa; é um desconhecido que escreve por desfastio, quando não tem outra coisa em que ocupar-se; é um doido que, possuindo um maço de cartas amorosas, por meio delas pretende descrever UM TIPO DE MULHER em forma de romance. A de permitir que oportunamente lhe envie um volume, mas Vossa excelência treme? Sente-se indisposta? Quer tomar algum refresco?

A baronesa fitou-o por um momento, e bradou-lhe com ímpeto:

– Quero sentar-me, senhor!...

– Jorge, um criado de vossa excelência, disse o moço, curvando-se respeitosamente, depois de tê-la sentado.

Um mês depois fiel ao cumprimento da sua promessa, envia a baronesa de S. Jerônimo um exemplar da presente história.

**FIM**



## NOTA

No século atual, em que por toda a parte vemos o progresso da indústria e das artes assinalado nas descobertas de Watt<sup>101</sup>, Morse<sup>102</sup>, Jacquard<sup>103</sup> e tantos outros, já modificando extraordinariamente os meios de locomoção, vencendo em pouco espaço de tempo distâncias enormes; já transmitindo, em instantes inapreciáveis, a palavra humana de um a outro hemisfério, envolvendo o globo em uma rede de eletricidade; já, finalmente, poupando a força muscular, fazendo mover, sobre estridor frenético de pulsações cadenciais e veementes, infinidade de teares destinados a proporcionar ao homem mil comodidades materiais; nesta época, repetimos, em que a ciência tem tudo devassado, sob a ação do estudo e da análise, desde a profundidade da terra com as suas transformações geológicas, até a profundidade dos céus com as suas miríades de corpos gravitando em torno de um centro comum; quando nas regiões da filosofia moderna entrecrocaram-se as doutrinas de Hegel<sup>104</sup>, o panteísta, e de Augusto Comte<sup>105</sup>, o positivista; parecerá talvez ao leitor demasiado arrojo de nossa parte vir aqui expor à luz da publicidade, por consequência à observação da crítica, este volume – átomo perdido e luminoso pó que a geração contemporânea levanta na sua vitoriosa marcha.

Que estranho impulso arrastou-nos da obscuridade em que temos vivido, para submeter à apreciação pública de uma quadra que passou e que nada significa aos olhos dos indiferentes?

Que tem que ver o mundo, entregue à múltipla variedade de negócios, com a história simples, desornada de estilo imaginoso, que hoje sai a percorrer as camadas da sociedade, merecendo de muitos o escárnio estulto, próprio da ignorância ou da baixaza de sentimentos, e de poucos o acolhimento que só prodigalizam as almas nobres e boas?

Quem é que neste período de investigações tendentes a alargar a órbita dos conhecimentos humanos, detém-se a escutar, melancólico e pensativo, o

---

<sup>101</sup> James Watt (1736-1819) matemático e engenheiro escocês, responsável por melhoramentos no motor a vapor, passo importante para a Revolução Industrial.

<sup>102</sup> Samuel Morse (1791-1872) inventor do Código Morse e do telégrafo com fios.

<sup>103</sup> Joseph-Marie Jacquard (1752-1834) inventor da máquina de tear.

<sup>104</sup> Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) filósofo alemão e um dos principais pensadores do Idealismo.

<sup>105</sup> Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857) filósofo alemão, fundador do Positivismo.

murmurar indeciso e trêmulo da fonte solitária, o farfalhar misterioso do arvoredos, o canto alegre e estrepitante dos pássaros em dias de primavera, todas estas mil futilidades, cuja suave impressão nos faz palpitar a alma como o vôo caprichoso e agitado das borboletas?

Não consideramos de todo detestável o lirismo, como muitos supõem; quando ele parte de um coração que se inspira em acrisolados sentimentos, quando se compenetra de um assunto majestoso como o amor de mãe, sublimado como a ideia de Deus, arrasta-nos a alma na contemplação do belo artístico, como se tivéssemos diante de nós um quadro, traçado pela mão do gênio.

As saudosas endechas de Soares de Passos, os apaixonados sonetos de Petrarca, os harmoniosos devaneios de Lamartine, bem como todas as tristezas profundas e sinceras de Gonçalves Dias, hão de perdurar a despeito de todas as revoluções literárias como produtos de grandes mestres, porque em si o cunho de individualidades tão acentuadas, tão fora do comum, que o próprio tempo será impotente para lhes ofuscar a glória.

O que, porém, é efêmero como a rosa de Malherbe<sup>106</sup> é a falsa sentimentalidade de trovadores medíocres que, sem forças para transcender às alturas da inspiração, fazem consistir todo o seu talento em descrever mágoas, paixões, desalentos, em uma monotonia uniforme e persistente como o canto das cigarras.

O progresso, que tem tudo invadido, imprimindo por toda a parte notável desenvolvimento, desvia-nos a atenção para assuntos de maior importância.

A escola realista que se levanta proclamando, como ironicamente disse Guerra Junqueiro, que o AMOR É UMA PALAVRA E O CORAÇÃO É UM MÚSCULO, na sua ruidosa passagem assemelha-se ao vendaval que desfaz os miasmas nocivos e varre as nuvens do horizonte, tornando mais fulgente o sol, arranca quase sempre, com um estoicismo selvagem, não só as árvores frutíferas, a cuja sombra robustecem-se de forças os caminheiros do futuro, como também flores de esquisitos aromas que tanto poderiam ostentar-se em regias estufas, como coroar a fronte imaculada e virginal das noivas.

Será este o verdadeiro ideal artístico na literatura?

---

<sup>106</sup> François de Malherbe (1555-1628) poeta francês.

Satisfaz plenamente todas as aspirações do filósofo, do historiador, do poeta, adepto da nova doutrina?

Todos esses sentimentos nobres e elevados que nos estremece o coração quando somos moços e não nos temos chafurdado no lodaçal do ceticismo; o amor que nos merece a mulher, destinada a compartilhar conosco as vicissitudes da vida; as emoções que experimentamos quando refletimos que o mundo seria um horrível deserto se vivesse o homem isolado de afeições femininas; tudo que nos faz aspirar a uma felicidade perfeita, embora ilusória, será digno dos sarcasmos e da VERVE dos modernos batalhadores?

O espírito da época que atravessamos afirma-nos que sim, pois que a torrente das novas ideias, despenhando-se do alto como o Niágara, envolve o homem em tão espesso turbilhão, que o faz esquecer tudo que não diz respeito a empreendimentos científicos.

Acompanhamos com todo o vigor de uma dedicação sincera, o movimento revolucionário que vemos operar-se, porque, trazendo ele para o torneio das discussões assuntos sociais que só eram tratados em livros puramente positivos e quiçá enfadonhos, abrange mais vasto horizonte, inoculando no povo os sagrados princípios da liberdade e da justiça; o que não quer dizer que nos deixemos ofuscar pela irradiação da luz que dele ressalta quando o vemos desviar-se dos altos afins a que se propõe, impelido pela febre do entusiasmo juvenil.

Que valem as metáforas de uma dialética retumbante de sonoridade, se apostrofando o vício vem ferir bruscamente ouvidos menos delicados e suscetíveis, fazendo estalar as gargalhadas truanescas de seus heróis de botequim?

Que proveitosa influência pode exercer na moral pública o declamador propagandista, eivado de errôneos princípios colhidos em livros perniciosos, e esquecido do respeito que deve a si mesmo, a ponto de competir na desenvoltura da frase com os pelotiqueiros ambulantes?

Separadas distintamente as duas escolas LIRICA e REALISTA, não sabemos como a crítica qualificará o nosso pequeno romance, dada a possibilidade de reparar nele.

Quer-nos parecer que esta produção pode, sem violência, filiar-se a ambas as formas literárias.

Resultam muitas vezes da combinação de elementos contrários, que parecem mutuamente destruir-se, composições agradáveis ou uteis.

Um exemplo frisante na literatura contemporânea é o poema MORTE DE D. JOÃO do poeta português Guerra Junqueiro, misto de idílios e sátiras, de devaneios e epigramas, escritos com uma elevação pouco vulgar e com um talento de primeira ordem.

Procuramos seguir, embora a distância considerável, este grande modelo de realismo, porque satisfaz plenamente todas as nossas exigências.

O castigo do vício nos tempos que correm tão materializados pela descrença é uma necessidade pública como a higiene.

Criar tipos, por ventura bem modelados, mas sem delicadeza de sentimentos, sem firmeza de caráter, miseráveis e infames por educação e por índole, fazê-los entrar desassombradamente no lar da família para profaná-la, aviltá-la, reduzi-la a um prostíbulo e não vingar a moral, a dignidade humana, infringindo aos culpados o castigo que a justiça reclama, porém deixá-los impunes, nos regalos da existência devassa é desprestigiar a virtude cobrindo-a de ridículo, é contribuir poderosamente para a geral corrupção de costumes.

Neste ponto, são altamente censuráveis e perigosos os dois romances de Eça de Queiroz, *Crime do Padre Amaro* e *Primo Basílio* que tanta voga têm tido: falta-lhes a justiça significada de qualquer modo, servindo de corretivo ao vício.

Feita esta ligeira digressão pelo confronto das duas escolas, digamos duas palavras acerca de nossa história.

Não empreendemos a descrição de um tipo especial, mas o delineamento de uma perfeita antítese das Grazielas, das Atalas, e de todas as criaturas do sexo frágil, que sabem fazer da pureza de seus afetos um culto que veneram e a que se consagram até a morte, granjeando para a sua memória as lágrimas dos corações sensíveis.

Celina não é mais do que um molde, talvez expressivo, dessas jovens sem coração e sem bom senso, denominadas COQUETES, com quem diariamente nos encontramos nos bailes, nos teatros, nos passeios e que procuram por todos os meios tornarem-se salientes aos olhos dos homens a quem requestam.

Capazes de todas as loucuras, quando a paixão as arrasta, as mulheres a que nos referimos sabem conter as exigências do coração e substituir o falso entusiasmo que as anima pela mais completa indiferença, quando inesperadamente vêm-se colocadas em uma posição invejável pelo prestígio do dinheiro.

A heroína de nosso romance é, por consequência, uma criatura vulgar, como vulgares são todos os tipos reais que a nova escola nos tem apresentado com uma nudez digna do véu de Apeles.

Só a trouxemos da vida doméstica para servir de interesse a estas páginas, fomos a isso levados pelo desejo que nutrimos de corrigir costumes que a sociedade não tem reprimido e que nós, pelo contrário, procuramos combater pelo único meio ao nosso alcance, comentando-os com as considerações que merecem.

Intentamos esboçar, em pequeninos capítulos para não fatigar a atenção do leitor, o tipo da namoradeira calculista, refinadamente hipócrita, que só espera ocasião asada para mostrar-se tal qual é.

Encarnávamos em Álvaro o espírito frívolo da maior parte dos mancebos da época, que residentes nos centros populosos, onde a corrupção mais se desenvolve, vão pouco a pouco resvalando em um deplorável declive, perdendo a delicadeza de sentimentos, de maneira a constituir-se de novos D. Juans, sedentos de conquistas fáceis, para as quais infelizmente não se tem aberto as casas de correção.

São esses dândis os mais perigosos companheiros que pode encontrar o homem ao encetar o tirocínio da vida social; poucos são os caracteres elevados e altivos que sabem eximir-se da perniciosa influência e manterem-se firmes na rota que a honra lhes há traçado.

O exemplo que continuamente dão das suas aventuras demasiado liberas dos preceitos da decência, longe de ser desprezado como deveria, é seguido com prazer por jovens que, esquecidos do respeito que a si devem, à família e à sociedade, não se pejam de revelar publicamente as más paixões que os dominam.

E note-se que o peralta que apresentamos tem um lado aceitável e honroso: é um caixeiro, um homem do trabalho.

Se quiséssemos, faltando à verdade de nossa história, tornar mais saliente o tipo do leão conquistador, tomaríamos ao acaso qualquer vadio que se nos deparasse sem posição definida, sem instrução, sem caráter, mas perfeitamente enlulado, trajando à última moda parisiense, captando do belo sexo os mais apaixonados olhares! A escolha não seria difícil.

Porém tal não o fizemos, e sentimos sinceramente que, para completo escarmento dessa malta de petimetres<sup>107</sup> ociosos, caísse em desuso aquela salutar medida do livro 5º das ordenações do Reino, título LXVIII, que diz:

“Mandamos que qualquer homem que não viver com senhor ou amo, nem tiver ofício, nem outro mister em que trabalhe ou ganhe sua vida, seja preso e açoitado publicamente.”

Quanto não lucraria o sossego das famílias com esse digno procedimento partido das autoridades!

Quantos braços inúteis na aparência não iriam empregar-se, com proveito, no progresso da indústria e das artes, na prosperidade da agricultura, no adiantamento da navegação, cooperando assim para o engrandecimento da nossa pátria!

Em conclusão, se o nosso pequeno volume poder arredar do caminho da hipocrisia e da volubilidade de sentimentos alguma jovem seduzida por detestáveis exemplos; se a punição tão justa quão necessária, imposta à Celina, influir no espírito da mocidade transviada, como um corretivo à falta de dignidade em matéria de amor, poderemos então declarar afoitamente que, embora sem os valiosos recursos que a inteligência e o estudo realça, produzimos uma obra útil, digna de nós e do público, a quem a oferecemos.

Tal é nossa aspiração.

Rio Grande. Setembro de 1878.

Jorge de Andrade.

---

<sup>107</sup> Traduzo como charlatão, mas o termo refere-se a pessoas que se vestem bem e tentam parecer aristocratas, sem o ser de fato.

# TERCEIRA PARTE

## FOLHETIM (*Arcádia*, 9 ago. 1869, p. 7)

Suponha o leitor que vê chegar-se à banca um folhetinista; o homem senta-se, toma da pena, prepara o papel, e, por muito tempo, fica em grave cogitar, a... míngua de uma ideia. Pois, é possível que a imaginação jorneie por falta de ideias? É, e isso é natural; aufere-se, quando alguém cogita, que desusada lhe vai à imaginação; quando esta está recheada e sarrabulhosa, aquele que escreve não barafusta, verte no papel o que pensa e sente, ou julga pensar e sentir.

Porém, todos os folhetinistas, faltos de ideias sempre foram; essa infeliz classe, que a viu a luz no século que o *Cozinheiro Imperial*<sup>108</sup> tem quarta edição, e em que o sumo da azeitona foi substituído pelo gás, neste século de progresso, bem incubada não saiu das entranhas geradoras que desapiedadas, num jato do tempo requisitado para sair, o feto, avigorado. Daí a magra chilreza do folhetim que, só das forjas de Lopes de Mendonça, Musset e Vacquerie<sup>109</sup>, pode sair perfeito.

Entretanto, vejamos o que é folhetim.

Concepção, como disse, deste século, nada requer para ser, muito necessita para existir; tem por base, por primórdio, o *espírito*, coisa aérea, impalpável, que o escritor tira do fundo do tinteiro e esmiúça nos escaninhos da imaginação.

Com este arrazoado, à guisa de preleção, o leitor fica sabendo a respeito do *espírito*, tanto quanto sabia, e eu, alguma coisa menos. Mas, voltando ao meu propósito, ao folhetim, de que tinha desviado; ele descreve-se desta maneira, em poucas palavras: o folhetim é o próprio folhetim.

Sentando junto à banca, pena em punho, como dizia no princípio, o folhetinista é o ente mais infeliz que conheço, neste vale de misérias e tolices. Tem que ser espirituoso por força; gaiato quando o caso requer; triste quando lamenta; alegre quando deve ser; enfim... o folhetinista tem de ser o próprio folhetinista, isto salta aos olhos.

Sendo escrito e escritor o que acabei de dizer, compreende o leitor que o *espírito*, tão somente o *espírito*, é a alma do folhetim.

---

<sup>108</sup> Primeiro livro de culinária publicado no Brasil, publicado no Rio de Janeiro em 1839.

<sup>109</sup> Auguste Vacquerie (1819-1895).



E o que é o espírito? Substância incorpórea, impalpável, diz o dicionário, que nisto fala a cabeça. – Arte de dizer por metade os pensamentos, para deixá-los adivinhar, diz Voltaire, e tem razão, tem. Pelo que o leitor deduz, tem de ser espirituoso; isso me não lembro do bom Scarron<sup>110</sup>, que dizia: é necessário ser dotado de um prodigioso espírito para mostrá-lo.

Pela lógica, com a qual se provou que o mundo caberia dentro de um cesto, se o cesto fosse maior que o mundo, pela lógica provo que, abundante no dizer de Scarron, não posso escrever o folhetim. Assim, isto que escrevo, será tudo que quiserem menos folhetim, como está anunciado no prospecto, programa, ou coisa que o valha, da *Arcádia*.

Ora, esta crisálida há pouco, isto quanto ao tamanho, medra que é um gosto vê-la assim. Toma maiores proporções, conseqüentemente mais matéria apresenta em sua quarta série. Agora vinha a propósito fazer o panegírico deste periódico, em estilo repolhudo e garrafal; mas, eu conservo de memória, sempre, esta frase de Castello Branco: – a palavra que elogia é uma só, – e por isso apenas digo: – A *Arcádia* é útil.

O tempo tem estado mau, péssimo; um frio polar enregela tudo, até as ideias... ideias suicidas. Há pouco um amigo meu, que se julgava perseguido desde o berço por uma sorte contrária, investe para o mar com o tétrico intencional de gorgolejar um pouco de água, para terminar a vida. Chega o homem, mete uma mão na água, e tira-a gelada; perde logo as medonhas ideias de suicídio, com que viera, por... medo de constipar-se. Esse rapaz é mesmo infeliz, é; não podendo suportar a vida, lança mão de uma pistola, tarde da noite. No momento em que vai desfechar a arma matadora, lembra-se que pode, (grave escândalo!) acordar a vizinhança. E espaça o suicídio.

Mas, a propósito de que vem isto? Lembra-me agora; falava do tempo que faz, tempo insípido, ferino e insuportável, e no qual todos nós temos saudades de uma estação mais benéfica, mais alegre, em que as árvores brotam vergonteosos ramos enfloridos e viçadores, em que o regato murmura de mansinho, entre as margens ainda coalhadas das folhas, que o último inverno derribou, em... Isto é idílio; que mania!

---

<sup>110</sup> Paul Scarron (1610-1660), escritor francês, sua obra mais conhecida é *Le Roman Comique*.

Eu só admito, e o leitor também, essas divagações bucólicas, no Ferreira, e isto em junho, ao soprar do pampeiro, quando, comodamente, saboreamos no leito as delícias do calocorico de um cobertor de Mostardas. Então são magníficas, sublimes até aquelas descrições de pastores com as respectivas pastoras, já se sabe de ninhos, aves, fontes sussurrantes, águas prateadas, virações perfumosas, e... tudo mais que é de praxe.

– Devo dar algumas notícias aos leitores, comentar fatos, criticá-los, aumentá-los mesmo, enfim, proceder como folhetinista, como homem *espirituoso* visto que aceitei o encargo de massar o próximo, (aqui *próximo* é sinônimo de leitor) todas as semanas.

Por falta de notícias não será que eu deixe de escrever.

Na Inglaterra, à conta do verão, bebe-se conhaque para refrescar, ao passo que aqui, nós fazemo-lo com fim diametralmente oposto, o de acalentar.

Os alemães estão gravemente discutindo a necessidade que há de se tomar tão barato como a água o invento de Gabrinos, a cerveja.

Na Espanha trata-se seriamente de uma inovação no modo de fabricar o chocolate, e colocar as cordas nas guitarras.

S. S. o papa Pio IX deu alguns espirros, pelo que isto interessa à humanidade cristã, presume-se esteja endefluxado.

Em Portugal, espíritos se preocupam a verem se adivinham se excederá a cem o número dos titulares, feitos este ano, pelo atual governo.

Lá pelas províncias do Norte anda tudo alterado, com a falta de monetário e substituição de notas; o povo clama contra a perda que tem no desconto do dinheiro papel ao passo que eu cá me dou a perros, por não ter perdido, com as notas a recolher-se, pelo menos alguns contos de réis.

Circunvagando por diferentes partes do globo, chego ao Rio Grande. Aí venho a encontrar a minha pessoa disposto a despedir-se dos leitores e fazer aqui o seu ponto final.

Rio Grande, 1869.  
Glodomiro Paredes

### O folhetim e o álbum

Filhos da moda são dois irmãos que muito interferem no gênio, no estilo e até nos costumes.

O *folhetim* é eminentemente plebeu, democrata e goza de todas as honras literárias, pois vem passando com o jornal por todas as classes da sociedade, sofre suas críticas e seus louvores, suas raivinhas e seus sorrisos.

O *álbum* é altamente aristocrata, seu aposento é o salão com elegância adornado, seus leitores em geral calçam a luva de Jouvin<sup>111</sup>, respiram os mais suaves perfumes, discorrem sobre as sentenças da moda e lavram os arestos do bom tom.

Uma rica capa garante o *álbum* do tato, que inconsideradamente pode-se de leve deixar o quase invisível sinal sobre suas alvas e acetinadas páginas; enquanto o *folhetim* com maior indiferença percorre o tapete de Turquia, e a mesa sebenta do vendeiro, que para os anúncios é muitas vezes assinante do jornal.

O estilo do *álbum* é sempre comedido, como linguagem da casquilha, que aos trinta anos pretende fazer conquistas; lisonjeiro como um velho cortesão; mentiroso como um lacaio, e refalsado como um jesuíta.

A política do *álbum* consiste em disfarçar os defeitos, preconizar as mais vulgares virtudes, divinizar belezas que não existem e ocultar por alambicadas palavras, os pensamentos que nunca tiveram vida no coração de quem os escreveu.

O *folhetim* pelo contrário, é franco e às vezes franco demais; diz o que pensa, sem muitos preâmbulos, e se lhe escapa algum louvor, saturado de incenso, é por convicção que o oferece, julgando na sua boa fé, que era bem merecido.

---

<sup>111</sup> Alusão ao costureiro Xavier Juvín que, através de uma tabela universal de tamanhos, revolucionou a confecção do acessório.

O *folhetim* seria, num sentido figurado, o camponês do Danúbio, perante o senado romano; e o *álbum* um dos valdezes de Versalhes, dirigindo a Luiz XIV<sup>112</sup>, as frases que só a Deus pertencem, (supondo que em Deus o cortesão acreditasse).

O *álbum* poderia ser comparado com aquelas belíssimas flores admiradas nas estufas, pelas suas cores e seus perfumes, mas que colhidas desfolham-se, ao contato do ar, e de todos seus tesouros, deixam apenas alguns restos sem valor, nem préstimo.

O *Folhetim*, pelo contrário, assemelha-se muito com a formosa roseira, que alegra a vista pelo seu lindo matiz, o olfato pelo seu perfume, e à saúde é utilíssima, mesmo depois de seca.

O *álbum* também se parece com a bela árvore que nasce nas margens do Mar Morto (diz Chateaubriand) e cujas frutas colhidas são um conjunto de cinzas e podridão.

A lisonja excessiva e os pensamentos ocultos e tão maliciosamente disfarçados no *álbum* podem autorizar a comparação.

Pelo contrário o *folhetim* é como algumas de nossas frutas silvestres, que além da cor sedutora, e agradável, contém uma polpa fresca, doce, vivificante, embora algumas partes ácidas previnam a moderação do curioso, ou alguns espinhos defendam a fruta contra a decidida vontade de a colher.

O *álbum* é o livro da vida, dizem seus admiradores e não se enganam, pois que as viciosidades do capricho, a máscara da falsidade, o abuso de confiança e todos os males que lápis, a pena e o pincel podem produzir, ali se encontram muitas vezes, saídos da caixa de Pandora, no fundo da qual nem ao menos a *Esperança* deixaram.

O *folhetim* é o livro do dia, ou da semana quando muito.

O tempo o insta e a anedota do momento o inspira.

Na sua frase reconhece-se o som da orquestra que afina seu diapasão; o roçar do vestido de seda, que lhe aviva as ideias; as palavras semi-confidenciais de relance ouvidas, que dançam no bico da pena cair sobre as tiras de papel, impregnadas de delírio, de malícia, de crítica mesma, mas nunca de covardia ou maledicência.

---

<sup>112</sup> Contraste entre a pobreza do camponês na França, uma das causas da Revolução Francesa, e da Corte de Luiz XIV.

Inútil é declarar que o *folhetim*, como o compreendemos, é aquele que distrai, sem fatigar; alegra sem assustar a reserva, e deixa refletir a jovem leitora, sem intimidar seu pudor, nem aconselhar-lhe outro sinal de prazer, além de um puro e angélico sorriso.

O *folhetim*, filho do povo, tem o privilégio exclusivo de levantar bem alto seus autores; dá-lhes mais que os foros de fidalgo, imortaliza-os.

É o porteiro que sem a menor cerimônia lhes abre as portas das academias, e dos institutos; que faz prostrar a seus pés os artistas que almejam por uma reputação, aliás, merecida, mas que poderia finir-se no esquecimento, se uma trombeta bem tocada, não fizesse ouvir seu nome *Urbi et orb*<sup>113</sup>;

O *folhetim* é o nosso Diabo Coxo, que sem destelhar as casas, vagar no espaço como os duendes, tudo vê, tudo observa e tudo diz, cobrindo suas palavras com a fina garça da delicadeza e cortesia.

E quantas travessuras não seriam entregues ao domínio do respeitável, e às vezes tão pouco respeitado público, se o *folhetim* dissesse tudo quanto sabe e o muito que oculta.

Na igreja, no teatro, e até no passeio, campos férteis para o *folhetim*, mesmo respingando pode fazer amplas colheitas, e falar dos milagres sem declarar o santo, a santa, os carolas e as beatas.

Por ventura pode outro tanto fazer o nobre, e empertigado *álbum*? De certo que não.

Apenas como ao pavão lhe é permitido admirar sua bela plumagem, enumerar as penas que a cobrem, ostentar a rica palheta sem seu favor pela natureza esgotada, e depois do tributo pago ao belo, em vão se procura o útil.

E folheando o *folhetim*, mesmo pobre e despido de graça (como V. G. o atual) não se encontra alguma coisa que desperte a atenção do leitor?

Quando mais não fosse um vastíssimo assunto para uma severa censura.

Enfim resumo feito do pouco que dissemos, reconhecer-se-á que para nós o *folhetim* é mil vezes preferível que ao *álbum*; que aquele gênero foi a pedra filosofal achada por muitos literatos, que hoje dão leis na república das

---

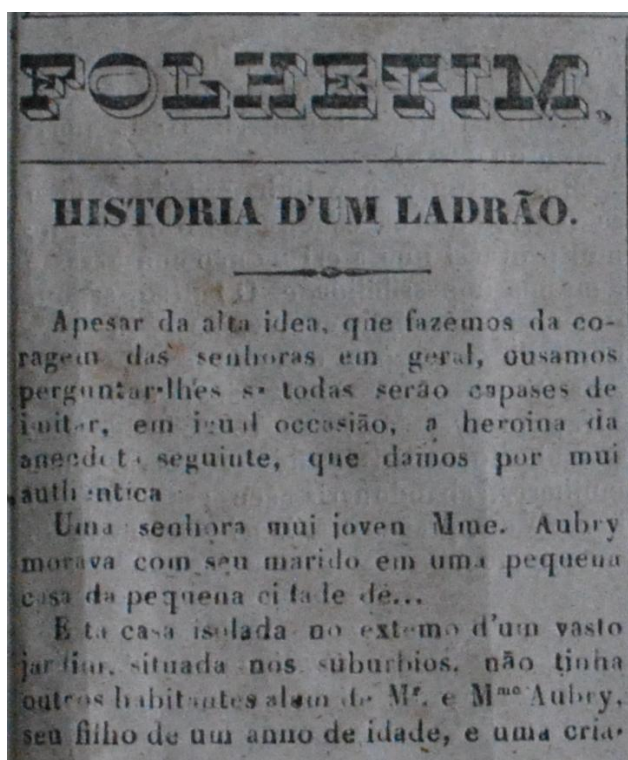
<sup>113</sup> “à cidade e ao mundo”, trecho do discurso do Papa em celebrações de Páscoa e de Natal.

letras, e que para nós será talvez a retorta onde irão reduzir-se a mais simples expressão as nossas já reduzidas ideias.

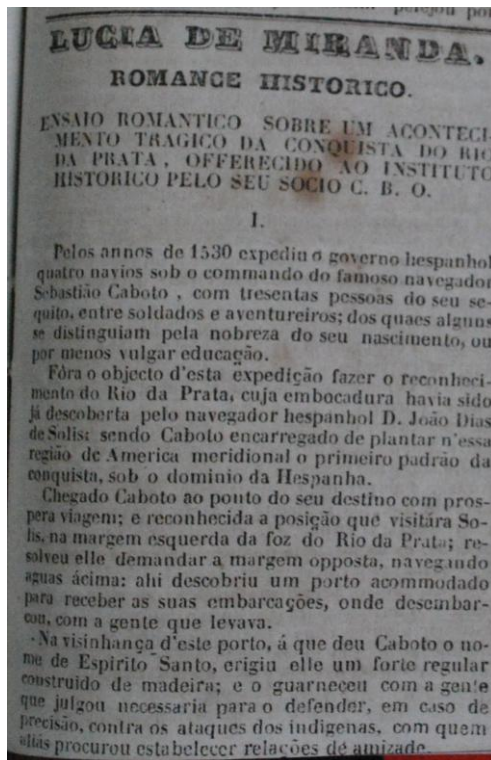
T.B.

## IMAGENS

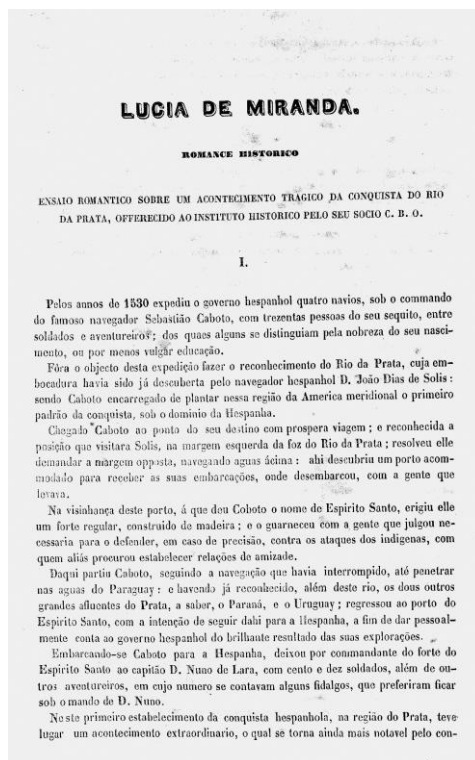
### 1. FOLHETINS:



*O Rio-Grandense, 8 nov. 1845*



“Lúcia de Miranda”, Candido Batista de Oliveira, em *Diário do Rio Grande* de 18 nov. 1851



“Lúcia de Miranda”, *Revista Guanabara*, nº 9, 1851.



# A VÍTIMA.

(Folhetim do *Correio do Brasil*)

Acheva-me tranquillamente fumando o meu charuto na sala de uma pequena estalagem no esmlho de Northampton, sem dar muita attenção ao que dizião uns cinco ou seis companheiros de viagem, quando um delles, homem bem parecido, ainda que já de meia idade levantou-se subitamente e depois de ter por mais de uma vez tossido e eszarrado, como padindo silencio e attenção, principiou com tom grave e doutoral: — Meus senhores...

— Escutemos, escutemos, clamarão os que o rodeiavão.

— Senhores, tornou elle, tendes todos contado historias mais ou menos extraordinarias, que ouvi com summo prazer. por isso que nellas acreditei, hem que algumas circumstancias terrivelmente maravilhosas quasi que me fizerão duvidar de sua veracidade.

— 5 —

— Coitado! — disse a esse tempo um dos tres individuos em voz baixa, porem não tão baixa que o não ouvisse perfeitamente. Coitado! não ha outro recurso senão a janella.

Todos tres emudecerão e olharão fixamente para mim. Um suor frio molhou-me a testa e as faces, tremou-me o corpo, os joelhos vaci llarão-me, eu julguei desmaiar senão me desseo presso de beber o copo de grog que me tinhão trazido.

— Que quereis que faça? É preciso é impossivel! mil raios me partão se me importa que o saiba, disse o mesmo homem que já tinha fallado, levantando-se com seus companheiros para sahir da sala.

— Boa noite, senhor, disserão me todos com voz rouca e grossa. — Boa noite, senhores, respondi lhes Ideo sahir? ficareis molhados, vede como chove.

— Oh! nós não vamos para muito

Rio-Grandense, 15 mai. 1853

# LITTERATURA.

---

**Um credor.**

NOVELLA ESCRIPTA EM INGLEZ.

POR.

*Miss Edgeworth.*

TRADUCCÃO (\*)

DE

**C. de K.**

(Continuação do n. 28.)

Como a criança ainda nada houvesse comido, achava-se fraca e por isso, sentindo faltarem-lhe as forças enquanto atravessava Covent-Garden, sentou-se no canto d'um canteiro de flores.

— Que estás fazendo ahí, gritou-lhe um

“Um credor”, de Miss Edgeworth, em *Eco do Sul*, 7 fev. 1862



“A filha na sepultura”, de Andersen, em Eco do Sul, 23 dez. 1866

RIO GRANDE.—TYPOGRAPHIA DO TEMPO.

MYSTERIOS DO RIO GRANDE

PRIMEIRA PARTE

A MOEDA FALSA

POR

JUNIUS

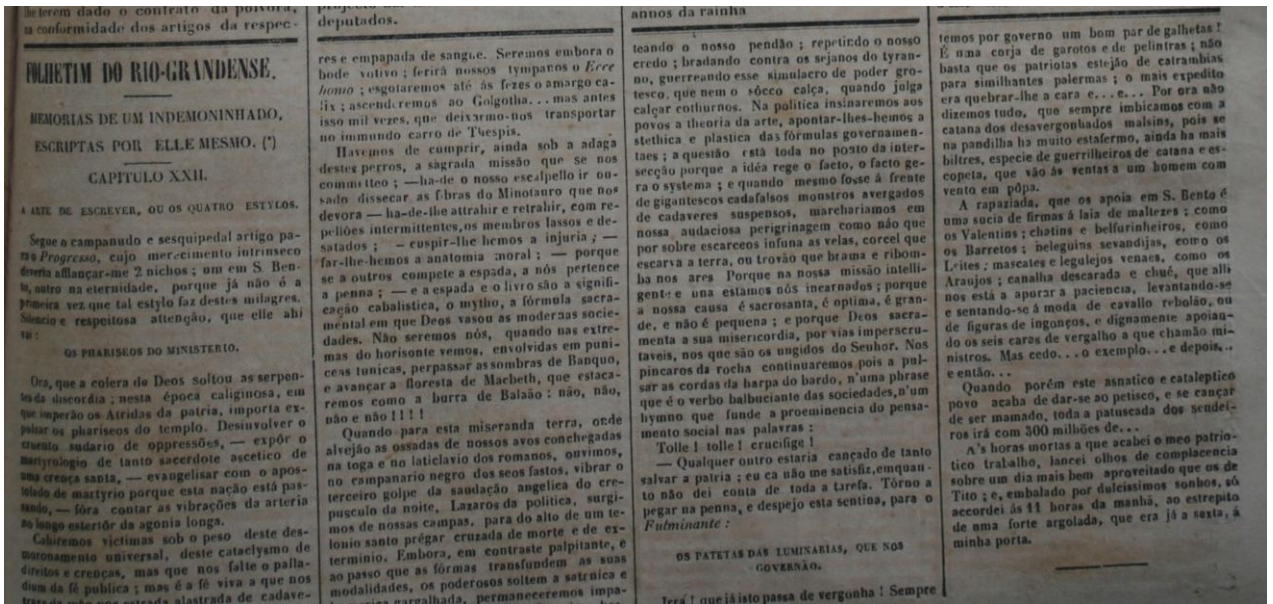
( FOLHETIM DO TEMPO )

1872

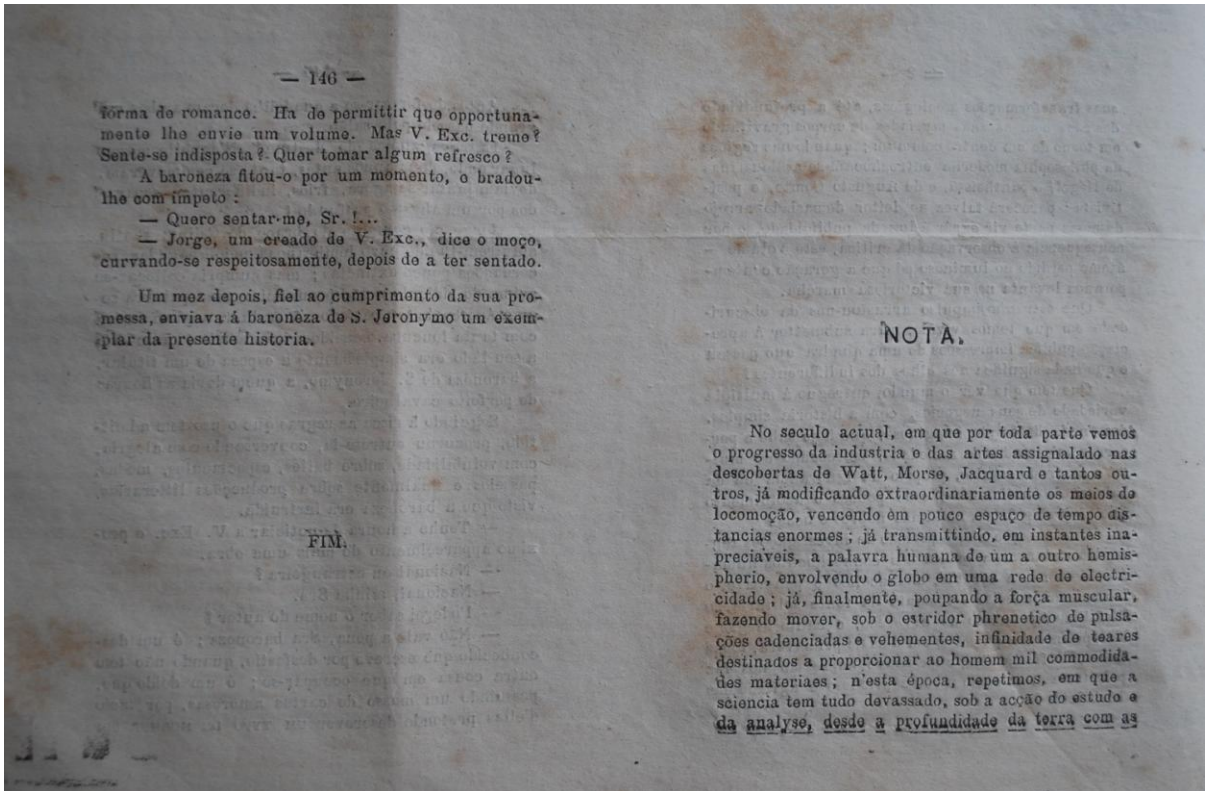
RIO-GRANDE.—TYPOGRAPHIA DO « TEMPO »

Capa de "Mistérios de Rio Grande", de Junius, em *O Tempo*, 5 jan. 1872





“Memórias de um endemoniado”, em *Diário do Rio Grande*, 30 set. 1850



“Um tipo de Mulher”, de Jorge Araújo, *Diário do Rio Grande*, 20 set. 1878.  
Término do epílogo e nota em que o autor justifica e caracteriza a sua publicação.







... Promethêo atado ao poste  
 ... louca paixão aos vinte annos,  
 ... matar meu pobre peito  
 ... fêl dos desenganos \*

IV.

... meos, meu Deus, 'inda tão cêdo !...  
 ... apenas o mundo me sorria !...  
 ... implume ávesinha — do futuro  
 ... mal os humbrês medir podia...

... que deu-me o mundo impio, ignavo  
 ... ao peito meu votou tão acres dôres,  
 ... ainda meus olhos deslumbrados  
 ... exemplo penetravam dos amôres.

... esse, justo Deus, a sina minha !...  
 ... chegou ao raior dos vinte annos,  
 ... o mundo por campã o pó do olvido,  
 ... por mausoléo, só, DESEGANOS !

MENEZES PAREDES.

## FOLHETIM.

### O folhetim e o album.

... Filhos da Moda, são dous irmãos que muito  
 ... no genio, no estylo e até nos costu-  
 ...

O *Folhetim* é eminentemente plebeo, demo-  
 ... e goza de todas as honras litterarias, pois  
 ... passando com o jornal por todas as classes  
 ... sociedade, soffre suas criticas e seus iouvo-  
 ... suas raivinhas ou seus sorrisos.

O *Album* é altamente aristocrata, seu apo-  
 ... e salão com elegancia adornado, seus  
 ... em geral calçam a luva de Jouvín, res-  
 ... os mais suaves perfumes, discorrem so-  
 ... as sentenças da moda, e lavram os arestos  
 ... com tom.

Uma rica capa garante o *album* do tacto,  
 ... inconsideradamente podesse de leve deixar  
 ... quasi invisivel signal sobre suas alvas e  
 ... paginas; emquanto o *folhetim* com  
 ... indifferença percorre o tapete de Tur-  
 ... e a meza sebenta do vendeiro, que para  
 ... annuncios e muitas vezes assignante do jor-  
 ...

O estylo do *album* é sempre comedido, como  
 ... linguagem da casquilha, que aos trinta annos  
 ... fazer conquistas; lisongeiro como um  
 ... cortezão; mentiroso como um laçao, e  
 ... tratado como um jesuita.

A politica do *album* consiste em disfarçar os

defeitos, preconisar as mais enlarcas virtudes,  
 ... divisar bellezas que não existem, e occultar  
 ... por alambiçadas palavras, os pensamentos que  
 ... nunca tiveram vida no coração de quem os es-  
 ... creveu.

O *folhetim* pelo contrario, é franco e ás ve-  
 ... zes franco demais: diz o que pensa, sem mui-  
 ... los preambulos, e se lhe escapa algum louvor,  
 ... saturado d'encenso, é por convicção que o of-  
 ... ferece, julgando na sua boa fe, que era bem  
 ... merecido.

O *folhetim* seria n'um sentido figurado, o  
 ... camponez do Danubio, perante o senado Ro-  
 ... mano: e o *album* um dos valides de Versa-  
 ... lles, dirigindo á Luiz XIV, as phrases, que só  
 ... á Deus pertencem, (suppondo que em Deus o  
 ... cortezão acreditasse.)

O *album* poderia ser comparado com aquelas  
 ... bellissimas flores admiradas nas estufas, pel-  
 ... las suas côres e seus perfumes, mas que colhi-  
 ... das desfolham-se, do contacto do ar, e de todos  
 ... seus thesouros, deixam apenas alguns restos  
 ... sem valor, nem prestimo.

O *folhetim* pelo contrario, assemelha-se mui-  
 ... to com a formosa rozeira, que alegra a vista  
 ... pelo seu lindo matiz, o olfacto pelo seu perfu-  
 ... me, e á saúde é utilissima, mesmo depois de  
 ... secca.

O *album* tambem se parece com a bella ar-  
 ... vore que nasce nas margens do Mar Morto (diz  
 ... Chateaubriand), e cujas fructas colhidas são um  
 ... conjunto de cinzas e podridão.

A lisonja excessiva e os pensamentos occultos,  
 ... e tão maliciosamente disfarçados no *album*,  
 ... podem autorisar a comparação.

Pelo contrario o *folhetim*, é como algumas  
 ... das nossas fructas silvestres, que além da côr  
 ... seductora, e agradavel, contem uma polpa fres-  
 ... ca, doce, vivificante, embora algumas partes  
 ... acidas, previnam a moderação do curioso, ou al-  
 ... guns espinhos defendam a fructa contra a deci-  
 ... dada vontade de a colher.

O *album* é o livro da vida, dizem seus admi-  
 ... radores e não se enganam, pois que as vicissit-  
 ... tudes do capricho, a mascara da falsidade, o  
 ... abuso de confiança e todos os males que o lapis,  
 ... a penna e o pincel podem produzir ali se en-  
 ... contram muitas vezes, sahidos da caixa de Pan-  
 ... dora, no fundo da qual nem ao menos a *Espe-  
 ... rança* deixaram.

O *folhetim*, é o livro do dia, ou da semana  
 ... quando muito.

O tempo o insta e a anedocta do momento o  
 ... inspira.

Na sua phrase reconhece se o som da orques-  
 ... tra que afina seu diapason: o rogar do vestido  
 ... de seda, que lhe aviva as idéas; as palavras se-  
 ... mi-confidenciaes de relance ouvidas, que dan-  
 ... sam no bico da genna para cahir sobre as tiras

de papel, empreguadas de delirio, de malicia,  
 ... de critica mesma, mas nunca de cobardia ou  
 ... maledicencia.

Inutil é declarar que o *folhetim* como o com-  
 ... prendemos, é aquelle que distrae, sem fati-  
 ... ga: alegra sem assustar a reserva, e deixa re-  
 ... flectir a joven leitora, sem intimidar seu pudor,  
 ... nem aconsellar-lhe outro signal de prazer, além  
 ... de um puro e angelico sorriso.

O *folhetim*, filha do povo tem o privilegio ex-  
 ... clusivo de levantar bem alto seus autores: da-  
 ... lhes mais que os foros de fidalgo, immorta-  
 ... liza-os.

E' o porteiro que sem a menor cerimonia  
 ... lhes abre as portas das academias, e dos insti-  
 ... tutos: que faz prostar á seus pés os artistas que  
 ... almejam por uma reputação, aliás merecida,  
 ... mas que poderia finir-se no esquecimento, se  
 ... uma trombeta bem tocada, não fizesse ouvir seu  
 ... nome *Urbi et orbi*.

O *folhetim* é o nosso Diabo Coxo, que sem  
 ... destelhar as cazas, vagar no espaço como os  
 ... duendos, todo vê, todo observa e todo diz, co-  
 ... brindo suas palavras com a fina garça da deli-  
 ... cadeza e cortezia.

E quantas travessuras não seriam entregues  
 ... ao dominio do respeitavel, e ás vezes tão pouco  
 ... respeitado publico, se o *folhetim* dissesse tudo  
 ... quanto sabe e o muito que occulta.

Na igreja, no theatro, e até no passeio, cam-  
 ... pos fertis para o *folhetim*, mesmo respigando  
 ... pôde fazer amplas colheitas, e fallar dos mila-  
 ... gres sem declarar o santo, a santa, os carolos  
 ... e as beatas.

Por ventura pode outro tanto fazer o nobre, e  
 ... enperdigado *album*? de certo que não.

Apenas como ao pavão lhe é permitido ad-  
 ... mirar sua bella plumagem, enumerar as gem-  
 ... mas que a cobrem, ostentar a rica palheta em  
 ... seu faver pela natureza esgotada, e depois do  
 ... tributo pago ao bello, em vão se procura o util.

E folheando o *folhetim*, mesmo pobre e des-  
 ... pido de graça (como V. G. o actual) não se en-  
 ... contra alguma cousa que desperte a attenção do  
 ... leitor?

Quando mais não fosse um vastissimo as-  
 ... sumpto para uma severa censura.

Emfim resumo feito do pouco que dissemos,  
 ... reconhecer-se-ha que para nos o *folhetim* é mil  
 ... vezes preferivel ao *album*; que aquelle genero  
 ... foi a pedrá philosophal achiada por muitos liti-  
 ... ratos, que hoje dão leis na republica das letras,  
 ... e que para nós será talvez a retoria onde irã  
 ... reduzir-se a mais simples expressão as nossas já  
 ... tão reduzidas ideas.

T. B.

Crítica literária sobre o gênero em *Arcádia*, 9 jan. 1870



### 3. ANÚNCIOS:

— **O nosso Folhetim.**— A parte do bello romance de Victor Hugo, que presentemente publicamos, é uma das mais eloquentes paginas daquella monumental epopeia, que tão profunda sensação tem causado em todos os circulos do mundo civilisado.

Uma das mais fundas e hediondas chagas da sociedade, é nestas paginas sondada por Victor Hugo.

E' a prostituição, essa triste filha da miseria, que arrasta á lama a mais bella e perfeita creatura do Universo, a mulher.

Fantina era honrada, á seu geito; amára um unico homem e se lhe entregára; o abandono do seu seductor a alira á miseria; se Fantina não tivesse uma filha, quiçá procuraria escender a sua vergonha no tumulo, e a sceptica critica do mundo, acharia em seu suicidio mais uma occasião, para estigmatizar a cobardia da creatura, que a si propria se destróe.

Mas Fantina é mãe, e precisa viver, para sustentar a sua filha.

E'la trabalha, trabalha dia e noite, fatiga-se, mata-se, e vive feliz porque ganha quanto basta para alimentar a sua Cosetta.

E a malevolencia lhe faz perder o emprego.

Comentário sobre *Os miseráveis*, de Victor Hugo em *Diário do Rio Grande*, 21 ago. 1862

## ECHO DO SUL.

### OCCORRENCIAS.

— **Os miseráveis.** — A parte d'esse bello romance, que nos ultimos dous numeros do *Echo* temos publicado, dá lugar á serias reflexões, e a sua leitura nos commoveu profundamente.

O sublime caracter do bispo Bemvindo, é traçado com mão de mestre e nos offerece a verdadeira imagem do prelado no sentido do Evangelho.

Esse caracter nos fez por mais de uma vez saudosos recordar do nosso finado bispo D. Feliciano, d'esse veneravel ancião, como Bemvindo, filho e amigo do povo; como elle des-tituído de ambição mundana, de vã ostentação e de luxos; como elle, finalmente, bemfazejo e amigo de repartir todos os seus rendimentos entre os pobres e os necessitados.

E agora, no cap. XII que hontem publicamos, encontramos o reverso do quadro — o bispo fidalgo, o bispo ambicioso, rico, cerca do d'uma cõrte de padrecos, d'um luxo asia-

dos para o futuro do immenso territorio do Mucury, offerece ao governo imperial, o qual deve ser grato ao Sr. J. C. Gomes, que com immenso trabalho e perigos pessoais conseguiu colher esses dados, nas matas, percorridas por bugres hostels, e nas regiões postiferas, das costas do Mucury, e que com este trabalho forneceram ao governo imperial as bases da utilização do immenso territorio e das obras, que pelo encampamento do contracto da companhia, passarão a ser sua propriedade.

**Serviços taes não devem ser esquecidos.**

— **Os Jesuitas e as Colonias.** —

A alta inconveniencia e perniciosa influencia da introdução dos padres da companhia de Jesus nas colonias allemãs do Norte da provincia, vae concentrando a pouco e pouco as forças inimigas áquelle elemento.

O *Deutsche Zeitung* de Porto Alegre continua a prolligar em termos vigorosos aquellas aves agueiras d'um triste fim da colonisação, e a combater o espirito ultramontano que ha algum tempo orgulhozo alça o collo em nossa provincia.

Outra folha da capital tambem desposou a causa das colonias, e pronunciou-se altamente contra a tolerancia do governo, que admite a

Atirada a miseria, á pobre victima dos preconceitos da sociedade, ainda assim não desanima; soffre frio, fome e privações de toda a classe, mas trabalha, trabalha sempre, cada vez mais.

E a miseria cresce; a concurrencia faz diminuir o preço das costuras; com 18 horas de constante trabalho não ganha senão 7 soldos, e 10 deve pagar diariamente da pensão de sua filha.

E não desanima ainda assim; mas exige-lhe 40 francos para sua filha que está doente; a sua filhinha morrerá quiçá sem esse recurso.

Fantina vende os seus bellos cabellos para comprar uma saia quente para a menina e depois vende dous dentes de sua bocca, que o dentista lhe arranca, para obter 40 francos.

Nada mais lhe resta, despida já dos seus attractivos naturaes, ella continúa a trabalhar, trabalha sempre, embora a tísica lhe mine as forças, embora a vista lhe falte; afinal o ganho ainda diminúe, e sempre lhe pedem dinheiro e mais dinheiro para o sustento de sua filha.

«Eia, disse a misera, vendamos o resto!»

E Fantina se torna prostituta.

Ella se prostitue para alimentar a sua filha; prostitue-se depois de haver lutado contra a sua triste sorte.

E agora o mundo a dispresa; e agora a ridicularisam, escarnecom della.

E a policia remata a obra da sociedade.

E' este o ponto a que chegou a publicação, que estamos fazendo.

Nada mais pungente, nada mais horroroso que essa fiel pintura dos incríveis padecimentos daquella alma; nada mais terrível que esse assassinato physico e moral commetido pela sociedade n'um dos seus membros.

Essa passagem da obra de Hugo, é uma sublime lição, dada ao mundo, e deve altamente interessar a todos os leitores, que na leitura achão um incentivo para pensamentos serios.

Recommendamos pois á especial attenção do publico, a parte dos *Miseraveis* que presentemente publicamos.

Descrição da trama dos *Miseráveis*

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 20 ago. 1862

# Elyssandro

OU

## Um drama no mar.

Esse romance marítimo ha pouco publicad<sup>o</sup> no *Echo do Sul*, q' tem por assumpto as terriveis occorrencias succedidas a' bordo da escuna *Winthorp* que tanta impressão fizeram nos habitantes do lugar, sahira' brevemente a luz, n'um volume nitidamente impresso e brochado.

Recebe-se assignaturas para essa publicação no escriptorio do *Echo do Sul*, tanto nesta como na cidade vizinha, sendo o preço d'assignatura 800 rs. por exemplar, pagos no acto da entrega.

Sem ser por assignatura [custara' cada exemplar 1\$500 rs.

*Eco do Sul*, 9 nov. 1862, p. 4

COLLECCAO DE ROMANÇOS.

Convenientes de que o habito de romances se ad-  
quira ordinariamente a um gômodo pelo at-  
tento que offerecem na obra de imaginação, e  
abundante a litteratura moderna em obliquações,  
que a par do defeito da fregza, offerecem um inte-  
resse inextinguível, já traçando com cõrtes vista o  
quadro animado de séculos e epochas historicas, já en-  
dicando a sociedade moderna, e as proteções de  
civilizada, e as do precario estado de civilização e de  
egolismo, vamos trazer a traducção de alguns RO-  
MANÇOS modernos de mais abstracção, esperando  
que esta tentativa seja bem recebida em toda a pro-  
vincia.

Publicar-se-á em Porto Alegre na typographia  
de Pennelli & C.<sup>a</sup> um volume cada mes, em duas  
partes e fôrms nove, logo que se tenham obtidos 300  
assignaturas.

Preço da assignatura 12\$000 rs. por anno,  
pagando 1\$000 rs. na occasião da entrega de  
cada volume, que terá acompanhado de uma lista  
impressa dos Srs. assignantes que protegerem es-  
ta empresa.

Recebem-se assignaturas n'esta cidade de Rio  
Grande na loja de livros de Daniel de Barros e  
Silva.